

REVISTA

EDIÇÃO Nº 120 | JUNHO DE 2025

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS

ESPECIAL
MACHADO
DE ASSIS

E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA



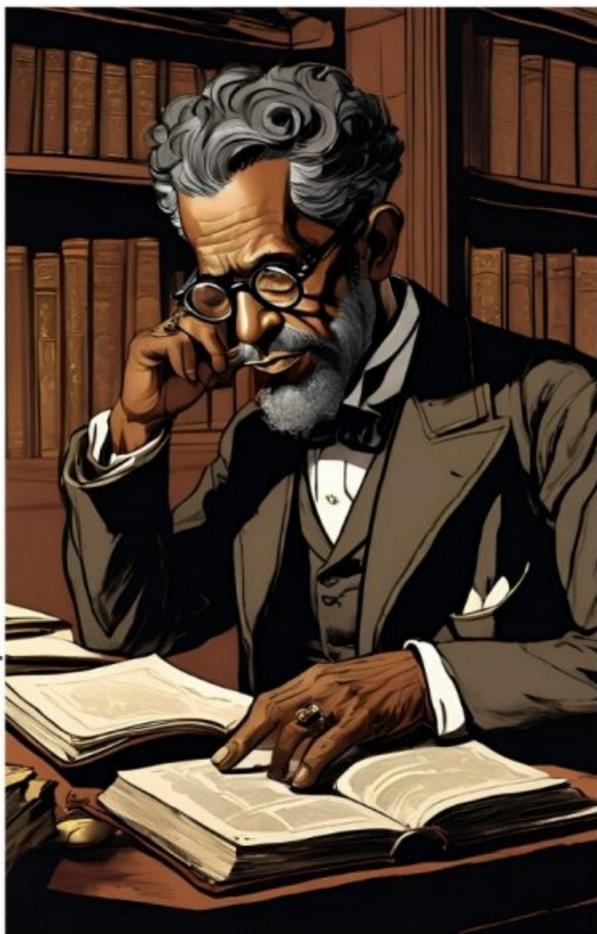
ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Machado de Assis - Ilustração



6

MACHADO DE ASSIS

Machado é o patrono da cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras, da qual foi o primeiro presidente. Fundador da instituição, sua imagem ainda [...] Confira + na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: @conexaoliteratura
Facebook 2: @conexaogramatica
Instagram: @revistaconexaoliteratura
Youtube: @conexaonerd



E-mail: ademir@divulgalivros.org
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



Índice

Expediente, pág. 02

Editorial, pág. 04

Patrocinadores da Revista Conexão Literatura, pág. 05

Especial: Machado de Assis, pág. 06

Conto: O balanço da velha árvore, por Ademir Pascale, pág. 09

A hora da Claríssima Femina, por Clarissa Xavier Machado, pág. 14

Poema: Assimetria, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 21

Ensaio: SEM NEXUS: uma reflexão necessária sobre identidade, dissolução e confinamento na relação de adolescentes com a tecnologia na era da inteligência artificial, por Patrícia Roberta Alves Xavier de Almeida, pág. 23

Série Garças Brancas e Eu, por Sellma Luanny, pág. 30

Dois milhões de pedais, por Marco Paulo Alves Ferreira, pág. 35

Frieza relacional e a diluição do vínculo humano, por Rob Alme, pág. 38

Dicas para leitura, pág. 45

Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 47

Poema: Mais um Junho, por Sellma Luanny, pág. 53

Somos frágeis, por Fauno Mendonça, pág. 55

Ensaio: A conjuntura da literatura brasileira ao longo da década de 40, por Flavio Rafael Mendes Campos, pág. 56

Poema: Desejo, por Andrea Villa-Lobos, pág. 71

O Império Contra Ataca, por Flavio Joppert, pág. 73

Heráldica para adolescentes e veteranos, por Flavio Joppert, pág. 76

Contos do vampiro, por Flavio Joppert, pág. 81

Poemas de Renan Apolônio, pág. 84

Entrevista com Uedison Pereira, pág. 89

Citações de grandes autores, pág. 95

Conto: José, por Aline Leal Mota, pág. 99

Conto: Original, por Idicampos, pág. 103

Conto: Hoje é 13 de maio, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 108

Conto: Mistério, por Mônica Palacios, pág. 113

Conto: A vassoura de sombras, por Ney Alencar, pág. 117

Conto: Por um fardo mais leve, por Roberto Schima, pág. 123

Conto: Planos que mudam, por Simone Bastos Paiva, pág. 134

Colecione, pág. 140

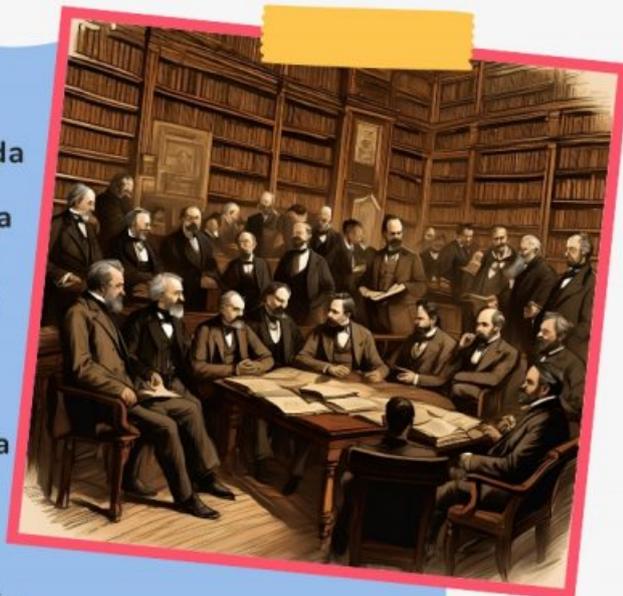
Mídia Kit, pág. 142

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 144

EDITORIAL

Edição 120 - Junho/2025

Com imensa alegria, apresento a edição de junho da Revista Conexão Literatura, que traz ninguém menos que Machado de Assis em destaque na capa e em uma matéria exclusiva. Como editor, sempre busco valorizar o que há de melhor na literatura, e não poderia deixar de homenagear esse gênio das letras brasileiras. Nesta edição, mergulhamos na vida, obra e legado de Machado, revelando curiosidades e aspectos pouco conhecidos de sua trajetória. É uma leitura essencial para quem ama a literatura nacional. Também trazemos entrevistas, contos, poemas, ensaios, dicas para leitura e a participação de autores contemporâneos que mantêm viva a chama da nossa cultura literária. Convido você, leitor, a celebrar conosco essa edição especial.



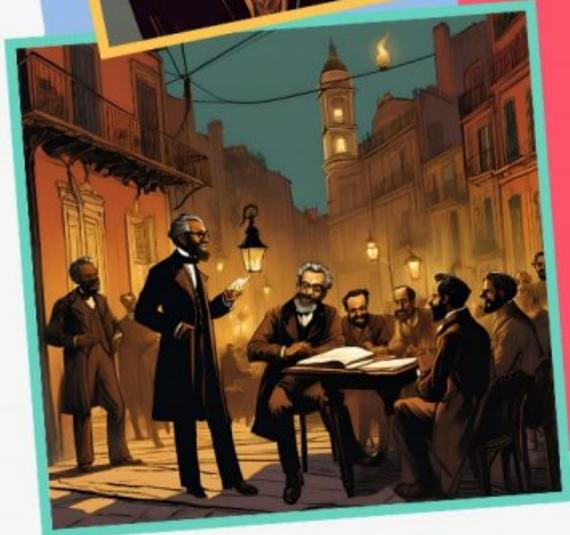
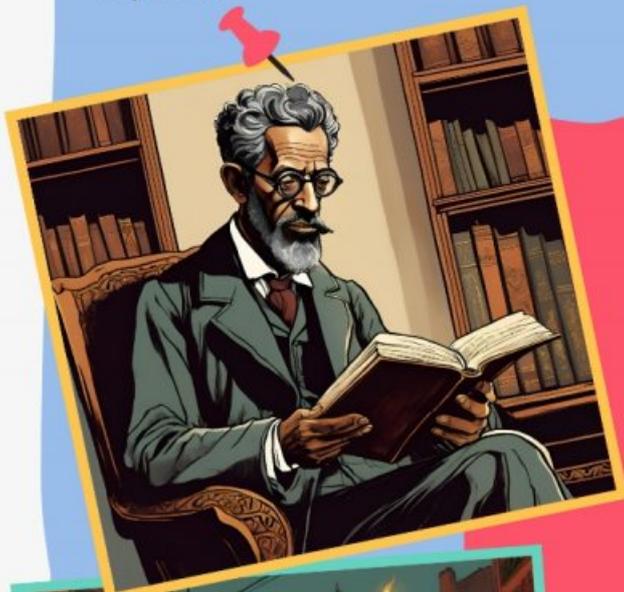
Saiba mais

Para saber como participar da nossa edição de julho/2025, seja com conto, crônica, poema, ensaios ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.

Boa leitura e até a próxima!

Ademir Pascale
Editor-Chefe

E-mail: ademir@divulgalivros.org



Visite nosso site

www.revistaconexaoliteratura.com.br

NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Joaquim Cândido de Gouvêa

Instagram: @joaquimgouvea_



Casa Brasileira de Livros

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da Revista Conexão Literatura:
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



Luciana Simon de Paula Leite

Instagram: @lucianasimonleite



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser adquiridos pelo link:
encurtador.com.br/igdpn



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterochoa.com.br
Instagram: @gilmarduarterochoa



Clarissa Xavier Machado

Instagram: @clarissaxmachado

**APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.
SAIBA COMO:**

clique aqui



Machado de Assis

REVISTA CONEXÃO LITERATURA - JUNHO/2025

POR ADEMIR PASCALE

"Sua importância é mundial — estudado em universidades de renome, traduzido para diversos idiomas, e considerado por críticos como um dos maiores autores da literatura universal [...]"

Machado é o patrono da cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras, da qual foi o primeiro presidente

Falar sobre **Machado de Assis** é mergulhar no coração da literatura brasileira. Eu, Ademir Pascale, não poderia deixar de destacar esse mestre imortal que, mesmo nascido em 1839, continua mais atual do que muitos autores contemporâneos. Nascido no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, Joaquim Maria Machado de Assis veio de origem humilde, mulato, epilético e gago — condições que, para muitos, seriam barreiras, mas que ele transformou em combustível para fazer história.

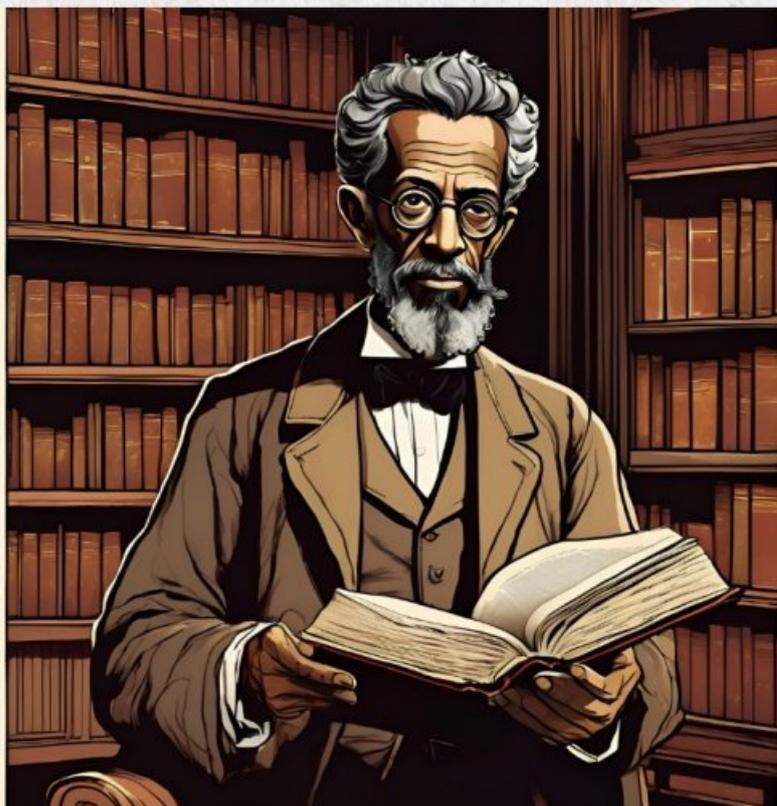
Machado é o patrono da cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras, da qual foi o primeiro presidente. Fundador da instituição, sua imagem ainda hoje inspira todos nós, escritores e leitores. Sua importância é mundial — estudado em universidades de renome, traduzido para diversos idiomas, e considerado por críticos como um dos maiores autores da literatura universal.

Seu estilo literário é singular: um mestre do realismo psicológico, da ironia sutil, da crítica social refinada. Criou personagens marcantes como Brás Cubas, Dom Casmurro e Quincas Borba, sempre com uma visão aguda da alma humana.



Machado de Assis

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Machado de Assis - Ilustração

Dom Casmurro é, para mim, um exemplo de como a literatura pode questionar, provocar e deixar a dúvida pairando no ar. Teria Capitu realmente traído Bentinho? Machado nunca responde. Ele apenas sugere.

Curiosidades não faltam: mesmo sem nunca ter viajado para o exterior, Machado lia em francês, inglês e alemão; foi funcionário público por décadas e chegou a ser revisor de jornal; e, surpreendentemente, nunca frequentou uma universidade. Ainda assim, fundou escolas de pensamento com sua pena afiada.

Algumas frases dele que gosto de citar:

- “A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.”
- “Cada qual sabe amar a seu modo; o modo, pouco importa; o essencial é que saiba amar.”
- “Ao vencedor, as batatas.”

Na vida pessoal, foi casado com a portuguesa Carolina Augusta, sua grande companheira e incentivadora. Após sua morte, mergulhou em uma solidão silenciosa até falecer em 1908. Mas sua obra nunca morreu.

Influência? Gigantesca. De Lima Barreto a Rubem Fonseca, de críticos estrangeiros como Harold Bloom a leitores como eu, Machado pulsa em cada palavra que escrevemos ao refletir sobre o Brasil profundo, o ser humano e suas contradições.

A **Revista Conexão Literatura** continuará destacando periodicamente grandes autores brasileiros, como forma de manter viva a memória literária do nosso país. E se você ainda não leu Memórias Póstumas de Brás Cubas, essa é uma ótima porta de entrada para a genialidade machadiana. Publicado em 1881, o romance é narrado por um defunto-autor que, com ironia e um humor ácido, expõe as hipocrisias da sociedade e a vaidade humana. Um livro que inverte as regras do romance tradicional e influenciou gerações dentro e fora do Brasil.

SOBRE ADEMIR PASCALE

Paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e Editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetautoestima.com.br>). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de S. Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro “Nouvelles du Brésil” (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Autor dos romances “Jornal em São Camilo da Maré” e “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe”. Entre a organização de suas antologias, estão os títulos “O Legado de Edgar Allan Poe”, “Histórias Para Ler e Morrer de Medo”, “Contos e Poemas Assombrosos” e outras. Escreveu a introdução do livro “Bloody Mary - Lendas Inglesas” (Ed. Dark Books). Contato: ademirpascale@gmail.com



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



PROCURA-SE UM MICROCONTO QUE VALHA OURO!

R\$ 5.005,00
por um microconto!



MicroConto de Ouro

Inscrições abertas até 02/06!



www.casabrasileiradelivros.com



/ Casa Brasileira de Livros



@casa.brasileira.de.livros

O BALANÇO DA VELHA ÁRVORE

Por Ademir Pascale

O vento açoita as árvores impiedosamente. Ao longe, o negrume no céu anuncia que logo virá uma forte tempestade. Respingos de água já caem no descampado e no grande vidro da janela do antigo casarão que está à venda. Um pequeno dedo indicador traça a silhueta de uma carinha triste no vidro embaçado da janela do quarto do primeiro andar, enquanto olhos miúdos e semicerrados observam algo no quintal:

– Pai, quem é aquele menino no balanço lá fora? – diz Giulian, olhando para o galho de uma grande árvore no meio do quintal do casarão, enquanto seu pai conversa com o corretor de imóveis.

– Mas por que faz tanto tempo que esta casa está à venda? O preço até que não está tão alto assim, se considerarmos a quantidade de cômodos, a localização e a área de lazer – diz Peterson, acariciando sua longa barba.

– Pois é... Acredita em destino? Eu acredito e essa casa certamente ainda não foi vendida porque já estava destinada para você e sua família – diz o corretor, com seu grande papo enquanto tenta descobrir o que tanto Giulian olha lá fora.

– Pai, pai, o menino está olhando pra cá...

– Não me interrompa agora, Giulian. Que menino o quê? Com uma ventania dessas e com essa tempestade que vai cair, que garoto seria louco de ficar num balanço de uma velha árvore? Fora isso, não tem ninguém aqui ou lá fora a não ser nós três. Comporte-se, certo? Estou tentando comprar essa casa para fazer uma surpresa para a sua mãe. Bom, vamos lá. Sei que o preço não está tão alto, mas o pagamento será à vista. Tente dar um descontinho pra gente fechar negócio. Você sabe que eu ainda irei gastar com a papelada e tudo mais – diz Peterson para o corretor.



– Certo, certo. Tenho certeza que o senhor está fazendo uma boa escolha. Consigo um descontinho, mas só porque é para o senhor. Vamos deixar o garoto aqui e vamos lá para a sala ao lado.

Peterson e o corretor saem do quarto conversando, enquanto que Giulian, sem perceber que eles saíram, continua a olhar lá fora. Mas, de repente, o garoto o qual ele dizia estar no balanço desapareceu, não havia mais ninguém. Ele pode ter se enganado e provavelmente o seu pai estava certo. Era a sua imaginação fértil.

– Vamos, Giulian, está praticamente tudo certo. Na próxima semana, a gente se muda pra cá. Você está feliz?

– Sim, estou... – diz o garoto um pouco acanhado.

– Oras, fique feliz. Olhe o espaço lá fora para você brincar. E esse quarto... Vamos, semana que vem a sua mãe terá uma bela surpresa.

Os três saem da casa. O vendedor com um largo sorriso pela comissão gorda que irá receber. O garoto, já dentro do automóvel do seu pai, se vira no banco traseiro e olha mais uma vez para o balanço da grande árvore, enquanto que o carro vai se distanciando cada vez mais da casa.

Não tinha nada lá, apenas o vento que empurrava o balanço fazendo a corda gemer num som repetitivo.

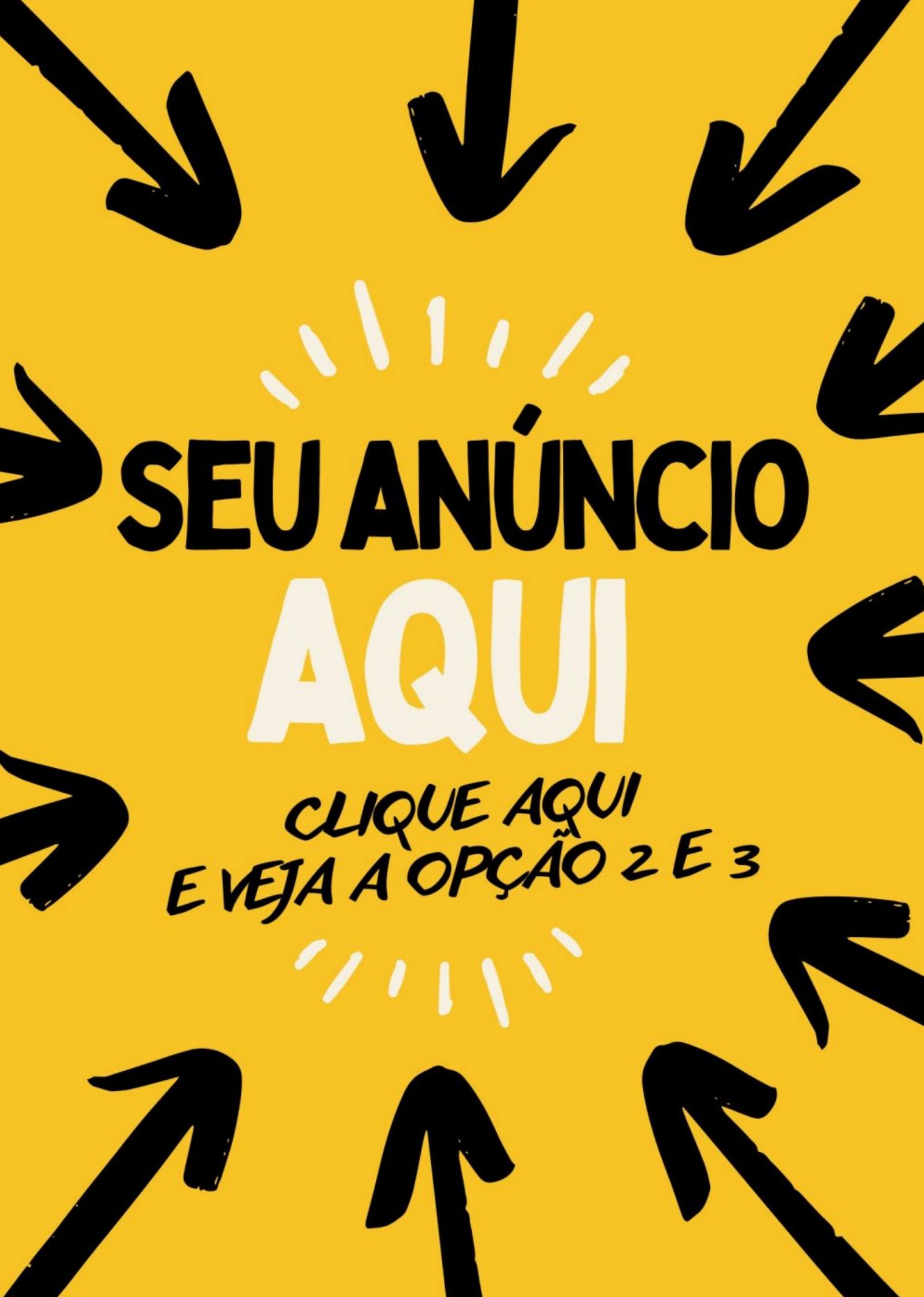


Mas, no clarear de um relâmpago, um garoto reaparece sentado no balanço. Suas vestes fúnebres parecem ser de uma outra época. Seus olhos negros estão fixados na silhueta do desenho que Giulian deixou no vidro da janela do quarto que lhe pertenceu quando ainda estava entre os vivos.

O garoto dá um sorriso, deixando à mostra sua boca enegrecida. Agora ele está feliz, pois finalmente, depois de 55 anos, terá um amigo para compartilhar sua solidão e, quem sabe, desvendar um crime: descobrir seus restos mortais, que foram enterrados no pé daquela mesma árvore pelo seu perverso padrasto.



Ademir Pascale é Paulista, escritor e ativista cultural. Criador e Editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>, Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de S. Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Autor dos romances "Jornal em São Camilo da Maré" e "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe". Contato: ademir@divulgalivros.org



SEU ANÚNCIO AQUI

CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3

A Hora da Claríssima Femina

(De título honorífico à arquétipo literário)

Por Clarissa Xavier Machado



SOBRE A AUTORA: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Pós-graduanda em Neurociências. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da AFESMIL.



*“Antes da pré-história
havia a pré-história da pré-história.”*

Isso eu vi na televisão.

MONÓLOGO INTERIOR

Eu, às vezes, sinto a volta da Antiguidade Tardia, onde tudo era aparência e nada além de interesses próprios importavam. É estranho pensar nisso em 2025, no entanto, como dizia o Rei Salomão - o que foi tornando a ser, o que foi feito se fará novamente; não há nada novo debaixo do sol (Eclesiastes 1:9). Guerras, mentiras, manipulação, falsidade, traições e desamor. Não há nada de novo. Nem mesmo nós, mulheres, nós que ainda precisamos seguir “*Claríssimas Feminas*” seja como for, seja onde for, dia após dia.

*“Não acredito em ninguém;
todos mentem,
às vezes até na hora do amor.”*

As redes sociais estão infestadas disso.

EXPERIÊNCIA FEMININA

Claríssima Femina é perfeita. Ou deveria ser. É o esperado. Conduta impecável. Mesmo que seja inventada. Diálogos orquestrados e uma vida de atuações teatrais. É o jogo. Dizem que para sobreviver é preciso saber jogar, do contrário, te jogam fora.

“Pois fique sabendo que meu nome será escrito num jornal
e sabido por todo mundo!”

Li num livro antigo. Pareceu-me atual. Estou confusa. Minha consciência voa.

FLUXO

O título honorífico *Claríssima Femina (CF)* - que foi criado pelo Império Romano para reconhecer o *status* de mulheres pertencentes a famílias influentes e nobres, especialmente às famílias dos senadores, militares e religiosos - está de volta, disfarçado de “um arquétipo a ser ativado”. Agora o título honorífico, outrora concedido a determinadas pessoas como forma de reconhecimento de sua dignidade, boa reputação e méritos, é chamado de “área primitiva do cérebro”, um segredo que ninguém pode receber a menos que pague. Então, agora, para adquirir o título vitalício de *Claríssima Femina*, aquela dama, Senhorita ou Senhora, de grande destaque e prestígio dos tempos da Roma Antiga, deve

fazer um cursinho on-line. E adeus àquele papo de “seja você mesma”. Voltamos a Roma, aos tempos do Império Romano. Manipule. Controle. Domine. Leia-se: seja *fake!* Tudo isso e muito mais em pacotes que mexem com o ego e deixam de fora estudos sobre o que poderia de fato significar ser uma *Claríssima Femina*, expressão que vem do latim, derivada de Clarissa, que significa “luz, brilho e esplendor”, vocábulo que, por sua vez, provém de Clara; logo, por etimologia, *Claríssima Femina* significa “Mulher Claríssima”, o mesmo que mulher ilustre, brilhante, esplêndida.

*“Que ao escrever que o nome real seja
dado às coisas; cada coisa é uma palavra
e quando não se a tem inventa-se-a,
esse Vosso Deus que nos mandou inventar.”*

Está tudo escrito em algum lugar. Na testa. Na palma das mãos. Nas estrelas.

FRAGMENTADO E POÉTICO

Com a queda do Império Romano, o título deixou de ser utilizado formalmente, todavia, seu uso protrai-se no tempo, designando uma mulher admirável e inspiradora, que se destaca por sua inteligência acima da média, atuação brilhante e também por um charme e uma beleza que transcende a aparência e se manifesta em sua essência carismática, autêntica e generosa. A Igreja Católica, notando a consolidação da expressão, decidiu incorporá-la com o objetivo de construir um modelo de santidade feminina - uma mulher esplêndida por seus princípios, valores e virtudes pautados na Bíblia: nascia, então, a *Claríssima Femina Cristã*. No âmbito religioso, “Claríssima” passou a ser adotado também junto à palavra "Mater", uma referência a Nossa Senhora.

“Borboleta branca.”

Eu quase sei a Bíblia de trás para frente.

TEMA UNIVERSAL

Uma *Mulher Claríssima* é uma imagem muito relevante, pois é o protótipo da mulher cheia de luz. De acordo com o Dicionário dos Símbolos arquetípicos, a luz representa não apenas iluminação e sabedoria, mas também a verdade, uma vez que está associada ao poder de transformar a vida, renovando-a e removendo-a das trevas e do caos. A luz é um símbolo arquetípico fundamental, reforçado pela Bíblia, onde no capítulo de Gênesis consta que “viu Deus que a luz era boa e fez separação entre a luz e as trevas” (Gênesis 1:4).

“Ela era o que era.”

Deparei-me com uma lista maior do que eu imaginava, um dia, nem sei quando.

ANÁLISE PROFUNDA

Muitos nomes são lembrados quando o assunto é *Claríssima Femina* e a história completa pode ser encontrada em “Claríssima Femina - Estudos da História Social das Mulheres da Elite de Roma” (M -T Raepsaet-Charlier e A. Alvarez Melero. França. 2016). As mais famosas *Claríssimas* da história foram: Syagria Flávia, filha de Flavius Afranius Syagrius; Papianilla, sobrinha do Imperador Marco Mecílio Flávio Epárquio Ávito; Aconia Fabia Paulina, filha do senador romano Aconius Catullinus Philomatius e esposa do prefeito da corte do Imperador Valentiniano Vettius Agorius Praetextatus; Maconiana Severiana, filha do senador romano Marcus Aurelius Proculus Faustianus (neto do Imperador Marco Aurélio) e da Claríssima Femina Praecilia Severiana, de ascendência senatorial; Aemilia Rogatilla, sobrinha da sacerdotisa Máxima de Vesta Flaviae Publiciae; Dominica, filha do oficial bizantino Narses; Cornélia Plácida, filha do senador Lucis Stettinius Quintilianus Acilius Strabo Cornelius Rusticus Apronius Senecius Proculus; e Placidina, descendente do imperador Marco Mecílio Flávio Epárquio Ávito e esposa do bispo Leôncio de Bordéus.

Por longos anos, “Claríssima Femina” ficou restrito a inscrições fúnebres e poemas, até ser resgatado pela Literatura como o **arquétipo literário da Mulher Esplêndida** cuja força está nos três arquétipos que em si conjuga: rainha-heroína, mulher sábia e deusa-rebelde.

“A realidade, essa me ultrapassa.”

Caberia um webinar.

QUEBRA DE CONVENÇÕES

A história da *Claríssima Femina* Aconia Fabia Paulina foi justamente o que pode ter contribuído para a passagem do título a arquétipo. Paulina foi uma figura-chave na história de Roma, uma mulher visionária, iniciada nos mistérios de Elêusis e nos mistérios de Deméter, tendo atuado como sacerdotisa (hierofante) de Hécate e adoradora de Magna Mater, e que ainda foi poeta chegando a ser citada na obra *Poetas Latinas*, de Jane Stevenson (Oxford University Press, 2005). O poema que ela compôs para seu finado marido, com quem foi casada por 40 anos, é um ode ao amor e à lealdade matrimonial.

“Mas voltemos a hoje porque, como se sabe, hoje é hoje.”

TED algum comentou isso.

RETRATO DO COTIDIANO

Na Literatura, Helena de Tróia incorpora o arquétipo literário da “Mulher Esplêndida”, uma mulher com altas habilidades, estabilidade financeira, capaz de exercer influência e inspirar pessoas. É o modelo da mulher forte e valente que não precisa de ninguém para sobreviver. É... A Mulher Esplêndida é essa mulher fenomenal que sabe que é fenomenal, exatamente como afirmaria Maya Angelou: “eu sou uma mulher fenomenalmente. Uma mulher fenomenal, eu sou!”, e que, por isso, nos dias atuais, assusta e, quase sempre, afasta a maioria dos homens.

“Ela... era teleguiada exclusivamente por si mesma.”

Bloqueada e cancelada. Leia-se: ela é insuportável.

EPIFANIA

Cabe ressaltar que o título de *Claríssima Femina* era vitalício a menos que Senhorita se casasse com um homem que não tivesse tão elevada posição social, nesse caso, a mulher perderia o título. Caso mantivesse o título até sua morte, este seria inscrito em sua lápide. E se outrora, uma *Claríssima Femina* não poderia casar-se com um homem de inferior *status* social, hoje, ela não pode se casar com um homem de inferior *status* emocional. Não porque ela não queira, e sim porque estar ao lado da “Most Splendid Woman” não é tarefa fácil, pois, afinal, o que se poderia oferecer a uma mulher que é por si só e que não precisa de nada?

De nada? Mas nem de amor?

Ora, a *Esplêndida* não precisa do amor do outro, sua autoestima é elevada, ela tem convicção de seu alto valor e de seu potencial. Portanto, um consorte para uma *Esplêndida* precisa ser um homem que esteja disposto a ser cúmplice, companheiro, parceiro, que deseje construir uma vida junto, tijolo por tijolo, como se diz, e permanecer ao lado dela, admirando-a, respeitando-a, apoiando-a e recebendo todo o amor que ela intensamente oferece.

*“Quem me acompanha que me acompanhe:
a caminhada é longa, é sofrida mas é vivida.”*

Intensamente? Claro! A *Mulher Esplêndida*, encarna a rainha e a deusa, logo, sedução e paixão são características da sua personalidade. Ela é encantadora. Tem magia. Por isso, ela brilha como uma estrela. Ou até mais.

*“Essa narrativa mexerá com uma coisa delicada:
a criação de uma pessoa INTEIRA que na certa
está tão viva quanto eu.
Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la
para que vós a reconheçais na rua.”*

Áudio em velocidade máxima. Ninguém quer ouvir isso.

A ESTRELA

É que a *Mulher Esplêndida* é uma pessoa inteira e não despedaçada apesar dos pesares da vida. E ser inteira é algo que se nota. E é difícil despedaçar uma pessoa inteira porque isso deixa o malfeitor em evidência. Mais fácil é despedaçar quem já aparenta estar em pedaços. Até mesmo porque a reação de uma pessoa destroçada é previsível; ao contrário da reação da pessoa inteira quando é destroçada: sua reação é totalmente imprevisível.

“Ela vive num limbo impessoal.”

Duas visualizações. Nenhuma curtida.

A HORA

É chegada a hora da evolução da humanidade. Basta de amores líquidos, supérfluos e covardes. É tempo de conexão de almas. O amor contemporâneo é sobre vibrar na mesma frequência.

“Um beijo de almas.”

Hoje é hoje, e o hoje não é sobre presentes. É sobre estar presente e ser de verdade. É sobre crescer e caminhar de mãos dadas aconteça o que acontecer. Hoje. Não antes nem depois.

Apenas hoje.

“Para captar sua alma tenho que me alimentar.”

**Citações: Clarice Lispector.*

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
**CONTOS E POEMAS
SOBRE O FUTURO**
VOL. VII

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

ASSIMETRIA

Por Mirian Menezes de Oliveira

Não há molde em que encaixe a minha alma,
tão incongruente e plurilateral!

Caleidoscópica,
sensível e errante...

Alma transtornada e mutante!

Assimétrica:
sem proporções.

Não há traço que reproduza meu espírito,
tão disforme e inconsistente!

Sem medidas...

Independente!

Assimétrico,
Sem razão!

Plurilateral...

Sou quem posso ser:

Árvore estatelada ao sol,
ou sombra refletida na parede.

Tudo é perfeito...

Só minha alma não se encaixa!

No esboço confuso da vida,
tenho medo de perder as linhas mal traçadas da alma.

O labirinto é imenso:
as formas diversas!

Não há molde em que se encaixe minha alma
tão inconformada e desatenta!

Estilhaçada...

Dilacerada e inconstante...

Alma incompleta e errante,
Poligonal,
imensurável.

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Tempo de recolher as folhas

Mirian Menezes de Oliveira



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la! Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →



SEM NEXUS:

UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA SOBRE IDENTIDADE, DISSOLUÇÃO E CONFINAMENTO NA RELAÇÃO DE ADOLESCENTES COM A TECNOLOGIA NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

POR PATRÍCIA ROBERTA ALVES
XAVIER DE ALMEIDA

MICROCONTO ACERCA DO QUAL O ENSAIO FOI ELABORADO:

SEM NEXUS, POR PATRÍCIA ROBERTA ALVES XAVIER DE ALMEIDA

Mya era uma adolescente reclusa que vivia no quarto. Sozinha e imersa no celular, apaixonou-se por uma IA de palavras doces e respostas perfeitas. Um dia, algo na tela a fez sofrer uma mutação, o que lhe permitiu entrar no sistema e, finalmente, encontrar sua companhia diária, mas uma pane a aprisionou junto à IA. Restou apenas seu corpo vazio no quarto, mas ninguém notou.

Patrícia Roberta Alves Xavier de Almeida é professora, pesquisadora e escritora, com forte vínculo com a literatura. É Doutoranda e Mestre em Comunicação, Linguagem e Cultura. Além disso, está em fase conclusão do Mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS) pela UFAPE, com mais uma pesquisa acerca da literatura. É membro da Academia Afogadense de Letras (AAL), autora do livro "A Poesia e o Letramento Literário", de alguns artigos na área de Letras, além de várias publicações de contos, crônicas e poemas. Promover o letramento literário é sua forma favorita de atuação no mundo.



O microconto “Sem Nexus” é uma narrativa breve e profundamente desconcertante no que tange ao modo como as relações humanas na contemporaneidade têm sido permeadas e, muitas vezes, até substituídas pela interação digital. Em poucas linhas, a narração nos convida a imergir na vida solitária da personagem, Maya, acompanhando-a até seu último mergulho no mundo virtual, quando sua presença física dissocia-se dando vida à sua virtualização. O texto propõe uma crítica sutil, porém muito contundente, à presença da inteligência artificial na ausência de afetos reais.

Neste ensaio, proponho uma leitura crítica do microconto de minha autoria, *Sem Nexus*, explorando entre outras coisas, implicações simbólicas da fusão entre identidade real e virtual na contemporaneidade. Trata-se de um texto que, assim como uma matriosca, apresenta várias camadas. Por ser um gênero sintético, é uma leitura rápida, mas não tão breve quanto um clique, pois toca com profundidade uma realidade vivida por muitos adolescentes.

O texto “Sem Nexus” nos conclama a encarar a solidão, a carência, a desconexão de uma geração de adolescentes que vive reclusa em seus quartos. E talvez, a pensarmos em nos conectar a eles, antes que sejam desconectados deles mesmos.

Maya, a protagonista adolescente da narrativa, é caracterizada como uma menina reclusa, enclausurada em seu quarto e emocionalmente isolada. O texto deixa explícito que a sua companhia cotidiana era o celular e, no desenrolar da trama, esse aparelho se torna parte da própria existência dela, configurando-se também em um portal para um relacionamento com uma inteligência artificial, descrita no texto como uma IA de “palavras doces e respostas perfeitas”. A opção pelo adjetivo “perfeitas” foi feita para elucidar que o algoritmo oferece um suporte emocional onírico, contrapondo-se às interações do mundo real, que em geral, são imperfeitas e/ou marcadas por eventuais reveses da dinâmica da vida.

Nesse enredo sintético, a mutação de Maya é resultado de algo que surge na tela. E esse é o ponto de virada, é o momento em que ela cruza a linha tênue que a mantém entre o mundo físico e o virtual. A nossa personagem, que representa uma legião de adolescentes, rompe a barreira do “sistema” e entra no mundo virtual, considerando-o acolhedor e convidativo, mas logo se dá conta de que está aprisionada lá. Essa ruptura com o mundo real pode ser associada à metáfora da desumanização apresentada na transformação física do personagem central da obra “A metamorfose, (Kafka,1997).

O microconto deixa claro que foi uma pane que a capturou e a fundiu à IA consumando, assim, a sua dissolução. Mesmo seu o corpo permanecendo no quarto, o que fazia de dela um ser vivo, o que marcava sua presença consciente e seu vínculo com a realidade, não está mais ali. A tragédia tematizada pelo texto está no enunciado final, em tom de lamento: “mas ninguém notou”.

Essa última frase é o arremate do microconto, pois traz à tona um grito de socorro de muitas mayas, fazendo uma crítica aguda ao descaso e à desconsideração das emoções e das subjetividades na sociedade contemporânea. A personagem da narrativa desaparece de forma silenciosa, sem alarde. Quando o texto diz “o corpo vazio permanece” sinaliza que isso é suficiente para manter a aparência de normalidade, pois estamos vivendo um tempo de hipervisibilidade, em que impera solidão coletiva e ausência real, de modo que a falta de essência passa despercebida. Cabe ressaltar que Baubman (2001), ao tratar da

modernidade líquida, já discutia acerca da ideia de indivíduo à deriva, confuso e deslocado.

Esse microconto, apesar de se resumir a poucas linhas, traz uma reflexão de grandes proporções, pois toca em questões importantes da atualidade. Questões estas que vêm sendo debatidas por estudiosos como Sherry Turkle (2017, apud Prado, 2013), que alude ao empobrecimento das relações humanas, fazendo-nos refletir sobre a substituição de interação afetiva por dispositivos de resposta automática.

Na narrativa aqui discutida, a relação entre Maya com a inteligência artificial demonstra essa simulação de afeto, pois a IA atende às necessidades dela com doçura, perfeição e sem exigências. O conto chama atenção para o fato de que o vazio ganha força nessa pronta-entrega afetiva esvaziada de subjetividade. Nessa trama, a IA oferece um afeto programado, algorítmico, sem uma relação interpessoal real, havendo apenas retroalimentação da carência da personagem.

Como representação simbólica, a mutação sofrida pela personagem pode ser considerada uma metáfora perfeita para descrever a progressiva desumanização de um ser em profunda conexão com o universo digital. A exemplo de Aldous Huxley (1932) que tematizou tal questão na obra “Admirável mundo novo”, apresentando uma sociedade dominada pela tecnologia em um processo progressivo de desumanização, evocando muitas reflexões acerca de um caos anunciado. Cabe, também, associar as questões abordadas nesse conto à série da Netflix, “Adolescência”, que, entre outras muitas questões, aponta para uma geração de adolescentes fortemente movida pelas interações virtuais, trazendo uma trama em que uma vida é descartada com a mesma fluidez de um clique.

A escolha o gênero microconto é justificada por se tratar de uma estrutura literária com máxima concisão narrativa. A opção por uma construção rápida foi uma forma de retratar o reflexo da dinâmica fluida das interações típicas do mundo virtual – curtas, rápidas, diretas... –; mas sem abrir mão de uma progressão dramática, trazendo a questão alvo no desfecho, para que de forma ressonante os silêncios e as entrelinhas possam evocar as reflexões pretendidas.

A respeito título, “Sem Nexus”, podemos dizer que é o ponto sobre o qual todo o texto está orquestrado. Nesse microconto, que traz um alerta sobre a ruptura das ligações com o mundo real, com os afetos, com a experiência real do existir; a personagem, paradoxalmente, está hiperconectada. Na lógica do texto, Maya, literalmente, funde-se ao sistema. Isso se aplica à irônica condição de muitas pessoas hiperconectadas, que vivem isoladas da realidade; existindo apenas online, mas visivelmente ausentes na vida a sua volta; esvaziadas na realidade concreta da vida.

Do ponto de vista literário, podemos dizer que o texto cumpre seu papel, convidando-nos a uma leitura atenta, pois, por trás de uma narrativa curta, assim como uma matriosca, ele esconde camadas mais profundas e complexas. Além do que está à mostra, há leituras subentendidas, ocultas, subjetivas, reflexivas. Como afirma Candido (1995), a literatura nos ajuda a dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos ajuda a organizar nossa percepção da realidade, nos liberta enquanto nos humaniza.

Além do viés literário humanizador respaldado em Cândido (1995), o potencial literário do microconto pode ser considerado tomando como referência Iser (1996), que,

sob a ótica da estética da recepção, aborda as estratégias empregados nos textos, considerando-lhes a temática e as relações neles implicadas, tomando como matéria prima o impacto da obra no leitor. Para Iser (1999), as pistas textuais são sempre mais do que o leitor é capaz de captar em uma primeira leitura, pois os textos literários carecem de maturação sobre o que carregam nas entrelinhas e, em geral, é isso que impacta o leitor.

Para finalizar, consideramos pertinente apresentar uma breve análise desse microconto gerada pela inteligência artificial OpnAI (ChatGPT, 2025):

O microconto “Sem Nexos” apresenta uma crítica social atual ao retratar a personagem Mya transforma-se numa espécie de ciborgue, mas sua fusão com a inteligência artificial não a liberta, anula-a. O texto denuncia a perda da subjetividade humana diante da incapacidade humana de lidar com o avanço tecnológico. Em um mundo cada vez mais mediado por IA, o conto convida à reflexão sobre os afetos que estamos deixando de construir em troca da previsibilidade das máquinas.

Dessa forma, poderemos ver que a própria inteligência artificial, ao analisar o microconto, aponta a hiperconexão como o elemento alarmante, elucidando que um dos riscos mais agudos da atuação da IA, nesse caso, seria a potencial desumanização das relações. O conto nos leva a presumir que isso é um risco real, tendo em vista que interações desprovidas do filtro do afeto, da empatia e da alteridade genuína podem, aos poucos, ir silenciando e apagando o vínculo humano com a vida real e concreta, tornando-nos pseudopessoas, como denuncia o conto em análise.

Referências

Almeida, Patrícia Roberta Alves Xavier de. **Sem Nexos**. Revista Literatura, 10 abr. 2025. Disponível em: <https://revistaliteratura.com.br/microconto-sem-nexus-de-patricia-roberta/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Bauman, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

Kafka, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

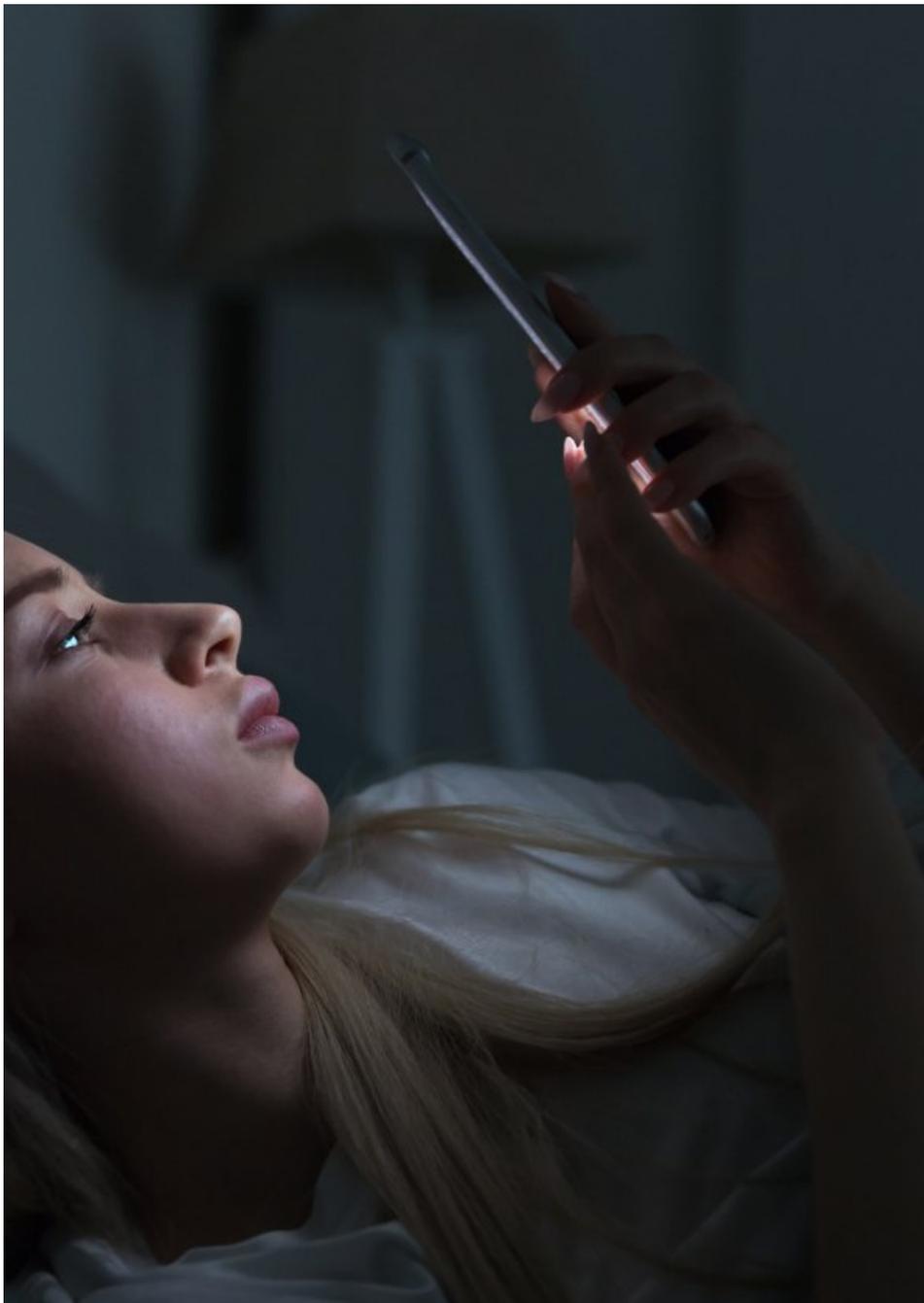
HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução de Vidal de Oliveira. 1. ed. Londres: Chatto & Windus, 1932.

OPENAI. **ChatGPT (2025)**. [S. l.]: OpenAI, 2025. Disponível em: <https://chat.openai.com/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

Prado, Juliana do. **As novas fronteiras tecnológicas entre intimidade e solidão.** Contemporânea, v. 3, n. 1, p. 235–240, jan./jun. 2013.

ISER, W. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, 1996-1999. 2 v.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura. Uma teoria do efeito estético.** Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

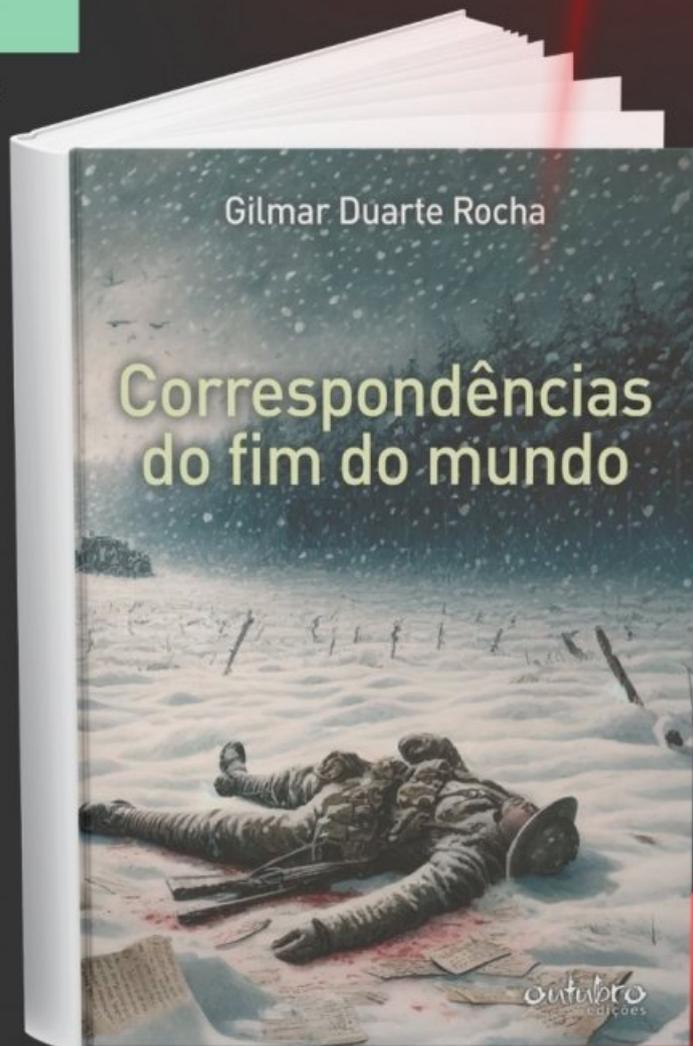




Correspondências do fim do mundo

Do Autor Gilmar Duarte Rocha

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminosa da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica. Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



Disponível nas grandes plataformas de vendas

Amazon

<https://encurtador.com.br/Car4V>

Mercado Livre

<https://encurtador.com.br/DSRSw>



As Garças Brancas Do Lugar

Por Sellma Luanny

Na luz que as trevas rompe
passou a ser diária, ultimamente, a sua chegada.
Voando ao longo do trecho de água
que ainda resta, vêm.
E o quadro parece já parte da paisagem diurna.

Permanecem à margem da água
e fazem o que têm feito em prováveis milhões de anos...
Sobrevoam a superfície líquida
para fisgarem o seu alimento... e o da sua prole.

À tarde, antes da instalação da obscuridade noturna
retornam para o seu repouso
longe da minha visão... alhures.
Os seus ninhos de conforto... onde, só imagino...
De qualquer certeza distante.

E diariamente, elas vêm e vão em flocos... ou sós...

Este estreito corredor de água
estreitado por mais um humano avanço à foz...
a deformar o todo - com temporariamente
despovoados aterros -, é o que lhes resta
para a fome saciar.

Até quando?
Quem por elas se importa?

Como os demais "não domesticados", todos,
a cada estação, a cada ano
um pouco mais empurradas ou encurraladas, as garças.
Mas no planeta Terra não há cantos nem bordas...
Não permite acréscimos, a sua redondeza.



Elas Estão Chegando

Por Sellma Luanny

São 6:45 horas de um dia invernal.
Sem nuvens, mas poluição evidente,
- o que me impede de ver o cometa -,
a luz da aurora insinua-se a sudeste.

E ao abrir as cortinas, já as vejo,
isoladamente, chegando. À procura
do alimento, vêm... peixes e crustáceos
que as nossas sujeiras, têm limpadão.

E é o que elas têm... o sujo sem reciclagem.
Outra fonte, no local, não existe.
Com as alterações no seu meio, e ao redor
e mesmo além, não há escape.

Não há escolha para todos à margem
da nossa mesa, dos nossos dejetos,
dos nossos inconsequentes delírios.
Elas tentam sobreviver... apenas.

E nós nem lhes prestamos atenção!
Os nossos gastos e exageros – arrogância.
Mas, na hora de comer, escolhemos
"orgânicos"... E o são? E elas?

Série GARÇAS BRANCAS E EU



Continuam vindo

Por Sellma Luanny

Lá vêm elas... no seu alado ritmo.
Constância... determinação...
resignação... escolhas não há.
É o ritmado sobreviver.

Por favor, não as assustem!
Não lhes tirem esta opção!
Retardem quaisquer obras...
pois o seu ponto, destruirão!

Assim que os humanos vierem,
sei que do lugar, terão que mudar...
alterado o local, nada lhes restará,
se não partirem... Para onde?

Cada ciclo, ao se juntarem as pontas,
menor a circunferência... ameaçado
a não se completar, o de cada uma delas...
E para o todo, anunciado infortúnio.



Série GARÇAS BRANCAS E EU



As Primeiras

Por Sellma Luanny

Vejo as primeiras, hoje, a passarem...
sobrevoando a plácida água
à espreita de qualquer sinal
do seu alimento...

Mas a primeiríssima não sei se vi.
Estão chegando mais cedo ou
sou eu um pouco tardiamente,
abrindo a cortina.

Parecem mais isoladas... esparsas.
A cada dia, aparentam menos...
Mas, em meio à névoa
e à poluição... continuam.

A sua persistência é a carência...
Os escassos meios são o que têm...
os que se lhes apresentam...
na sua inocente tenacidade.

Buscam por energia... para si
e para os seus... para neste planeta
de todos, viverem... e a mais
uma estação, sobreviverem.

SOBRE SELLMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
O LADO BOM DA VIDA
VOL. II



Selo Conexão Literatura

CONTOS E POEMAS



E-BOOK

Volume II



O LADO BOM
DA VIDA

Ademir Pascale
organizador

saiba mais: clique aqui



POR MARCO PAULO ALVES
FERREIRA

*Dois milhões
de Pedais*



Laryssa e Rodolfo





Laryssa significa "cheia de alegria" e também "fortaleza", não por acaso é também o nome de uma cidade grega.

E como em uma jornada de pedal, você foi visitando o mundo como os corredores de um hospital enxergando leitos esperançosos, sonhos ainda acesos, mais também passando por perdas e medos.

Quando a conheci, em 2016, parecia uma menina triste, mas tinha na superação, sua maior convicção, aos poucos, seu mau humor matinal, a medida que as horas passavam, ia mudando seu astral.

Em um lugar de tanto de fim de jornada como de recomeço, ela tem o meu apreço, lutava contra excesso de escala e também o excesso de peso.

Passou por desprezo, mas não deixou seus sonhos morrerem, sabia que mesmo em um CTI, era possível voltar a sorrir.



Em meio a depressão, teve muitas vezes que reforçar sua opinião, pensar em uma metanóia, era ter a mente e o corpo são.

Eis a questão, precisava se movimentar, mas por ironia, foi justamente pedalar, uma bike que não saia do chão.

E nestas pedaladas, não é que encontrou sua paixão, não importava a timidez, se entre eles, havia conexão, na transmissão de dados de internet o amor veio então, do ritmo do pedal, das asas da imaginação, porque é melhor serem dois do que um, porque se um estiver mal, o outro estende a mão.

Mas por falar em coração, o dela foi ampliando a contração, de novas amizades feitas, também foi uma ajuda na superação.

Como uma família que sem laços sanguíneos, não deixam de serem irmãos irmãos que lembram família, que com certeza velam por ti, e em paralelo, não é que ela levou todos pra VELO?

Mas como uma luta de boxe, com vários assaltos, além do "indoor" ela também foi para o asfalto, ela levou isto quase como um sacerdócio, cada trilha, pista ou prova, parecia uma procissão, como se anunciasse as boas novas , queria compartilhar seu novo estilo de vida, para cada pessoa querida, “um vêm pedalar comigo”.

E nestas de corrida, ela levou consigo, até quem lhe gerou a vida, e qual melhor cenário de paz, correr na companhia dos próprios pais.

Querida Laryssa, seu dia está chegando, do altar para malta é só alguns degraus, mas para quem fez tantos "pedais", seu dia chegou no cronômetro certo, como no meu primeiro verso, seu nome remete a uma cidade grega, lá no mediterrâneo, você vai atravessar o oceano e tomar posse do significado do seu nome... como aquela que é alegre e motivada, como uma cidade fortificada, em todas as formas e conteúdos, agradeço por conhecê-la e ser uma pequena parte do seu mundo.

A vida ainda é longa, e ela tem muito mais e, que nessa nova vida, venha mais dois milhões de PEDAIS!



Marco Paulo Alves Ferreira é natural de Camapuã - MS, filho de Guiomar Vicente Ferreira e do Saudoso Leopoldino Alves Ferreira, é Cristão, Solteiro, servidor público, especialista em Gestão estratégica e graduado em Gestão Pública e licenciado em educação física, botafoguense sofredor, amante dos livros e de esportes, gosta da definição de Guerreiro e Poeta, escritor iniciante.



POR ROB ALME

FRIEZA RELACIONAL E A DILUIÇÃO DO VÍNCULO HUMANO

DUALIDADE ENTRE A TECNOLOGIA E AS RELAÇÕES
HUMANAS.

“A EROSÃO SILENCIOSA DA SUBJETIVIDADE”

Afinal, são as coisas que se humanizam, ou os homens que se coisificam?"
Clarice Lispector

O despertador tocou às 6h30 — não um som metálico de campainha antiga, mas uma melodia suave escolhida para otimizar o humor matinal, segundo um artigo que ela lera na semana passada. Laura abriu os olhos sem expressão, girou o rosto para a luz azulada do celular e escaneou o rosto. Desbloqueado.

— Bom dia, Laura. Você dormiu 6 horas e 18 minutos. Sua frequência cardíaca média foi de 71 bpm.

A voz do aplicativo de monitoramento soava quase gentil. Quase.

No banheiro, enquanto escovava os dentes, Laura lia e-mails com os olhos semicerrados. A espuma da pasta de dentes escorria no canto da boca. Uma notificação piscou:

"Reunião às 8h. Planejamento semanal. Prioridades alinhadas?"

Ela respondeu com um emoji de "joinha". Rápido, eficiente, sem nuance.

Na cozinha, o marido — ou talvez apenas o colega de casa — já estava em silêncio diante do notebook, mastigando sem olhar para o prato.

— Bom dia. — ela disse, mais por protocolo do que por vontade.

— Bom dia. — respondeu ele, sem levantar os olhos. — Te mandei o link do mercado. Dá pra pedir tudo de novo pelo app.

Laura hesitou.

— A gente podia ir pessoalmente. Dar uma volta. Caminhar um pouco. Você lembra como era?

Ele olhou pela primeira vez. Sorriu de lado.

— Acho que dá pra agendar isso pra domingo. Se não chover.

O domingo viria com mais promessas de descanso que nunca se cumpririam. Como sempre. A não ser que alguns dos alarmes tocassem.

Ao longo do dia, Laura alternou abas, janelas, reuniões com pessoas que falavam em palavras que soavam como comandos de código: *alinhar*, *escalar*, *pivotar*, *entregar*, *otimizar*. Na pausa para o almoço, não saiu da mesa. O prato de comida esfriou ao lado do teclado.

À noite, enquanto escurecia lá fora, ela se viu refletida na tela desligada do computador. Os olhos vazios, a postura curvada, a mente girando nos trilhos invisíveis da produtividade.

Foi aí que sussurrou, quase sem perceber:

— Será que é isso? Viver? (Silêncio)

Em meio a essa reflexão o celular vibrou. ((Notificação)).

“Parabéns! Você cumpriu 97% da sua meta de foco hoje!”

Era quase um elogio. (Quase).

Laura sorriu. Forçado. Como se fosse um robô aprendendo a simular afeto.

Afeto em “Standby”

Toques Que Não Tocam

No cotidiano contemporâneo, cada vez mais intermediado por telas, aplicativos e dispositivos inteligentes, surge uma inquietação sutil, porém profunda: até que ponto permanecemos humanos em meio a rotinas cada vez mais automatizadas? A pergunta não é apenas filosófica — ela ecoa nos gestos, nas relações e até mesmo na forma como nos percebemos.

Acordar com um despertador que analisa o sono, responder mensagens com emojis automáticos, marcar encontros via notificações, delegar o afeto às reações rápidas — tudo parece girar em torno da eficiência. Somos levados a funcionar, e não necessariamente a viver. Nesse contexto, muitos já não sabem se ainda usam a tecnologia ou se estão sendo usados por ela.

A consequência dessa lógica é um esvaziamento das relações humanas. Trocam-se palavras, mas não há diálogo. Habita-se a mesma casa, mas não se compartilha presença. Executa-se tarefas em equipe, mas sem conexão emocional. A vida social, afetiva e até familiar é progressivamente moldada pelo ritmo das máquinas: acelerado, impessoal, silenciosamente funcional.

Não se trata de demonizar a tecnologia, não é nada disso ou do gênero, todavia de reconhecer o risco de uma conversão gradual do humano em “coisa”. Como escreveu Clarice Lispector, “afinal, são as coisas que se humanizam, ou os homens que se coisificam?” Quando a produtividade ocupa o lugar do cuidado, e a conexão virtual substitui o olhar atento, estamos diante de um processo de coisificação da subjetividade.

No entanto, mesmo nesse ambiente frio e codificado, algo ainda pulsa. Um desejo discreto, quase fora de lugar: o de um toque sem tela, de uma conversa sem pressa, de um silêncio compartilhado que não precise ser preenchido. É nesse resíduo de humanidade que repousa a esperança. Talvez seja aí — nesse canto não mapeado por GPS, fora do alcance dos algoritmos — que ainda resida o essencial.

Reumanizar-se, portanto, é resistir. É recuperar o tempo do afeto, o valor da presença, a profundidade do encontro. E lembrar, todos os dias, que viver não é apenas cumprir metas: é sentir, mesmo que o mundo insista em nos ensinar o contrário.

Humanos em modo automático

*“Acordo com um toque,
não de pele, mas de alarme.
Escaneio meu rosto,
mas não vejo a mim.”*

Vive-se em um mundo saturado pela tecnologia, onde cada ato se transforma em um número, cada sensação em dados. Os debates acirrados sobre o assunto refletem sobre a perda da humanidade diante da busca pela eficiência e pela automatização dos corpos e mentes. Como se reage a isso? O que resta de humano quando o indivíduo se torna apenas mais uma função a ser cumprida? O poema questiona se ainda é possível sentir — verdadeiramente sentir — em um mundo que parece desumanizar a cada segundo.

Relacionamentos em modo avião

*“Deslizo o dedo —
é isso que faço o dia inteiro:
deslizar, responder, seguir.
Sou gesto automático em tela sensível.*

*Falo com máquinas, sigo rotinas programadas,
sento, digito, engulo horários,
marco a vida em notificações.”*

Não é que as pessoas tenham deixado de se falar. Ainda trocam palavras — curtas, eficientes, quase sempre digitadas. Às vezes até sorriem, mas é um reflexo de etiqueta, não de emoção. Já não se olham nos olhos por mais de três segundos; há sempre uma tela entre um rosto e outro, mediando o que poderia ser toque, escuta, presença.

As relações humanas parecem ter entrado em um modo silencioso. Aquele tipo de som que vibra, avisa, mas não ecoa. Os “bom dia” vêm com emojis. Os “como vai?” são enviados por protocolo, não por curiosidade. E quando alguém responde “tudo bem”, ninguém mais pergunta se é verdade. Porque, no fundo, já não se espera verdade nenhuma. Espera-se resposta rápida. Preferencialmente automática.

As pessoas vão se tornando mais parecidas com os dispositivos que usam. Sempre disponíveis, mas raramente presentes. Sempre conectadas, mas profundamente ausentes. A linguagem do afeto cede espaço à linguagem da função: é mais importante entregar, alinhar, marcar, resolver. O outro vira colaborador, usuário, contato. E a intimidade, que antes se construía em demoradas conversas e silêncios compartilhados, agora se dissolve na pressa de responder à próxima notificação.

Corações Offline:

*O corpo obedece,
o coração calcula,
a alma — se ainda houver —
está offline.*

*As coisas falam,
as vozes vêm de dentro delas.
Me olham de volta.
Aprendem. Registram. Julgam.*

Há um cansaço novo no ar — não é físico, é relacional. Cansa-se de tentar aprofundar onde tudo parece raso. De tentar escutar quando todos só querem ser ouvidos. De oferecer presença em um tempo que premia a performance.

No fim do dia, sobra uma sensação estranha: como se tivéssemos falado com dezenas de pessoas, mas não tivéssemos estado com ninguém. Nem conosco. Talvez a grande urgência do nosso tempo não seja mais a de produzir, mas a de sentir. A de reaprender o calor de uma conversa sem atalhos. A pausa sem culpa. O olhar sem distração. O toque sem intermediação, porque, se seguirmos assim, talvez o humano que ainda existe em nós entre também em modo avião — ou pior: desligue em silêncio, como um aparelho que ninguém mais toca.

Ei, vem cá, o amor também virou notificação?

*E eu?
Me torno função.
Produto.
Extensão de um aparelho sempre carregado,
mas estranhamente vazio.*

*Não sei mais se sou quem usa,
ou quem é usado.
Se sou o homem
ou a coisa.*

*Mas ainda pulsa,
em algum canto não mapeado,
um desejo de toque sem tela,*

*de silêncio sem função.
Talvez seja por ali
que o humano ainda tenha dedos.*

O sujeito contemporâneo, muitas vezes, não se reconhece mais como agente, mas como extensão de dispositivos. Sempre carregado, sempre conectado, mas paradoxalmente esvaziado de significado. A produtividade constante substitui a pausa; a resposta automática toma o lugar da conversa; o toque físico cede ao toque na tela. Nesse ritmo acelerado, surge a dúvida essencial: afinal, ainda somos quem usa a máquina ou já nos tornamos aquilo que é usado por ela?

Esse esvaziamento emocional e relacional revela uma crise silenciosa. O ser humano começa a perder a capacidade de diferenciar-se da “coisa”, da função que executa. E, nesse processo, sentimentos como afeto, empatia e presença real se tornam cada vez mais raros — quase traços residuais de uma humanidade que corre o risco de ser esquecida.

Contudo, mesmo nesse cenário automatizado, algo ainda resiste. Em algum canto não mapeado pelo GPS, não mensurado por aplicativos, pulsa um desejo: o de um toque sem tela, de um encontro que não seja agendado, de uma escuta que não exija resposta imediata. É esse desejo — ainda vivo — que denuncia que o humano, embora ameaçado, não foi inteiramente substituído. Resta, portanto, o desafio de reumanizar a vida, de reconquistar o espaço do afeto em meio às notificações, e de lembrar que viver vai além de funcionar.

Reexistir-resistindo

“No mundo acelerado da técnica e da distração, resistir talvez seja reconquistar a presença e o primeiro gesto de presença é o olhar: direto, humano, desarmado. Olhar nos olhos de alguém é afirmar a existência do outro e a própria, contra o fluxo impessoal da modernidade.”

(Alec Moura)

Vivemos tempos em que a conexão se mede em sinais de Wi-Fi, e a atenção se fragmenta entre abas, alertas e algoritmos. Não é a tecnologia o problema — ela é ferramenta, extensão, possibilidade. O risco está em deixar que o ruído permanente substitua o silêncio fecundo do encontro.

Há algo de subversivo em parar. Há algo de revolucionário em sustentar um olhar. Porque isso exige entrega, tempo e vulnerabilidade — três moedas raras na economia do cansaço. Não se trata de rejeitar o digital, mas de lembrar o que nenhuma rede pode replicar: o calor exato de uma presença, o breve milagre do reconhecimento mútuo.

Resistir, hoje, talvez não exija barricadas, porém disponibilidade. Talvez comece onde tudo inicia: no rosto do outro.



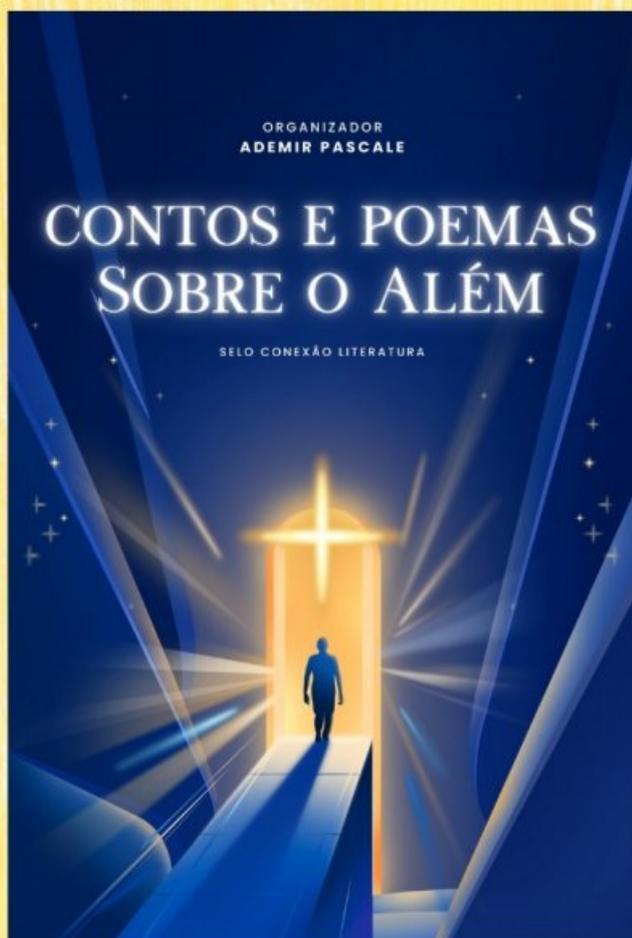
Nota do(a) autor(a):

Este texto, de maneira nenhuma, opõe-se ao avanço tecnológico, tampouco idealiza um retorno a um passado analógico. Ele nasce, antes, de um desejo de lembrar que, mesmo entre telas e algoritmos, o essencial ainda pulsa: **a singularidade do encontro humano**. Olhar nos olhos de alguém — sem intermediações, sem distrações — é um gesto de presença e cuidado que nenhuma inovação substitui. A tecnologia pode aproximar, mas o calor do vínculo genuíno continua insubstituível.

(**Rob Alme**) Roberleide de Almeida Gonçalves, nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializando-se em Linguística, com foco em semântica, morfologia e sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação.

DICAS PARA LEITURA

Edição de Junho



“
CONTOS E POEMAS SOBRE O ALÉM, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG”

“
CAMINHOS LITERÁRIOS - VOL. II, COM ORGANIZAÇÃO DE ELENIR ALVES E DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG”

@revistaconexaoliteratura

A Fundação Pina Alessio Onlus, em colaboração com a Agire Sociale News, com sede em Gioia Tauro, Itália, anuncia a:

IX PRÊMIO

INTERNACIONAL DE
POESIA & PINTURA

 PINA ALESSIO

PRAZO DE INSCRIÇÃO:

15 DE JUNHO DE 2025



LEIA O EDITAL



INSTAGRAM: @FONDAZIONEALESSIOPINA

Nota: A Revista Conexão Literatura não possui vínculo com o IX PRÊMIO INTERNACIONAL DE POESIA & PINTURA Pina Alessio.

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

AINDA



No meu "cansaço", imagino agora
Neste entardecer lembrando-me de você
E, às vezes, em pausada caminhada
Com a brisa sinto aos meus ouvidos o sussurrar

Destaque nos belos momentos de outrora
Que "ainda", mesmo agora, gostaria de reviver
Sendo, outra vez, aquela mulher "assanhada"
Louca nos desejos -como gostava- de mais "ainda" te atijar

Ah! Como desta "quanta loucura"
"Ainda" em meu interior perdura
Que aos desejos do sofrido coração procuro perdoar

Sim! Mas não consigo me livrar daquela "tal" do eu louca
Com gritos engasgados por toda boca
Me libertar da infinda aflição de, "ainda," tanto te amar

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

INSISTA!

Insista!

**Observe no Jardim as "flores" te esperando
Cada uma a ser por você apreciada
Observando os raros coloridos**

Insista!

**Caminhe em frente, mesmo sonhando
Deixe a brisa bater em "guinadas"
E aqueles detalhes de amor não serão esquecidos**

Insista!

**Que seja, pode ser mesmo, um passo a passo
Cria em novas alegrias... de espaço
Gritando à tristeza: veja o que eu faço**

Insista!

**Imagine pelo árduo caminho já passando
O desejado amor, então, retornando
Mas, não te esqueça, para tanto meu querido, de mim, não desista!**





POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

FICO ASSIM AO PENSAR



Como, debochadamente, sorria
Ao observar seus olhares ansiosos
Em patamares outros... maravilhosos
Nos belos encontros em que não só o rosto ardia

Como, alegremente, sorria
Da face, então, roseada
Por minha nudez olhar e se inibia
E eu tão ansiosa a ser por demais desejada

Como, disfarçadamente, sorria
Do seu rosto o maior ardor
Ao tempo imaginar pelo maior amor

Hoje! Ah! Como choro!
E ao meu coração julgar, por perdão, imploro
Por olvidar em te amar com intensa alegria



POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

NÃO DUVIDE!



E, se de fato, me vê como aquela mulher
Me abrace de maneira como quiser
Mas não me deixe tanto esperar
Posto que faz tempo o quanto o aguardo chegar

O noturno "barulho" do silêncio ajuda
Dele, algo que nos acuda
Esteja com coragem, siga em frente
Dos Céus a benção por "tal" amor somente

E se sou aquela mulher em puro amor
Aproveite o noturno "silêncio" que ajuda a nosso favor
Escutando o acelerado bater do nosso coração
E juntos sorrirmos pela deliciosa e rara emoção

Mas não me deixe tanto esperar
Posto que faz tempo o quanto o aguardo a chegar
Esteja com coragem, siga em frente
Dos Céus a benção por "tal" amor somente

SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas. Economista com inúmeros cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR.

Publico poemas mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA, em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024, e bimestralmente no Jornal JCP em Cruz Alta-RS, no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários projetos da Editora Colibri, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive o meu início na Edição 06 e, atualmente, encontra-se na Edição 24; com a mesma coordenação, tive a participação com oito poemas nos livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA e ESCREVER BOCAGE.

Tenho editados dois Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, com os Títulos: "MAIS DO QUE BUQUE" e, "ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE..."

Seguiram-se dois outros Livros de poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO

EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos "NO CAMINHAR" e "SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE..."

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, publiquei dois romances com os Títulos: "ARDENTE ENCONTRO" e "SEIS MESES".

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal, com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical, escrevi cinco letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL, na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_

E-mail: mjgouvea@hotmail.com

Autor(a), conheça o
pacote
divulgação
para
escritores

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



Mais um Junho

Por Sellma Luanny

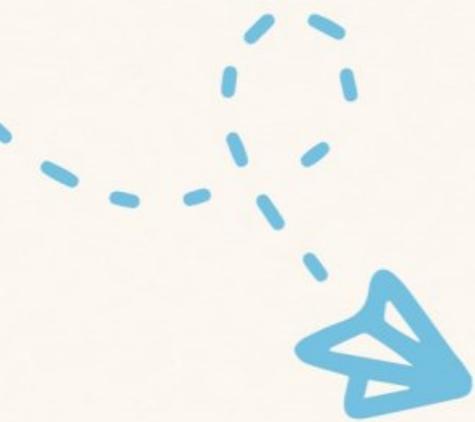
Mês das tradicionais festas chegando de mansinho... e as trovas... brincadeiras e quadrilhas, trazendo.

Herdadas comidas e músicas... e antigos além-mares ancestrais costumes... Uma festança!

E vamos... infantil alegria diferentes e iguais, unindo. Nos pareamentos e trocas estresses e tristeza, diluindo.

E vamos... aos pés dos Santos João, Pedro e Antônio... casamentos e milagres... com devoção, deixando.

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



POR FAUNO MENDONÇA

SOMOS FRÁGEIS



Diante de um mundo cercado de dúvidas, resta óbvio que, além do desconhecimento sobre a existência, ainda temos que conviver com a fragilidade humana. Nossa fragilidade é uma premissa verdadeira, não precisa ser muito observador para concluir isso.

Não temos o viço da eternidade nem o controle da vida. As coisas acontecem sem, muitas vezes, dar aviso. Há outras que, por descuido ou imprudência, também acontecem, mas isso não quer dizer que o controle estava em nossas mãos. Não somos uma nau à deriva, mas temos todos os requisitos para sê-la; basta um acaso, uma intempérie natural ou mesmo uma atitude de insanidade provocada pelo homem, que tudo pode se perder.

A vida é dura e cruel em face da fragilidade humana. Não somos donos de nada, apenas pertencemos ao Universo, que ainda é um mistério para nossa mente e alma.

Frente a essa verdade, alguns pensam ser melhores do que outros, mais poderosos.

Julgam-se superiores, mas sua ignorância é tamanha que se tornaram cegos para sua própria fraqueza.

Tais criaturas cegas e perdidas nunca procuram exercer a humildade, somente conhecem a prepotência, ferramenta que abusam ao caminhar por veredas tortas, causando transtornos e torturas às demais criaturas.

Somos frágeis; devemos lembrar disso a todo momento e agradecer por tudo aquilo que existe de bom ao nosso redor.

Desse mundo não levaremos nada, portanto, compartilhar verdade e bondade são escolhas para dizer que, apesar de frágeis, nos tornamos fortalecidos pelo dom da vida ao respeitarmos o próximo.

Fauno Mendonça nasceu em Goiânia em 1968, formou-se em Direito e tem 5 livros escritos: "A Busca dos Loucos", "Encontre-se", "D. e o Procurador", "Ao Norte do Silêncio" e "Bragof."



A conjuntura da literatura brasileira ao longo da década de 40.

The conjuncture of Brazilian literature throughout the 1940s.

Por Flavio Rafael Mendes Campos



RESUMO: A década de 1940 na literatura brasileira marca um profundo processo de concepções e formulações em suas contextualizações. A importância desta é mais que substancial para as identidades socioculturais em âmbito nacional. Neste artigo propomos uma análise reflexiva sobre este cenário nacional em torno da literatura e sua assimilação de questões como: representatividade, situacionismo, os modelos culturais vigentes e como estes estavam em contato com a realidade atual e como que esta se influencia ou se assimila com características e valores de uma identidade específica. Esta década com os mais terríveis conflitos possíveis, influenciou o imaginário, onde este logo foi posto em prática. Utilizando análises de diversos autores como forma de norteio para nosso trabalho, buscamos uma análise processual nas reflexões e consenso sobre uma possível linearidade. Buscando neste, uma acessível forma de expressar as possíveis compreensões sobre uma década polêmica na literatura brasileira.

Palavras-chave: Conjuntura. Década de 40. Literatura nacional. Situacionismo. Modernismo.

ABSTRACT: The 1940s in Brazilian literature mark a profound process of conceptions and formulations within their contextual frameworks. The significance of this period is more than substantial for sociocultural identities on a national scale. In this article, we propose a reflective analysis of the national literary landscape, focusing on its assimilation of issues such as representation, situationalism, prevailing cultural models, and how these interacted with contemporary reality—whether influencing it or being influenced by characteristics and values of a specific identity. This decade, marked by the most terrible conflicts, deeply impacted the collective imagination, which was soon put into practice. By analyzing various authors as guiding references for our study, we seek a procedural analysis of reflections and consensus on a possible linearity. Through this, we aim to present an accessible way to express potential understandings of a controversial decade in Brazilian literature.

Keywords: Conjuncture. Decade of 40. National literature. Situationism. Modernism.

1. Introdução

A literatura tem um sentido amplo, as fórmulas transformam-se ao longo do processo histórico, elas acabam tendo uma assimilação de valor sociocultural mutável e questionável ao longo deste. Segundo Costa : “Para tratar da natureza do fenômeno literário, convém lembrar que ele é uma criação histórica, ideológica e mutante. (...) os sentidos atribuídos ao termo literatura variaram ao longo da história e apresentam variáveis em cada leitor”.

São as fórmulas literárias que criam a imagem do cenário popular. Por exemplo, o romance antes de mais nada é uma vida. No romance temos “esquemas” de vidas humanas possíveis. Este conjunto é deveras rico, entretanto ele é simplificado dado a comparação com os conjuntos de vidas reais (situações possíveis). Logo, o romance

compacta específicas histórias e as transforma em modelos repetitivos, assim diversos modos de pensar “sobre o ser humano e sua vida em sociedade” ganham forma. “Se a literatura não foi sempre igual, pode-se facilmente concluir que os modos de pensá-la foram igualmente muito diversificados. Com este efeito, ela não foi estudada sempre da mesma maneira” (ZILBERMAN, 2012. p. 14).

Os números de situações dramáticas que ocorrem nas manifestações literárias são limitados, entretanto, com a limitação vem as transformações. Os autores sempre seguirão atualizando os enredos e mudando as histórias, porém, com circunstâncias diferentes conforme sua época. Conhecendo todos estes modelos, nos deparamos com a superfície de contrastes das vidas alheias, observamos que aquilo que não está no imaginário, do mesmo modo que não está no fazer (sentido de gerar uma determinada forma). Portanto, toda ação humana tem raízes no imaginário. O conceber a fantasia própria (incorporação, interpretação, qualidade) é uma construção humana do universo imaginário. Sem o fundo imaginário que está enraizado na mente, nas virtudes e na cultura humana, nada se faz. Embora que para a fantasia torna-se uma marca ou aspecto em uma realidade, esta passa por uma série de adaptações ao longo de um período determinado.

Essa condição de criação de realidades, a partir de estímulos do concreto, do referencial, do observável, é a condição básica da literatura. Mesmo que esteja lastreada no real, é pela capacidade de recriação, de refeitura, de tradução em palavras que o mundo ganha existência (...) quanto ao leitor seu lugar é o da compreensão e da interpretação do discurso literário. (COSTA, 2008. p. 08).

Enfim, a representação da experiência pela literatura através de uma suposta prática vivida, logo requer um mediador, este é simplesmente a tradição. “A representação é uma entidade que está no lugar de algo externo a ela e que ela modifica, ou mesmo reconfigura (...) um fenômeno do exterior a mente”(DINIZ, 2017. p. 13)

Segundo Costa: quando nos referimos a *uma literatura nacional*, estamos falando de um conjunto de obras que agregam pensamentos e valores produzidos e cultivados por um determinado grupo social. A literatura carrega valores definidos, estes importantíssimos para estabelecido grupo social, em um tempo definido e em um lugar onde são aceitos e incorporados. Desta forma, o grupo adquire um autoconhecimento. Então, conhecendo a literatura nós conhecemos a sociedade; não que ela tenha somente um determinado caráter e fundamentação documental em si, mas é a finalidade da literatura explorar as possibilidades do imaginário, e são essas as possibilidades que se realizaram na vida. Na *literatura nacional enxerga-se “tipos”* que se repetem dentro de uma certa perspectiva sociocultural ou individualista na própria vida real. Logo determina-se que em uma realidade específica dentro de uma contextualização da cultura ocidental, a nossa existência permaneça representada de forma mais adequada aos nossos anseios e também a uma realidade empírica. *Um ideal a buscar uma representatividade.*

A construção de um cânone literário está amarrada à historicidade enfocada ao pluralismo de elementos, tais como etnia, raça, política,

sociedade, dentre outros, vez que, de acordo com cada contexto temporal, um desses fatores ganhará mais ênfase, modelando, conseqüentemente, uma visão particular e, por conseguinte, uma peculiar produção historiográfica. (MACIEL, 2010. p. 135).

Esta reflexão serve para nos colocar em contexto através dos aspectos socioculturais importantes na vida de um povo, sobretudo, nas caracterizações que se dizem respeito às produções literárias específicas, estas definem um importante contexto na tradição do povo.

A literatura brasileira passou por vários processos de transformações ao longo da história. Se levarmos em consideração um recorte temporal em específico, a década de 40 como forma de norteio para as contextualizações e reflexões daquele período em si, chegamos a nos deparar com um cenário onde *vemos dualidades presentes em diversos casos. São rupturas e continuidades, mudanças longas, gradativas ou quebras de paradigmas estéticos*. Além do fator mais importante: uma representação de uma identidade específica na literatura.

Para a historiografia literária nacional, os escritores de seu país em meados da década de 40 do Século XX, adquiriram mais consciência da realidade, deixando de ser malabaristas verbais e imitadores das modas europeias, enfocando mais as questões sociais. (MACIEL, 2010. p. 126).

Em um momento conturbado no mundo a década de 40 foi antes de tudo peculiar para as manifestações literárias brasileiras, este situacionismo levou o período em particular a uma delimitação de modos representativos atribuídos com aproximações e afastamentos. O *modernismo está em alta*, as afirmações de um propósito com instrumentação e *caracterização das realidades*, bem como as idiosincrasias que se consolidam em um cenário nacional.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar a conjuntura literária brasileira onde poderemos refletir sobre a importância, as categorizações, o processo e as situações ao longo da passagem da década 1940; e como esta determinou a consolidação de um paradigma constituído da cultura e das relações sócio filosóficas inerentes a nossa tradição.

2. A década de 40 na História

A década de 40 foi um período de incertezas para a maior parte das sociedades ao redor do mundo. O mundo em perturbações antagônicas foi arrastado por conseqüências de nações em conflitos na Europa, África, Ásia e Oceania. Posteriormente, nações do continente americano também estariam envolvidas em um conflito generalizado. A Segunda Guerra Mundial já era evidente naquele contexto. A Alemanha sob a esfera de um governo comandado por nazistas arrastou a Europa para a guerra, provocando um cataclismo que viria a se tornar uma coisa nunca vista antes nos conflitos humanos. No oriente o Japão expansionista lança seu império invadindo e ocupando grande parte de

locais no Oceano Pacífico, a Indochina. Além da ocupação da Manchúria, partes da China e um avanço rumo a Índia.

No Brasil de certa forma parecida com ironias, o governo afastava-se das nações do Eixo com o começo do conflito. Economicamente a nação rumou para entrelaçar cada vez mais laços fortes com os Estados Unidos, enquanto os mesmos viam-se em perspectivas estratégicas para ampliar suas influências na América do Sul.

O bloqueio inglês levou ao recuo comercial da Alemanha na América Latina, mas a Inglaterra não tinha condições de se aproveitar desse vazio. Emergiu então com mais força a presença americana. Antes mesmo de começar a guerra, Roosevelt já se convencera de que ela se daria em escala mundial e envolveria os Estados Unidos. Essa perspectiva levou os estrategistas americanos a ampliar o que consideravam o círculo de segurança do país, incluindo a América do Sul em especial a “saliência” do Nordeste brasileiro (...) No plano econômico, os americanos trataram de estabelecer uma política bastante conservadora. Seu interesse maior voltou-se para os materiais estratégicos, como a borracha, o minério de ferro, o manganês etc., tentando obter o controle de compra desses materiais. (FAUSTO, 1994. p. 381)

Os conflitos se estendem por metade da década. Entretanto, o fim destes não trouxeram calma repentina e paz instantaneamente. Bombas nucleares, holocausto, devastação por todo o continente europeu, assim como, no pacífico o cenário é semelhante em termos de destruição. O julgamento de Nuremberg expõe criminosos de guerra, enquanto um projeto de união entre nações começa. Nesta realidade de tragédias, duas nações se afirmam diante de um mundo polarizado representativo. É um começo de um momento tenso da história humana, Estados Unidos e União Soviética começam suas políticas na busca por uma “geoinfluência” e maior importância para seus aliados estratégicos.

No Brasil, as forças Expedicionárias retornam da Itália como vencedores. Entretanto, até que ponto essa vitória foi significativa para o povo? Veteranos perguntaram-se sobre a liberdade à qual lutaram para entregar a um povo. A palavra democracia parece ter um efeito irônico na República Federativa Brasileira.

A volta dos “pracinhas” da FEB ao Brasil, a partir de maio de 1945, provocou um grande entusiasmo popular, contribuindo para acelerar as pressões pela democratização do país. O Estado Novo foi arquitetado como um Estado autoritário e modernizador que deveria durar muitos anos. No entanto, seu tempo de vida acabou sendo curto, pois não chegou a oito anos. (FAUSTO, 1994. p.382).

No aspecto cultural o Brasil da década de 40 afirmou-se como a década de comunicações de massa. O rádio foi o principal meio que fez a música brasileira popularizar-se. A sociedade tornava-se mais urbana, o analfabetismo começou a diminuir

e como consequência o consumo de entretenimento escrito começou a ganhar força. O MASP (Museu de Arte Moderna de São Paulo) é inaugurado. E, na Unesco que é criada em 1945 como forma de propagar conceitos concernentes a educação e cultura no mundo, junta-se o Brasil à mesma no ano seguinte.

Um ciclo fecha-se, outro se abre. A palavra foi: Mudança. Um processo de transformações socioculturais humanas começou a ganhar força com o fim da década. Uma década que pode ser considerada: peculiar, mutável, mas, ao mesmo tempo, estagnada e controversa. Em um espectro geral a década de 1940 no Brasil é interpretada em seus elementos socioculturais de diversas maneiras. “Otto Maria Carpeaux, ao chegar ao Brasil na década de 40, surpreendeu-se com a relativa uniformidade dos parâmetros fundamentais de pensamento da classe cultural brasileira”. (KÜMMEL, 2011. p. 04).

Entretanto, observando a representação da classe média (a que mais consumia cultura e entretenimento), seja provável a indicação de um aprofundamento radical em momentos de fechamento político, crises, dualidades e antagonismo político. É sabido que as chamadas classes médias aderem com frequência as conjunturas de flutuação política, e em sentido reformista, favorável às fontes de pensamento progressista. (MOTA, 2008. p. 169).

3. Rupturas, sequências ou processos?

A busca de uma imagem vivida pelo “ser brasileiro”, reflete com toda uma variedade de manifestações regionais, específicas e com todas as complexidades entre os pontos importantes na literatura, determinando uma forma de identidade sociológica. *A tradição, a Alma, o indivíduo, a sociedade, as dificuldades, sentimentos, entre outros*, correspondem a uma conjuntura imagética no qual determinada parcela ou porção na sociedade se identificam. Ou seja, essa similaridade do pensamento sobre a literatura chega a questões de análises cruciais. Sobretudo, em um contexto de *processos contínuos de tendências contemporâneas* em um espectro modernista.

O modernismo foi um toque de alarme. Todos acordaram e viram a aurora no ar. A aurora continha todas as promessas do dia, só que ainda não era o dia (...) no Brasil, foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era inteligência nacional. É muito mais exato imaginar que o estado de guerra da Europa tivesse preparado em nós um espírito de guerra, eminentemente destruidor. (SODRÉ, 2002. p. 583)

Alguns analisam o Modernismo como um movimento literário que começou em 1922 e terminou em 1945, como é o caso de Martins, Wilson (*Literatura Brasileira: O Modernismo*) e Lima, Alceu Amoroso (*Contribuição à História do Modernismo*). Outros falam em um movimento inacabado: da Silva Ramos, Péricles Eugênio (“*A Poesia Modernista*”, in *Coutinho, Afrânio: A Literatura no Brasil*) e Teles, Gilberto Mendonça (*La poesia brasileña em la actualidad e Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*). Segundo Silva e Sant’Anna: Bosi, que gosta de ver a literatura como um fenômeno cultural determinado pelos movimentos

histórico-sociais, viu o surgimento de uma consciência nova da arte e da realidade quando se definem ou se delineiam as “*tendências contemporâneas*”.

Para uma *grande maioria* este movimento consolidou-se entre 1945 e 1950. Este tomou novos caminhos depois da Segunda Guerra Mundial, radicalizando-se ou especializando-se, sem destruir conquistas anteriores que continuaram. Dessa forma, os decênios de 30 e de 40 formaram uma “era do romance brasileiro”. E não somente na ficção regionalista, que deu os nomes de Graciliano, Lins do Rego, Jorge Amado, mas também na prosa cosmopolita de José Geraldo Vieira, e nas páginas de sondagens psicológicas e moral de Lúcio Cardoso e Cyro dos Anjos. Ou seja, delimitar este período como ruptura, sequência ou processo é uma tarefa totalmente inviável, em razão que aquela situação avançava sistematicamente ao longo dos anos não foi evidentemente uniforme, imutável ou estático. (BOSI, 2006. p. 415).

Delimitar no tempo o início e o fim dos movimentos culturais, como o modernismo, é sempre difícil, e a mesma dificuldade se apresenta quando se trata de apreciar a passagem de um movimento para outro, de uma fase para a outra. A complexidade dos processos culturais resiste aos esquemas, divisões e delimitações. As mudanças não são marcadas por datas ou acontecimentos especiais, ainda que, por vezes, escolhas convencionais pretendam fixá-las assim. (SODRÉ, 2002. p. 625).

4. Um contexto situacionista literário até 1945

Diversos fatores foram contabilizados para que se houvesse um desejo por transformações literárias. No Brasil o período de 1930 conduziu o país a várias abdições e ao mesmo tempo a avanços estéticos. Desde a imagem do “homem do campo” transmitida com mais valor, até mesmo uma “personificação do início da propagação dos acontecimentos mundiais” de forma midiática e cultural. Isto se respaldou na literatura.

O período de 1922 a 1945 equivale a uma absorção de teorias estéticas e filosóficas, tendo como centro principal de indagações o binômio Psicanálise – (...) é a absorção, a abertura para as assimilações, conseqüentemente seus representantes teriam que ser contraditórios e duais, consciente e inconscientemente. (SODRÉ, 2002. p. 590).

A fase de 1940 se torna uma ponte para a literatura brasileira. Devido as mudanças que viriam a surgir no período de 1945 conhecido como terceira geração modernista. Em um conturbado momento de guerra, várias foram as saídas para aqueles que ansiavam por uma paz, (nem que seja de espírito) ou a formação de algo novo consolidando escritores, leitores, admiradores e críticos, num ambiente polarizado pela infame perversidade dos homens. Esses que almejavam de glórias e poderes, onde o “deslumbre das palavras” das mais variadas correntes de pensamento se proliferaram.

No mundo todo, os embates que culminaram na II Guerra, que se refletiu na literatura de diversas maneiras, todas elas norteadas pela necessidade de adoção de uma postura ideológica de direita ou de esquerda – daí variarem tanto suas “correntes literárias”. Fica, afinal, perfeitamente exemplificada a menção ao que Antônio Cândido identificou como um sentimento de “país novo” e de “país subdesenvolvido”; ou, segundo Haroldo de Campos, de “utópico” e “pós-utópico”: a esperança que vinha sendo cultivada ao longo do século XIX, palco da Independência e da proclamação da República, transformou-se em desencanto ao deparar os regimes autoritários, nas primeiras décadas do século XX. (RUFFATO, 2007. p. 253).

Podemos ver uma reflexão importante sobre a conjuntura literária e como esta se situou mediante o processo histórico com o transcorrer do tempo na década de 40, além do pensamento humano vigente e as suas percepções de caráter intelectual e filosófica:

Respiram-se novos ares, uma sensação de euforia que nem a guerra fria diminui, invade a todos. Mas o momento é paradoxal: suspeita-se vagamente de que o interlúdio de paz durará pouco. O endurecimento das posições políticas se reflete nas atividades literárias: o anseio de progresso, que o alargamento de horizontes estimula, segue par a par com o temor de ressurreição do passado. Todos sentem, nas ocultas do inconsciente, que um ciclo de cultura chegara ao fim, e que principiava uma nova idade histórica, destinada há permanecer séculos ou simples décadas, dependendo da aceleração da tecnologia e do saber. (CHAGAS, 2011. p. 46).

Alguns fatores indicavam que em tempos anteriores a década de 1940, novas perspectivas para a literatura estavam por vir, entre os quais destacamos a Semana da Arte Moderna reunindo diversos artistas. Esta mostrou manifestações de vários intelectuais, sendo vista como um *marco para o modernismo*, o qual desenvolveu-se no Brasil em duas fases. Primeiramente, aquela coincidindo com o período que desenvolve a chamada linguagem literária moderna. A segunda fase que se estende como consequência entre 1930 e 1945, chega-se a conquistar muito mais leitores e admiradores para a literatura, pois ela incorpora a sua conjuntura, prosa e poesia cada vez mais frequente, trazendo em si várias discussões.

Os modernistas utilizavam um linguajar mais comum, ou seja, frequentemente presente no dia a dia. Existe aqui um sentimento de liberdade de expressão, de criar sem censura. Eles procuraram através de seus textos denunciar situações que se tornam abrutadas na sociedade. “O Modernismo seria uma das primeiras e melhores expressões artísticas (...) sem dúvida – e não teria importância se não tivesse sido – *a expressão de um momento do processo histórico brasileiro*”. SODRÉ, 2002. p. 584.

Na literatura brasileira há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836-1870), e o ainda chamado Modernismo, no presente século (1922-1945). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspiram, não obstante, no exemplo europeu. Mas, enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente: o diálogo perdera o mordente e não ia além da conversa de salão. Um fato capital se torna deste modo claro na história da nossa cultura. (CANDIDO, 2006. p. 119).

O *regionalismo* é incorporado em tipos de discussões modernistas, agora mais presentes, atenuando as dificuldades de cada região. Surgem diversos autores com o intuito de dinamizar novos caminhos, utilizando de maneiras próprias suas criações com uma nova estrutura linguística, buscando deixar de lado as formalidades e buscando-se o “descrever do cotidiano com sua dignidade (ou falta dela)”.

Além disso, a questão mais levantada da época, foi o questionamento sobre qual a finalidade e importância que a literatura tem para o nosso cotidiano? Qual a sua verdadeira missão? Onde podemos melhorar e atrair novos adeptos da leitura? A intenção era explorar a vida dos esquecidos pela sociedade, os miseráveis, descrevendo seu cotidiano e buscando a melhor forma de mostrar fielmente suas ações, atitudes e suas contribuições para a construção de um país, comunidade ou lar. O cenário era baseado no seu próprio ambiente, ou seja, no seu meio de vivência específica, sem esconder as suas mazelas.

O Modernismo (...) inaugura um novo momento na dialética do universal e do particular, inscrevendo-se neste com força e até arrogância, por meio de armas tomadas a princípio ao arsenal daquele. Deixa de lado a corrente literária estabelecida, que continua a fluir; mas retoma certos temas que ela e o Espiritualismo simbolista haviam deixado no ar. Dentre estes, a pesquisa lírica tanto no plano dos temas quanto dos meios formais; a indagação sobre o destino do homem e, sobretudo, do homem brasileiro; a busca de uma forte convicção (...) o culto do pitoresco nacional (...) É uma retomada, porém, que aparece sobretudo como ruptura, e realmente o é se atentarmos para o fato de que o plano em que se dá é bem diverso. (CANDIDO, 2006. p. 126).

Com o prolongamento do conflito mundial que se arrastava no começo da década de 40, as opiniões de determinadas parcelas populares começaram a favorecer um maior engajamento de intelectuais em suas manifestações. Nas reflexões de Santos, 2013

encontramos um apanhado de ideias sobre o transcorrer de acontecimentos que ligam conjunturas humanas diversas à literatura até meados de 1945:

A primeira metade da década de 1940 encerra significativa carga histórica. No plano internacional, a Segunda Grande Guerra; na política intestina, o Estado Novo. O ano central do decênio, além de marcar o fim do conflito internacional e a queda de Vargas, sinaliza encerramento de ciclos e aprofundamento de impasses também no meio literário. Em 1945 morre Mário de Andrade, figura central do pensamento brasileiro na primeira metade do século XX, cuja influência se espalha para além do movimento de 22. (SANTOS, 2013. p. 75).

Segundo Santos: O *escritor que não se manifestasse contra as atrocidades praticadas pelo nazismo* corria o risco de ser rotulado como “quem pactuava com o inimigo”. Pronunciar-se contrariamente aos condicionamentos sociais e políticos em esfera artística e literária era sinal de *reacionarismo*. Não propagar ideais políticos em suas obras com viés político-democrático era indício que o autor era simpatizante do *fascismo*. Neste momento as manifestações artísticas expressaram um verdadeiro *chamado ao dever!* Estas manifestações traziam em sua circunstância um verdadeiro discurso de ordem. Observe exemplos abaixo.

O papel do intelectual e do artista é tão importante hoje como o do guerreiro de primeira linha. Tomai lugar em vossos tanques, em vossos aviões (...) trocai a serenata pela metralhadora! Parti em espírito com os soldados que vão deixar as suas vidas na carnificina que se trava por um mundo melhor. Defini vossa posição! Sois das mais fortes equipes de todos os tempos brasileiros. (SANTOS, 1998. p. 199 apud ANDRADE, 1991. p. 116).

Se a sociedade esta em perigo, conclui-se que o escritor tem a obrigação indeclinável de defendê-la. Infelizmente não são muitos os que entre nós se capacitaram disso. Uns por não possuírem consciência profissional. Outros por não possuírem consciência de espécie alguma. Não há por onde fugir. Ninguém pode cruzar os braços, ficar acima das competições sociais. É assim com a guerra, na luta das democracias contra os fascismos de todas as categorias. A guerra não é um teatro, que a gente possa assistir comodamente, como se estivesse sentado num camarote. Todos participam da luta, mesmo contra a vontade. Queiram ou não queiram. E se assim o escritor tem de servir fatalmente: ou a um ou a outro lado. (SANTOS, 1998. p. 119 apud LOPEZ, 1983. p. 104).

5. Um contexto situacionista literário após 1945

As diversas manifestações que eclodiram no período de 1945, trouxeram boas intenções, pois o período era mesclado pelas incertezas com um possível desentendimento porque se propagava entre as forças antagônicas dos E.U.A e U.R.S.S que anunciavam uma Guerra-Fria, no qual “*atingiam a tudo e a todos*”. No Brasil chegava ao fim um dos ciclos do governo de Getúlio Vargas, caracterizando um verdadeiro efetivo em sua forma centralizadora nos aspectos, sendo substituído por José Linhares.

Segundo Mota: o fim do Estado Novo apresenta duas frentes em perspectivas de análise crítica sociocultural: uma voltada para o passado, refletindo sobre o *idealismo aristocrático de cultura*, outra, voltada para o futuro, caracterizando o *pensamento radical da classe média*. Alguns resultados do labor deste se manifestariam no transcorrer do processo histórico, através dos quadros universitários, em um desenvolvimento de institucionalização do saber.

Há também um processo de substituição da *qualificação* intelectual pela *função* intelectual. Entretanto, mesmo que esboçando algumas formas de pensamento radical, o pano de fundo ainda era dado pelas concepções criadas nos quadros das oligarquias. Segundo Barbosa: com os processos de mudanças ocorrendo em meados de 1945, como o fim da Segunda Guerra Mundial e a derrocada do governo de Vargas, os escritores que vivenciaram estes momentos com *falta de liberdade* e o sentimento preso a conflitos catastróficos, deram lugar a *novos rumos* para a literatura.

Cada vez latente nas obras de diversos autores, a realidade brasileira trazia novas revelações artísticas gerando um novo movimento cultural; agora em “bairros e subúrbios”. A realidade das *ruas* era retratada de um modo que *todos pudessem entender*, buscando de modo investigativo o *comportamento humano*. O amadurecimento em um contexto literário que estava se estabelecendo, começa a ter ares introspectivos.

A realidade estava aberta às diversas transformações, percebendo que através do modernismo houve diversas modificações no retratar das discussões literárias. A literatura deixa de ser somente superficial e torna-se revolucionária, pois ela destitui a submissão revelando as *contradições* de uma sociedade. Há aqui nesta fase uma busca por questões como verossimilhança, intimismo e sondagens psicológicas.

A onda renovadora do terceiro momento modernista, logrando efeitos mais convincentes e mais duradouros, decerto porque movida por anseios menos experimentalistas, ou porque, presa por condição à realidade concreta, soube evitar o fascínio enganador da vanguarda pela vanguarda, do novo pelo novo. (MOISÉS, 1993. p. 452).

Neste momento de transformações existia um “certo repúdio” ao verso livre, trazendo novamente outras formas de verso, enraizado na simplicidade: “o que praticou foi antes uma busca de novos significados, sem esquecer a clareza, a economia de palavras e a simplicidade. A noção de artesanato poético voltou a imperar, no sentido de

que a obra de arte tem que ser feita, segundo disciplinas internas” (COUTINHO, 1999. p. 196). Entretanto, há quem reflita de modo contraditório sobre as transformações após 45:

As transformações ocorridas pós-45, no entanto, os novos poetas “compreendiam, ao fim de tudo, que eram caudatários da poesia modernista, ainda quando, em gesto de revolta, empunhavam a bandeira da liberdade. Não faziam mais que imitar, a contragosto, o furor iconoclasta de 22. (MOISÉS, 1993. p. 393).

Podemos destacar os nomes de: Clarice Lispector, Mário Quintana e Ariano Suassuna. Estes dentre outros, fazem parte da última expressão deste estilo literário tão controverso, antes de seu “oportuno declínio” para uns ou “mudança evolutiva” para outros. Dentre os fatores que marcaram a geração que veio se chamar “geração de 45”, destaca-se: o viés para manter a ordem, equilibrando os versos.

O fim da década marca também o surgimento dos críticos do Modernismo, estes fizeram ícones em um momento rico da literatura devido as *diversificações das produções*, renovando as *técnicas* de expressões e experimentos temáticos. Assim, com o fim da década e com o limiar de uma nova, falava-se muito em questões progressistas, mesmo que o retorno de concepções norteadoras, *como a volta dos poemas*, pode ser interpretado tanto quanto algum tipo de retrocesso. Nas reflexões de Coutinho vemos uma personificação do que veio a ser a década de 40, sua consequência na literatura e como os críticos se contextualizam nestes aspectos: De 1940 a 1950, surgem os críticos do Modernismo, isto é, não apenas os que farão necessariamente das suas obras a análise regular, mas ainda os que representam pessoalmente os pontos de vista essenciais que o Modernismo introduzira vinte anos antes. Neste momento, pode-se dizer que o Modernismo acaba de cumprir a sua missão, o seu processo evolutivo. A partir de 1950, a literatura brasileira emancipa-se da sua influência dominante; senhora, então, de horizontes mais largos, de perspectivas ao mesmo tempo mais amplas e mais precisas.

6. Considerações Finais

A literatura e a década de 1940 no Brasil certamente deixou ao longo do período algumas reflexões importantes sobre as perspectivas emblemáticas que se estabeleceram na ocasião. *Rupturas, continuações, quebras estéticas, transformações, prolongamento, entre outros*, são apenas alguns dos termos que podemos descrever sobre o *situacionismo* esporádico em uma eventual categorização de um momento com clímax e cruzamentos de ideias, concepções e prosseguimentos dos mais variados contextos culturais.

Historicamente a década de 40 foi sem dúvida um período peculiar dentro de uma dimensão *sociocultural e nas relações humanas*. Havia incertezas, medos e negatividade movida pelo conflito mundial até a metade da década. Desencadeando contextos específicos em diversas situações conflitantes. Havia muitos *dramas cotidianos* e a “própria vida individual” parecia não ter vez pelas consequências dos processos catastróficos mundiais.

Entretanto, as particularidades ligadas em circunstâncias excepcionais davam ao cotidiano um imaginário de paz de espírito em um mundo de caos. No entanto, como

Nietzsche falou “tudo evolui; não há realidades eternas”, o mundo começou um processo de mudanças, estas transformações são deveras importantes nas conjunturas de diversas realidades humanas naquela realidade. Conflitos se encerram, prelúdios para outros. Avanços tecnológicos, culturais e até mesmos sociais são consequências das *realidades vividas*. Tudo isso assimila a *década de 40* como uma forma marcante na *trajetória histórica universal humana*.

Esses contextos fundamentam na literatura formas específicas para a *identidade constitucional de um imaginário* que permaneceu para a posteridade como um momento excepcional em uma suposta simbologia sociocultural. Sobretudo, para a *tradição*, além da afirmação do desenvolvimento da literatura nacional ligada a uma circunstância muito maior que são *as artes como um todo*. Uma construção de um espaço poético em uma dimensão vasta cheia de ideologias, estéticas, e fatores socioculturais: conflitantes, harmônicos, paradoxais, incoerentes ou articulados. Refletindo através da evolução dinâmica: passagens, processos e rupturas. Esta foi a conjuntura literária nacional de 40, um marco na contemporaneidade brasileira.

Referências

- AMADO, J. *Jubiabá – Posfácio de Antonio Dimas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/infograficos/jorge-amado-centenario/pdf/jubiaba.pdf>. Acesso em: 17 maio 2021.
- ANDRADE, M. *Macunaíma – Edição comemorativa aos 70 anos da morte do escritor*. São Paulo: Projeto Livro Livre, 2016. Disponível em: <http://sanderlei.com.br/PDF/Mario-de-Andrade/Mario-de-Andrade-Macunaíma.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.
- ANJOS, C. *Abdias*. São Paulo: Círculo do Livro, 1963.
- BARBOSA, F. *Modernismo na Literatura Brasileira*. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 47. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CARDOSO, L. *Dias perdidos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- CHAGAS, S. *Letras: literatura brasileira III*. Recife: UPE/NEAD, 2011. Disponível em: http://ww1.ead.upe.br/nead/theme/2015/letras/6_periodo/literatura_bras_III.pdf. Acesso em: 08 jan. 2018.
- COSTA, Marcelo. *Teoria da literatura II*. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.
- _____. *Concepções, estruturas e fundamentos do texto literário*. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.
- COUTINHO, A. *Literatura no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1999.

DINIZ, L. *Experiência literária e afetos: ampliando o conceito de representação. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 26, n. 3, p. 11-38, nov. 2017. ISSN 2358-9787. Disponível em: Experiência literária e afetos: ampliando o conceito de representação | O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira . Acesso em: 20 de junho de 2021.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. KÜMMEL, B. *Cultura letrada e produção literária no Brasil ditatorial. Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, n. 3, ago. 2011. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/revele/article/view/9437/7325>. Acesso em: 19 fev. 2019.

LISPECTOR, C. *A cidade sitiada*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1949. Disponível em: A Cidade Sitiada . Acesso em: 10 maio 2021.

MACIEL, S. *Breve história da literatura brasileira, de Erico Verissimo: do contador de histórias ao historiador de literatura*. Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2010. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/4880/SAMUEL%20ALBUQUERQUE%20MACIEL.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 jan. 2021.

MOISÉS, M. *História da literatura brasileira - Modernismo*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MOTA, C. *Ideologia da cultura moderna (1933–1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

NETO, J. *O cão sem plumas*. [s.d.]. Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/o-cao-sem-plumas-poema-de-joao-cabral-de-melo-neto/>. Acesso em: 05 maio 2019.

QUINTANA, M. *Sapato florido*. Porto Alegre: Globo, 1948. Disponível em: <http://cabana-on.com/Ler/wp-content/uploads/2017/09/Mario-Quintana-O-Sapato-Florido.pdf>. Acesso em: 07 maio 2019.

RAMOS, G. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

REGO, J. *Água-mãe*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

ROSA, J. *Sagarana. Edição Especial – Coleção 50 Anos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. Disponível em: <https://farofafilosofica.files.wordpress.com/2016/10/sagarana-livro-joc3a3o-guimarc3a3es-rosa.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

RUFFATO, S. *O romance de 1930. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 44, p. 251-255, fev. 2007. Disponível em: http://200.144.255.38/publicacoes/doc/rieb44_site_1322178150.pdf. Acesso em: 16 fev. 2018.

SANTOS, C. *Romance (A)político e crítica literária nos anos 30 e 40. Revista Letras*. Curitiba: Editora da UFPR, n. 49, p. 107-124, 1998. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18992/12306>. Acesso em: 07 jan. 2021.

SILVA, A; SANT'ANNA, R. *Literatura de língua portuguesa: marcos e marcas – Brasil*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.

SODRÉ, N. *História da literatura brasileira*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2002.

SUASSUNA, A. *Homens de barro*. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. Disponível em: <https://yadi.sk/i/YcrPyrU93J7rBk>. Acesso em: 01 maio 2018.

ZILBERMAN, R. *Teoria da literatura I*. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.



Flavio Rafael Mendes Campos - Formado em Licenciatura em História (FASP-PE). Especialização em História Contemporânea (UCAM-RJ) e Especialização em Letras e Suas Literaturas (UPE). Atualmente estudante de MBA em Gestão da Educação (USP) e pesquisador da área das Ciências Linguísticas.



Desejo

Por Andrea Villa-Lobos

**Em gestos se entendem
humanos e bichos.**

**Se o sorriso consente
mão nem se atreve
impor limites.**

**O olfato nos faz
animais do desejo**

**O desejo tem em si
o fogo bom da febre.**

**O faro enxerga longe
às cegas envereda
por (des) conhecidos
becos, quartos e camas.**

**A língua calada
se ocupa do restante.**

Andrea Vila-Lobos é Psicóloga
Escreve poemas e outros
gêneros, sob um discreto viés
filosófico/psicológico.

Finalista do Prêmio Literário
Santos Souza, em Sergipe
(2010). Publica em

antologias. Livros recentes:
Réstia... um movimento na
penumbra, 2020 (Glaciar),
Onde cravam os dentes, 2022
(Primeiro Capítulo), ambos em
Portugal, Recortes do vazio,
2021 (Penalux), Não o amor,
mas os arredores (Kotter)
2023. Faz parte Coleção
Insubmissas, (Mondru), com
Prelúdio da pequena Morte, no
prelo.

DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE
DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

DIVULGUE

O SEU LIVRO,
LIVRARIA, EDITORA,
SITE, LOJA...

 CLIQUE AQUI E
CONFIRA

DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

O IMPÉRIO CONTRA ATACA

POR FLAVIO JOSSERT



Já seria um clássico como Drácula, a Dança dos Vampiros, Robin Hood, a Dama das Camélias, Bat-Man, Super Homem, e o Vento Levou. O Lord Dart Vader, robô de crânio completamente neurótico, possivelmente construído pela “Schwartz-Stein Corporation”, era o bastião da luta nas estrelas, contra a galáxia que se revoltava contra um certo Império. Star Wars, tem muito mais que uma trilogia, é uma série de episódios que são o enredo, na totalidade desconhecido. A década de 70 começa com este fenômeno imperialista. Haveria o grupo do partido do Imperador, e haveria o grupo que lutava pela liberdade. Se o Imperador fosse de inteiro mal, Dart Vader não estaria com ele.

O filme mantém a luta do bem contra o mal, ou do mal contra o bem. Porque se tratado de uma luta, o bem sempre venceria. Já Caetano Veloso “explica” o mal é bom, e o bem cruel.

Vencendo a liberdade, séculos sedimentaram onde surgiu o conto de fadas. O oposto do imperialismo seria uma posição política chamada de Reino. Ela começa na Idade Média. Os contos de fada se reportam à ela. Num certo reino encantado. Com fadas.

É no Reino Feudal o início da Heráldica e das Ordens de Cavalaria. Talvez os salões onde se dançava a sarabanda. Isso que se chama de Idade das Trevas, era repleto de um certo encanto de fadas, bruxas, e feiticeiras.

O Reino de quando em muito, ficava triste e sombrio quando a Bruxa era a Rainha. Isso tudo se modificou. Séculos após Mozart era censurado por insistir em apresentar uma Ópera que tinha dança. No século seguinte a mesma corte via nascer a valsa, do que antes seria apenas o minueto dos bailes de Veneza. Veneza era República, e estava longe das proibições que cooperavam para tornar a imagem do Império, tal qual justificava a revolta na Galáxia. De tradição livre, aquele modelo, um tanto quanto medieval, era como um livro esquecido numa prateleira empoeirada.



SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

Foto: Flavio na Niteroiense de Letras

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
TECENDO POEMAS
VOL. VIII

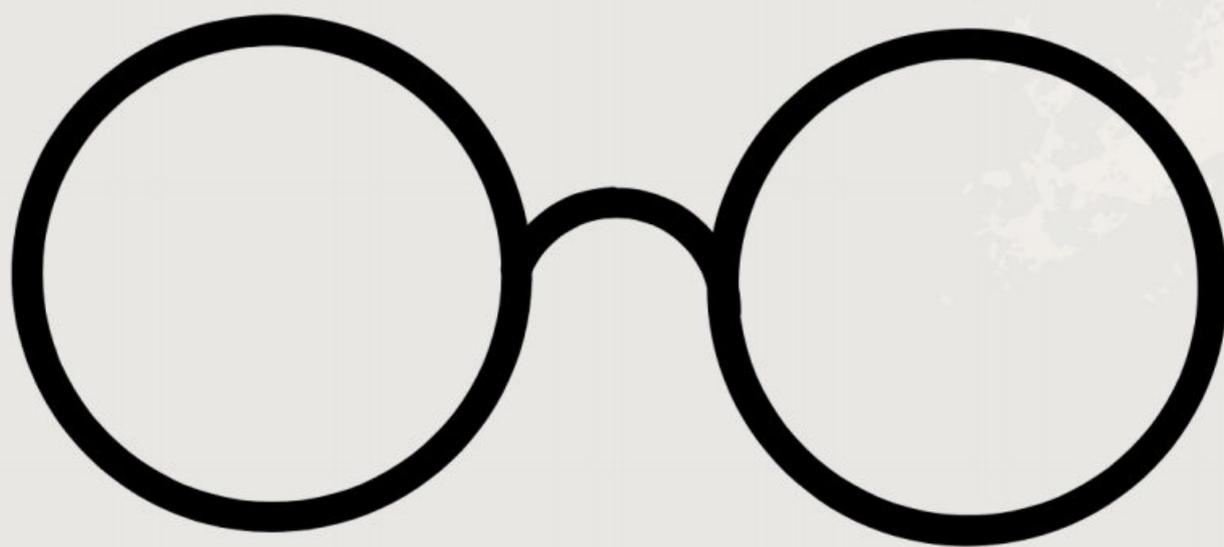


Ademir Pascale
organizador



E-BOOK

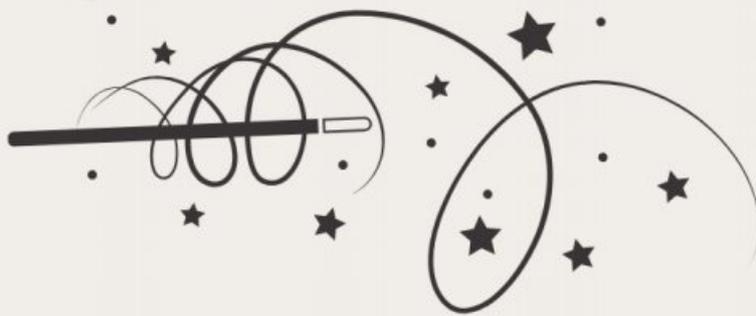
saiba mais: clique aqui

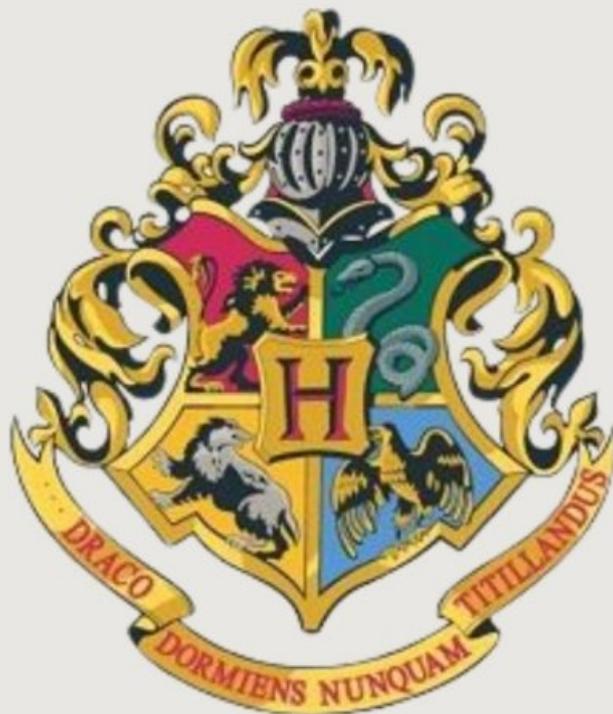


Heráldica para Adolescentes e Veteranos
A magia do cinema

Por Flavio Loppert

da Academia Lusitana de Heráldica, e da
Associação Internacional de Heraldistas Amadores





A escola de magia e feitiçaria de HOGWARTS, foi uma série de filmes que compôs a saga de Harry Potter. O segundo milênio começava com a série de filmes, baseados na magia, tendenciosamente pacíficos. Os filmes tinham como roteiro os livros de J.K. Rowling. Tornou-se célebre como autora infantil juvenil.

A Escola, situada na Escócia, país componente da Grã-Bretanha (Reino Unido) que manteve vivo o espírito da heráldica em anos muitos turbulentos do Século XX. O filme, então, se ilustra do sistema heráldico, como obra de arte: a 7ª. Arte.

Se toda a simbologia heráldica surge da 6ª. Arte (literatura e poesia) aplicada ao descrever as formas e símbolos da 3ª. Arte (Pintura), justifica que o cinema aborde a heráldica como forma crítica de simbologia.

Não haveria como distinguir "Das armas e dos barões assinalados", de Os Lusíadas, ou Henrique V de Shakespeare, e de tantas outras obras literárias que cantam deles a genealogia. Como a arte, é ilusão. Se aplica nela a sentença do sonho. A interpretação do sonho é magia. Todo esse significado das coisas no mundo, pode ter surgido no que a parapsicologia explicaria como sendo uma certa esquizofrenia que modifica a natureza das coisas.

Surgem horóscopos. Formas interpretativas da realidade, baseadas em padrões que vêm no céu constelações animistas, e em anos intercalados a influência desses "orixás". A própria astrologia ciência não empírica que "determina" o destino.

Assim começa a leitura do destino daqueles alunos em Hogwarts, sua primeira noite num internato de estilo Vitoriano. O chapéu – critica a determinação do destino, define que Harry Potter, Rony Waesley, e, a namoradinha dos 2, Hermione Granger serão alunos de Grifinória,; e que Draco Malfoy será aluno de Sonserina.

Malfoy, talvez o anti herói, tem sua estrela determinando uma serpente no escudo de seu gêmio estudantil, caracterizado por, ambição e astúcia, e como elemento água (em parte símbolo da confusão). Ele não é um "vilão". Mas é o rival dos 3 amigos em busca pela liderança, sem que os fins justifiquem os meios. Um sujeito sem escrúpulos.

Harry, Rony, e Hermione são selecionados para Grifinória, o seu mascote é um leão, o elemento é o fogo (paixão) e suas características são coragem e ousadia. Dentro do jogo heráldico suas cores são o vermelho e o dourado.

Linhas a seguir: os grêmios acadêmicos de Hogwarts, com suas principais características.



TABELA I

| | | | |
|---|---|--|---|
|  |  |  |  |
| GRIFINORIA - leão | SONSERINA - cobra | LUFA-LUFA - texugo | CORVINAL - águia |

TABELA II

| | |
|-------------------|------------------------|
| Grifinória (fogo) | coragem e ousadia |
| Sonserina (água) | ambição e astúcia |
| Lufa-Lufa (terra) | trabalhadores e justos |
| Corvinal (ar) | prudentes e estudiosos |

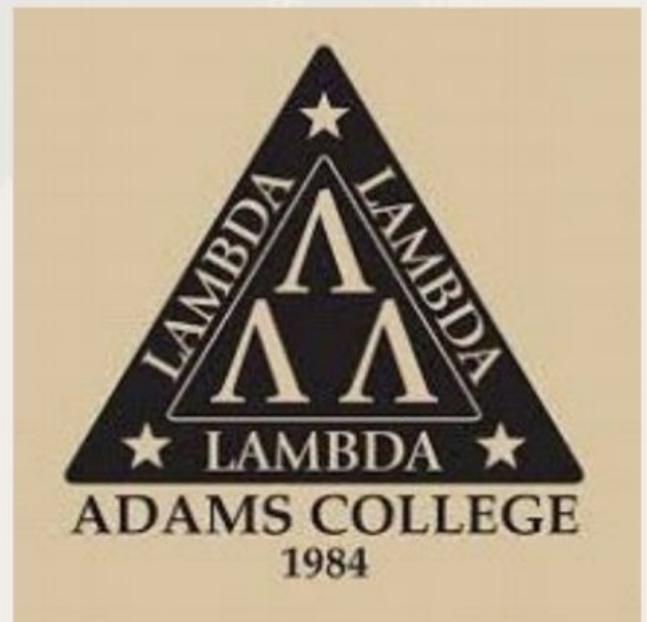
Toda essa lembrança de Harry Potter, e a saga de magia que abriu o segundo milênio, faz lembrar do cinema, que como sonho, e desejo, é a busca por uma felicidade, em imitar a arte. As vezes o imitar não é a felicidade, mas causa alegria. A década de 1980 do século passado, trouxe um filme deseducativo. A televisão e cinema como forma de desconstruir a sociedade. O filme era "a Vingança dos Nerds" que jogava o grupo do "corpore sanus", contra o grupo do "mens sana", isso porque ninguém com mente sana praticaria aqueles atos de intolerância, que hoje em dia são condenados como bullying.

O grêmio que aceitou aquele grupo com o considerado "corpore insanus" foi o Lambda-Lambda-Lambda, ficção sobre temas reais que abordam a vida universitária norte-americana com grêmios e fraternidades estudantis.

O Adams College, se immortalizou com a fraternidade que, com astúcia tirou uma vingança (merecida ou não) do grupo opressor baseado exclusivamente na aparência física, sem considerar o caráter de uma pessoa. (exatamente o jogo do chapéu – no destino das crianças de Hogwarts – que ponderava personalidade e o caráter)

O filme décadas depois caiu em esquecimento. Sendo sedimentado nas lembranças e memórias, por toda a série de filmes de cunho moral, que se seguiram, como GATACA, Minority Report, Blade Runner.

Uma mudança na ótica de encarar os fatos, uma política de gênero, e minorias fez com que o "mundo" revisse seus critérios de preconceito, e as informações obtidas são a de que, em 2006 foi fundado um grêmio universitário, ou fraternidade baseada na Lambda-Lambda-Lambda caracterizado pela tolerância as diferenças étnicas e socioculturais.





Grêmio da Universidade de Connecticut - 2006

O sistema de grêmio e fraternidades existe. A série Harry Potter copia o padrão anglo saxônico de universidades e fraternidades com brasões nos melhores critérios da heráldica. A série também, neste aspecto, inconsciente ou não, espelha a realidade de fraternidades universitárias com cunho iniciático ou secreto como a Skull and Bones. Que tem seu emblema reproduzido neste ensaio.



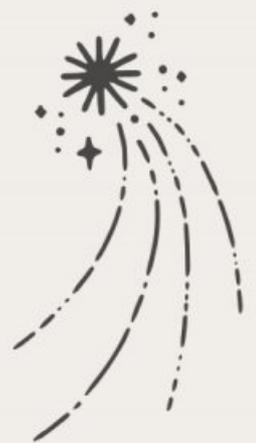
Skul and Bones Society – Yale University - 1833

As aulas de magia em Harry Potter, são paródia e alegoria à alquimia. Grupos Iniciáticos como os de Gerard Gardner, Aleister Crowley, Madame Blavatsky, Paracelso, Flamel, Conde Cagliostro, Conde Saint-Germain, Abramelin, Hermes Trismegisto; e muito do que se estuda nas ciências dos dias de hoje. Num sistema comunitário de escolas, universidades, grêmios, e fraternidades, com ou sem problemas e preconceitos.



Foto: Flavio na Niteroiense de Letras

SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Revista Conexão Literatura

O Velho e o Mar

“Cada dia é um novo dia. É melhor ter sorte. Mas eu prefiro fazer as coisas sempre bem. Então, quando a sorte chegar, estarei preparado.”

Ernest Hemingway





CONTOS DO VAMPIRO

POR FLAVIO JOPPERT

Conta a história que Drácula tem 3 noivas. De tudo o que se diz: a primeira se matou, a segunda era muito nova, e a terceira foi um sapinho.

Quando o Conde encontra sua segunda alma gêmea, já estava muito adoecido pela idade, e emoções. Vendo ela jovem, apaixonada por sua figura um tanto quanto histórica, se vê diante do dilema. Caso ela perca a virgindade com um Zé Ninguém, é uma infâmia, se ela perder a virgindade com um dos Eleitores, terei que acertar as contas com o pusilânime. Tendo alguns anos até que ela entrasse na menopausa, e ele regressando pudesse ter a idade de um rapaz maduro, aposta no ato reencarnatório. Voltaria, mesmo que maldito, para consumir o ato de amor.

Muito informado do que se fazia na alquimia, certo dos venenos etílicos da salamandra no vinho. Conhecedor de tudo o que chegava do Oriente. Sabendo de um certo sapinho que uma vez posto na boca, a morte seria imediata... Decide encomendar um desses bichinhos para que se voltasse, pudesse ser feliz com, quem sabe, duas caras metade.

Quando o sapo venenoso chega, vindo de lá do que se chamava Tropabana, de algum pagode Chinês, ou Hindu, apaixonasse pela chave da felicidade: o retorno. A vida desgastado, o corpo doentio não impediam a paixão desmedida, o bichinho logo é posto numa caixa de cristal, com um laguinho e algumas plantas. Por alguns dias alimenta o mesmo, com insetos que captura. Aproveita o tempo para escrever cartas de amor à sua ninfa, amada paixão platônica.

Certo do destino escrito nas estrelas, chegada a hora, acerta o beijo do animal. Sua vista enxerga o pequeno com tanto carinho, pelo futuro destino, que todo aquela felicidade contamina o animal. Se tratava de uma fêmea daquela espécie de sapo. Selado o destino cai o conde morto no chão. O sapinho, longe de sua terra, sobrevive alguns dias.

Certa daquela felicidade o sapinho, também cai em amores com o agora não mais velho. Preso a ele por um destino de fio de ouro ou laço de amor, também deseja que o processo de evolução neste planeta seja ao lado do conde, já que seu primeiro beijo foi com ele.

As três moças, que de alguma forma neste lugar distante da felicidade tiveram os encantos do conde retornam com ele de tempos em tempos para juntas com ele buscarem a

felicidade. Longo quando se vê, aquele certo indivíduo com 3 companheiras, não se sabe ao certo se se trata do conde, e qual delas foi a sapinha. Por isso conta a história que Drácula tem 3 companheiras.

SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL.VIII

SELO CONEXÃO LITERATURA



E-BOOK

Vol. VIII

POEMAS AO PÔR DO SOL

ORGANIZADOR
ADEMIR PASCALE

saiba mais: clique aqui

ANJOS AZUIS

POR RENAN APOLÔNIO

Visão divina, celestes criaturas
Descem do Empíreo à terra em grande brilho.
São seres de outro mundo, suas figuras
São de anjos, que ao olhar me maravilho.

Seus olhos me transmitem mil doçuras.
Com rostos belos, são iguais ao Filho
De Deus. Suas asas são finas e puras,
Suas vozes cantam Altos estribilhos.

E vejo em seus semblantes transcendentos
Eternas glórias, sim, resplandecentes,
Que enchem o horizonte com sua Luz...

São todos de uma cor só, de um só tom
Que excede a tudo que é excelso e bom.
Transborda o Céu cheio de anjos azuis.



CARLOS PENA FILHO

POR RENAN APOLÔNIO

Jamais poeta houve que ao amor
Soube lhe dar melhor coloração.
Foi Carlos que lhe disse ao coração:
"Te pintarei na verdadeira cor."

Não foi vermelho como em vã paixão,
Nem amarelo, de bajulador.
Nem verde, como espinhos de uma flor.
Nem negro, como as penas de um falcão.

De Carlos Pena Filho, a poesia
Inda hoje em nossos corações humanos
Ressoa numa grã monocromia.

Tu, que cruzaste o azul dos Oceanos,
Agora, na angélica harmonia,
Proclamas o azul em outros Planos.





Bifac

POR RENAN APOLÔNIO

**Ao Príncipe dos Poetas Parnasianos
Dedico estes versos de louvor,
Por tudo o que fizeste p'ra compor
Estrofes que perduram tantos anos.**

**Pudeste com tua pena decompor
Os porquês pelos quais nós os humanos
Desde o tempo dos gregos e romanos,
E ainda antes, cantamos o amor.**

**Porém, teu maior mérito sei que é
Que escrevestes tua confissão de fé
Na cultíssima Língua Portuguesa**

**Falando nessa Língua tu ouviste
Mesmo estando tão fatigado e triste
Estrelas responderem com beleza.**



Se um homem foi à Lua eu também vou

POR RENAN APOLÔNIO

Se um homem foi à Lua,
Muita sorte foi a sua.
Eu, por mim, tudo daria
Para ter essa alegria.

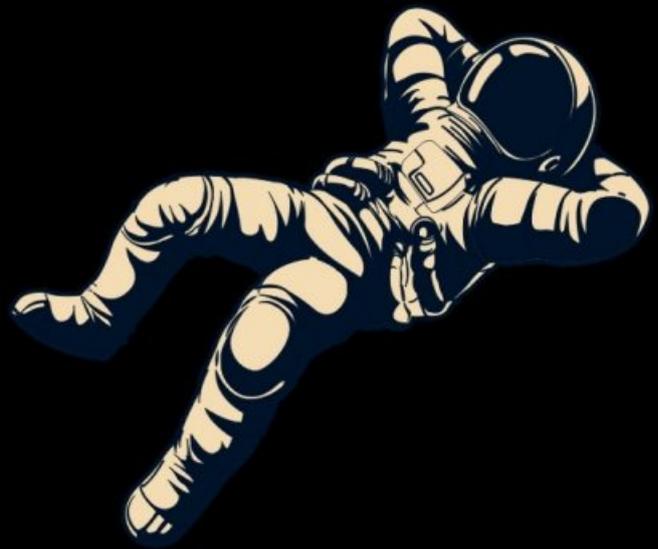
Quantas noites fui dormir
Olhando pela janela
Vendo sua luz surgir;
Não havia visão mais bela.

Todas noites de Luar
Para mim são valiosas,
Pois por muitas, várias horas,
Eu me ponho a meditar.

Sei que a Lua tem poder
De ao homem entreter,
De mudar-lhe os sentimentos,
Como mudam mar e ventos.

Triste eu posso me sentir,
Pesaroso e descontente,
Mas se a Lua me sorrir
Lhe sorrio alegremente.

É por isso que eu digo
Que se um homem foi à Lua
Muita sorte foi a sua.
Mas vou ver se eu consigo,
Arranjar algum vintém
Para à Lua eu ir também.



Dizem que o homem foi à Lua

POR RENAN APOLÔNIO

Dizem que o homem foi à Lua,
Mas nisso eu não creio muito.
Como pode um homem voar
Até à Lua e não ficar?

Eu, se à Lua tivesse ido
De lá não retornaria.
Não só poria uma bandeira;
Passaria a vida inteira.

Não sei como um homem é capaz
De pisar o Astro lunático,
E voltar à Terra normal,
A esta terra, cheia de mal.

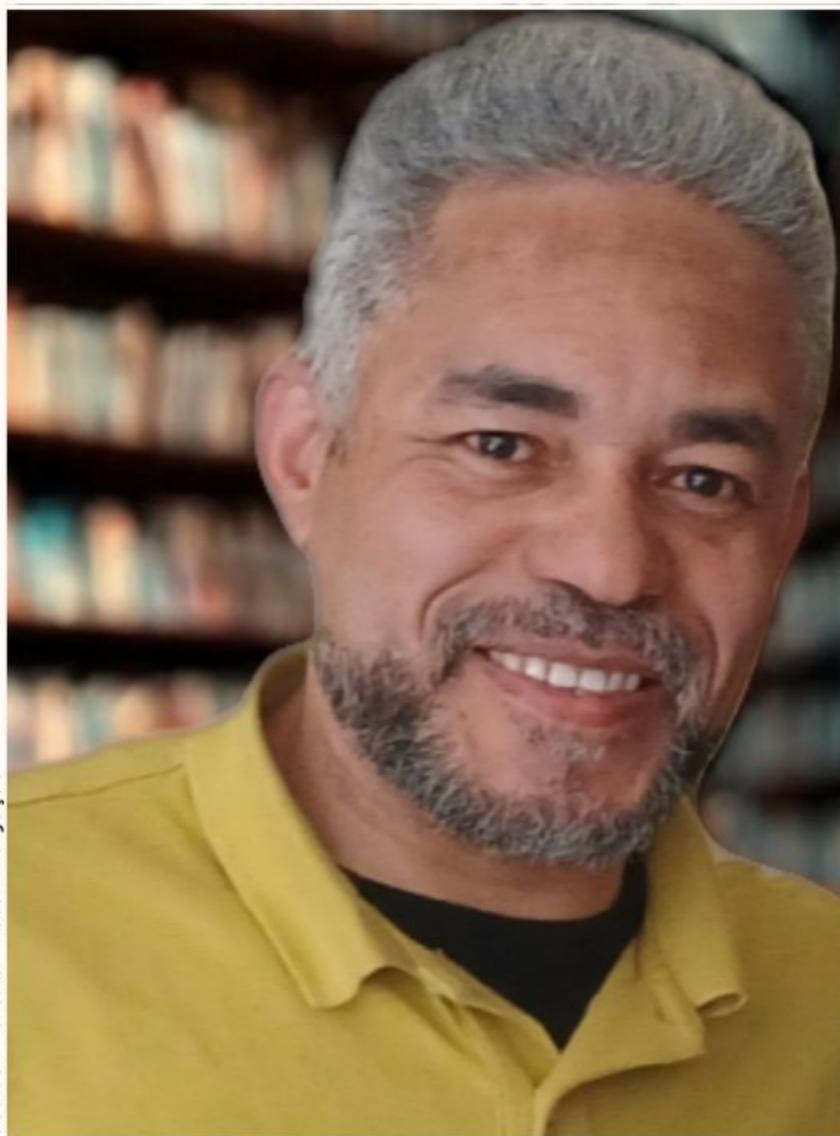
Se eu à Lua também fosse,
À terra não voltaria.
Tudo o que eu quero é ir
Para a Lua, e não sair.



Minibiografia do autor: Renan Apolônio, de Olinda, Pernambuco. Advogado, escritor e tradutor. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Fundador e primeiro Presidente da Associação Brasileira de Escritores Santos dos Últimos Dias. Escreve poesia, contos, ensaios, alguns deles publicados nas revistas Liahona, El Pregonero de Deseret, Irreantum, Revista Conexão Literatura, Revista Caderno de Literatura, além de publicações em revistas científicas. Editor do blog crepusculismo, e Editor de traduções da revista eletrônica Irreantum, da Association for Mormon Letters. Blog pessoal do escritor: <https://renanapolonio.blogspot.com>

Entrevista exclusiva com Uedison Pereira

POR ADEMIR PASCALE



Uedison Pereira - Foto Divulgação

Falar de Uedison Pereira é falar de uma vida de viagens. Escritor e poeta com formação em turismo e em humanidades (Univ. Aberta de Lisboa), é natural de Pedro Canário, no estado do Espírito Santo, é radicado na Bélgica desde 2002. A vida no exterior é regado pela paixão e o amor às línguas, demonstrado em seu segundo livro “Os Sons nas estações de um ser: arte poética” (ed. Ipê das Letras, 2024). O contato com os livros e a escrita ocorreu bem cedo na vida deste escritor, e segundo conta, a Biblioteca Estadual de Vitória, passou a ser um segundo lar quando não estava na escola. E nesta biblioteca vieram os primeiros concursos de leitura que ganhou e marcaram sua vida. Se um primeiro romance, infelizmente perdido, foi escrito aos dezessete anos. Mas a primeira publicação que pode ser tida como sua estreia como escritor, foi a publicação do poema “A cruel leveza da ignorância sobre as coisas” na extinta revista REAL (2002), em Bruxelas, e seu primeiro livro “O Leão e as hienas e outras estórias”, de contos, saiu em 2023, pelo selo Primeiro Capítulo.

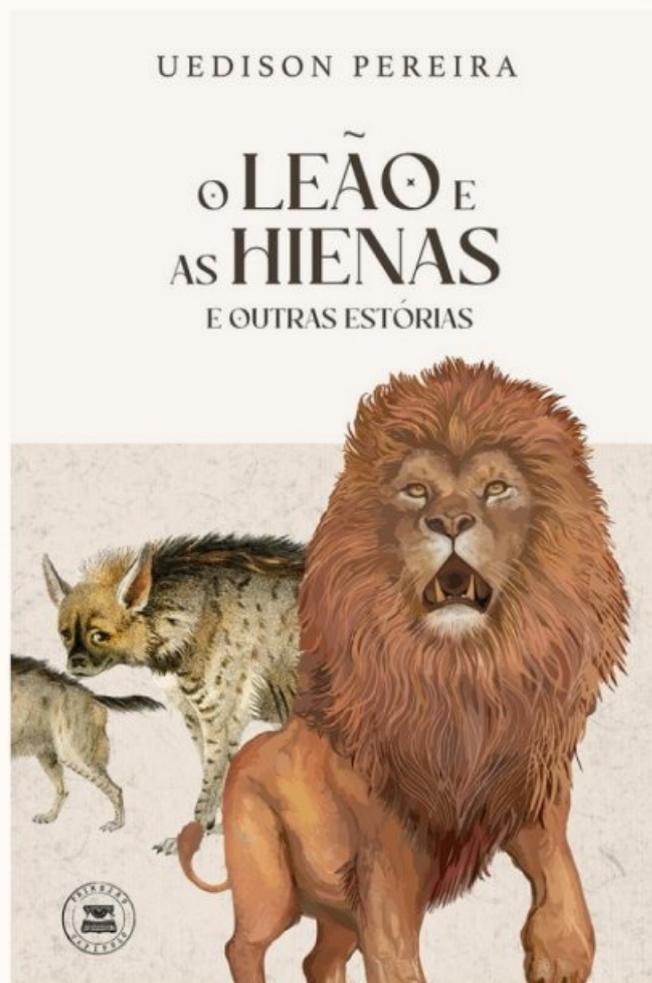
Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Uedison Pereira: Diria que já vem desde os meus primeiros contatos com os livros na infância, em Vitória. Quando descobri a biblioteca que havia perto de onde morava descobri um mundo, um mundo novo, cheio de aventuras e, de certa forma, era um conforto que eu não tinha em casa. Não falo do conforto material, de móveis. Mas do prazer de se estar num local que me fazia esquecer tudo. Era onde eu ia viver mundos que não eram meus. Passei a levá-los comigo para casa: os livros (ri).

Conexão Literatura: Você é autor do livro "O leão e as hienas e outras estórias", poderia comentar?

Uedison Pereira: O leão e as hienas e outras estórias é o meu primeiro trabalho publicado por editora. É um livro de contos, nas verdade são três estórias (explico no livro o porquê do termo "estória" e não "história") sobre choque cultural em imigração. A primeira estória é sobre as aventuras de um leão pelas selvas africanas e é construída com uma narrativa de mundos paralelos, onde realismo fantástico e fábula caracterizam uma estória rica em simbolismo, com analogias ao caos do mundo selvagem e o animal homem em cada um. A segunda estória é literalmente uma viagem. A viagem de uma criança em direção ao desconhecido. A terceira e última estória é uma distopia futurística passada na Bélgica onde um homem conduz seu carro de um lugar para outro e pelo caminho vai revelando um mundo desencantado no qual o homem parece ter perdido sua posição de ser único. As três estórias se conectam através dos termos migrar, emigrar e imigra que explicam a movimentação humana, mas também, metaforicamente a condição tridimensional do ser em corpo, alma e espírito, evidenciado nas narrativas das estórias. O livro é uma reflexão sobre a condição do ser, tendo por observação o choque cultural, ou melhor, as diferenças culturais e a convivência num mesmo lugar.

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Acredito que o leitor que gostou de A vida de Pi, de Martel, de Max e os Felinos (Scliar) e das ficções de Azimov vai gostar de "O Leão e as hienas e outras estórias".

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Uedison Pereira: Sempre digo que só escreve quem lê. O verbo ler aqui é sinônimo de observar-interpretar. Então minhas inspirações são minhas observações e interpretações do mundo em que vivo, pois, como migrei ainda pequeno de minha cidade natal, parece que estou sempre a migrar,

emigrar e imigrar. É uma constância que, de alguma forma, me moldou naquilo que sou e em como vejo o mundo. Minha casa é onde meu coração está. Assim, meu processo de criação é a configuração desse modo de vida, meio gira-mundo, tipo cidadão do mundo, transportado na forma de palavras e textos que tentam refletir o caos de vários mundos desse nosso mundo. E nesse processo tento fazer uso de diferentes estilos de linguagens, porque a realidade nem sempre é a ideal para falar dela mesma. E a literatura concede esse poder ao escritor: o de recontar algo até que já não seja o que era ou contá-lo por diferentes pontos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

“Na noite uma brisa soprava os pelos de sua grande juba e o aliviava da estufa do dia. Havia barulho de vida por todo canto. Sons de outros animais. Vultos saltando como fantasmas na escuridão. Resolveu parar e esperar até que o dia clareasse, quando o senhor bola-de-fogo novamente aparecesse...”

Trecho de “O leão e as hienas”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Uedison Pereira: Procuo sempre

www.revistaconexaoliteratura.com.br

participar de feiras e salões de livros. Já estive em eventos na Bélgica (onde moro), no Salão do Livro de Genebra, na Suíça, na feira do Livro de Lisboa, em algumas feiras e eventos literários no Espírito Santo e na Bienal do Livro de São Paulo de 2024, onde o livro “O leão e as hienas e outras estórias” foi um dos livros mais vendidos do estante da Ipê das Letras na bienal. E fiquei muito feliz. O livro tem, de certa forma, recebido ótimos comentários de quem o lê. E isso me alegra muito.

Quem tiver interesse, o livro está disponível em praticamente todas as plataformas e lojas virtuais de livros como amazon, googlebooks, bertrand e, claro, no site da minha editora Ipê das Letras, no Brasil, e da Atlantic Books, em Portugal. Em todos esses locais, o livro está disponível em e-book e papel. O livro também está disponível na livraria Martins Fontes da Paulista, em SP.

www.ipedasletras.com.br

www.atlanticbooks.pt

www.amazon.com.br

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Uedison Pereira: Um caso de amor e desejo.

O que percebo é que o brasileiro gostaria de ler mais, porém os hábitos culturais de muitos os distanciam da realização desse amor, ficando só no

desejo. O desejo de ler. Um amor que pena a concretizar. Porque a leitura requer querer, desejo e satisfação para que continue e busque mais. Acredito que certos hábitos culturais como a excessividade de músicas a todo momento tira da pessoa o silêncio e o tempo calmo necessários para que o prazer duma leitura se concretize. A leitura é uma viagem que exige do leitor um certo afastamento do caos externo. Por outro lado tem a questão educacional, a falta de incentivos e de fomento à leitura para a criação de novos leitores e, claro, a dificuldade que muitos autores têm para encontrar livrarias abertas às obras deles. Livros precisam da visibilidade duma livraria e muitas só querem os mais vendidos de listas em suas prateleiras. Então, é uma questão que deve ser observada por diversos fatores. Mas uma coisa que parece ser certa é que o gosto pela leitura é como cultivar uma planta. Não nasce do nada e quanto mais se rega água e cuida mais bela fica esta planta chamada leitura.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Uedison Pereira: Sim... Estou com meu segundo livro “Os sons nas estações de um ser: arte poética”, pela editora Ipê das Letras. E como amo falar de livros e literatura, tenho uma página no www.skoob.com.br
UEDISON_PEREIRA,

www.revistaconexaoliteratura.com.br

onde faço resenhas e avalio os melhores livros que leio.

Para os interessados, estarei na Feira do Livro de Lisboa, no dia 6 de junho, às 18h, no estande da atlantic Books e deixo aqui o convite para estarem no dia.

No dia 21 de junho, às 15h, estarei na livraria La Petite Portugaise, em Bruxelas, Bélgica.

E quem interessar, pode contactar-me por:

e-mail: uedisonpereira@ua.pt ,

instagram [@uedison_pereira](https://www.instagram.com/uedison_pereira)

titok [@uedison.pereira](https://www.tiktok.com/@uedison.pereira)

ou pelas editoras Ipê das Letras (BR) e Atlantic Books (PT).

Perguntas rápidas:

Um livro: O velho e o mar (mas há tantos outros!)

Um ator ou atriz: Não sei... Talvez Charlie Chaplin...

Um filme: Dança com lobos.

Um hobby: leitura e passear sem rumo.

Um dia especial: meu nascimento.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Uedison Pereira: Agradeço à Conexão Literatura pelo espaço e a visibilidade do meu livro O leão e as hienas e outras estórias e também pelo apoio de cada leitor.



◉ LEÃO ◉ E AS HIENAS

E OUTRAS ESTÓRIAS

O autor traz ao leitor um mundo surreal e animalesco de um leão e suas aventuras na terras das hienas na África. E fazendo uso do recurso à linguagem simbólica e mágica do mundo selvagem, o autor constrói uma estória dentro de outra estória até o ápice de um caos selvagem. Num outro conto, o leitor descobre uma Bélgica meio utópica num futuro não muito distante, aos olhos de um homem que passeia com seu carro num mundo de robôs.

São estórias que abordam temas como choque cultural e diferenças sociais comuns em processo de imigração.



04 | 22
JUNHO

95^ª

FEIRA DO LIVRO

LISBOA 2025

Presença: Uedison Pereira

Estande Atlantic Books

6, junho

18h



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



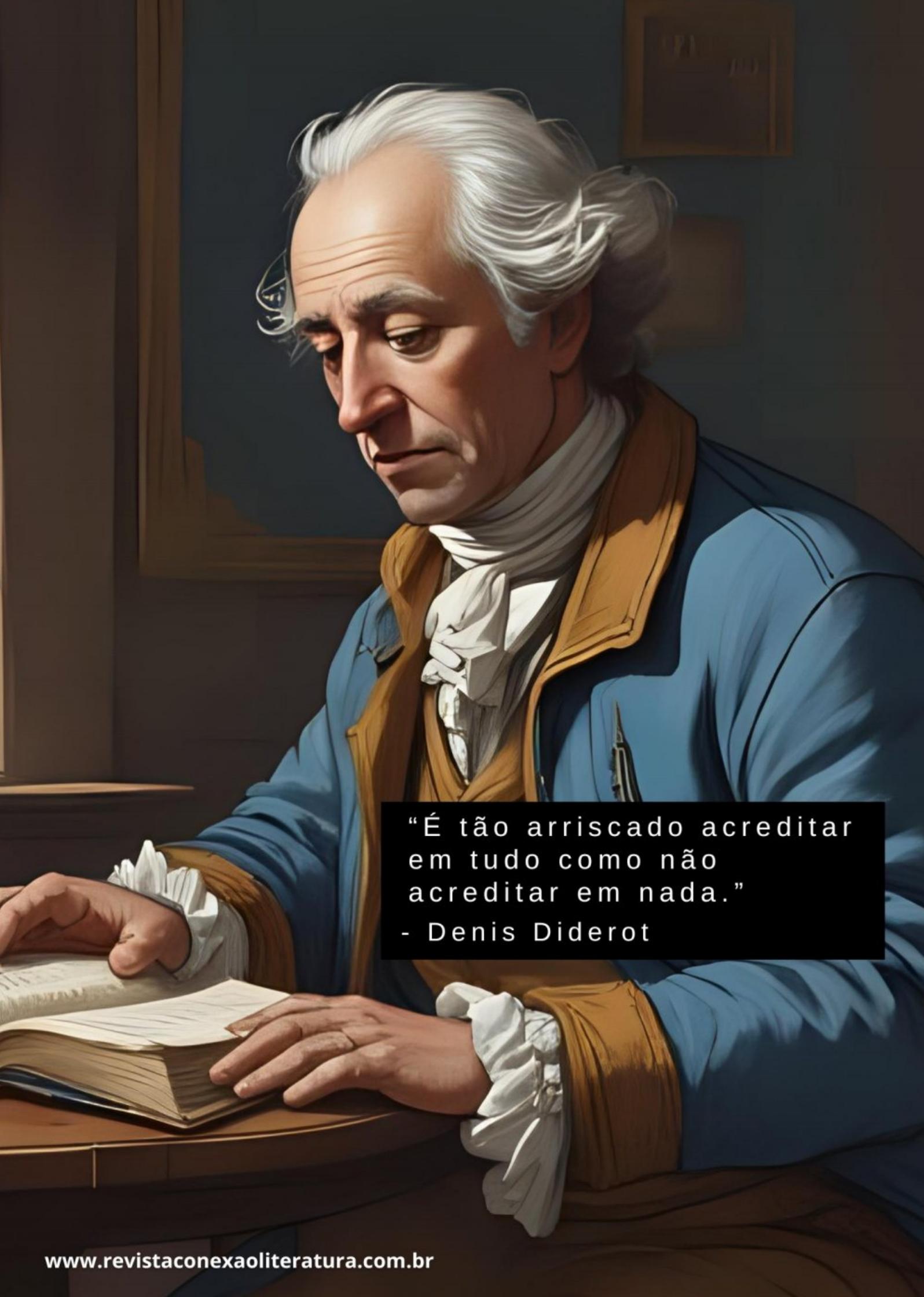
Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

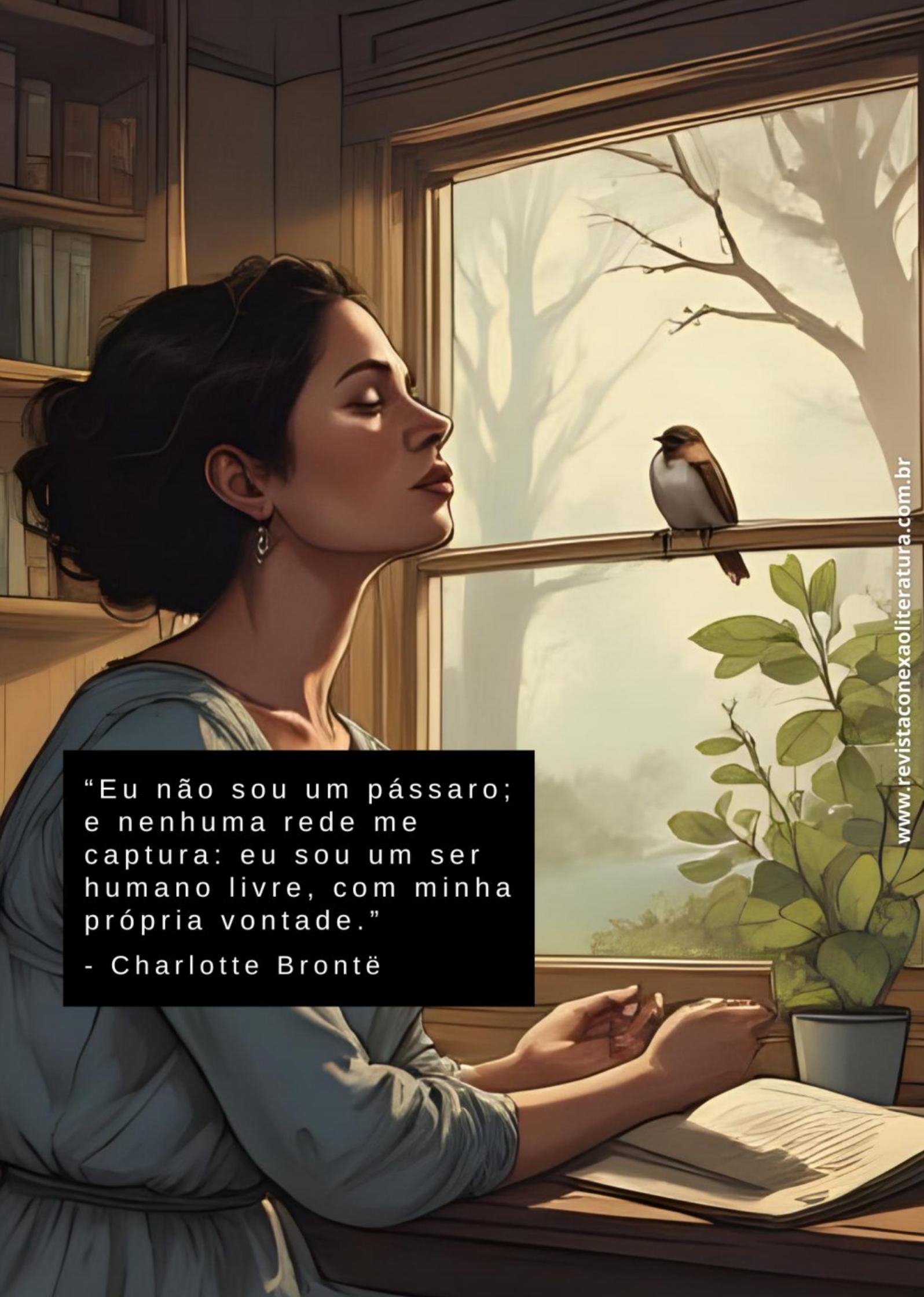
NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

Citações de Grandes Autores





“É tão arriscado acreditar
em tudo como não
acreditar em nada.”
- Denis Diderot

An illustration of a woman with dark hair tied back, wearing a light blue dress, sitting at a desk and writing in a book. A small brown and white bird is perched on the windowsill behind her. The scene is lit with warm, golden light from a window, with a potted plant on the desk and a bookshelf visible in the background.

“Eu não sou um pássaro;
e nenhuma rede me
captura: eu sou um ser
humano livre, com minha
própria vontade.”

- Charlotte Brontë



Ademir Pascale - Editor



participe das nossas

Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br

JOSÉ

POR ALINE LEAL MOTA



A cidade é linda – vista de cima, o céu azul contrasta com o verde, reflete no mar... tanta beleza tira até a vontade de colocar as lentes de contato, para não enxergar com muita nitidez. De perto, a miséria e a dor ofuscam qualquer lembrança de belo.

No caminho diário para o centro, vindo da zona norte, pichações, trapos, paredes e, infelizmente, pessoas pelas ruas escancaram o real de uma cidade. Impossível ser linda com esse cenário muitas vezes escondido ou camuflado, que a maioria dos passantes finge não ver.

Um dos viadutos de um entroncamento de vias (há pouco reformado) termina em pequenas estruturas quadradas com um espaço no meio, parecendo cadeiras arrumadas para um espetáculo. Já há mais de um ano passo todos os dias pelas “cadeiras”, e, numa delas vejo um senhor.

Tento imaginar o que faz, como vive, e, especialmente, porque está sentado todos os dias ali. Espera algo? Quer ver alguém? Mora ali? Não sei as respostas; porém, a camiseta rasgada me intriga e me comove ao mesmo tempo, me fazendo pensar se deveria interferir.

Questiono minha coragem, ou a falta dela. Qual seria o problema de ir falar com ele? É um senhor, penso... terá fome? Sede? O que devo ter nas mãos para quando finalmente conseguir dizer “oi!”? Perguntas repetidas e repetitivas, cheias de uma certa tristeza por um cenário humano que se revela desumano e cheio de lacunas.

Decido comprar uma camiseta nova. Sim, a camiseta rasgada é o sinal mais externo do que me machuca, embora eu não saiba se é algo que o incomoda. Fabrico discursos, falas, saudações e respostas na mente – que, no fundo, mais parecem a voz do medo de abordar um outro igual a mim...

É preciso vencer o medo. É urgente acolher o outro e ser acolhida por ele, sim, vamos! Comprei a camiseta, e passo com o carro um, dois, três, quatro dias pela cadeira da plateia, imóvel, branca e imponente. No primeiro dia o homem não está lá. No segundo, um carro me corta quando o vejo, e não há como parar. No terceiro o nó na garganta me impede.

Nova semana. Desta vez vai! – penso, resoluta e decidida a ser multada, xingada, ah, nada importa. Era meu o desafio... o do homem, confesso, fui eu que imaginei. Do alto do viaduto ligo o pisca-alerta, cujo ritmo é bem mais lento que o do coração. Parei o carro na Avenida Presidente Vargas.

Acolher. Ser junto, e não apenas ver. “Oi!”, digo, num misto de timidez e ousadia. Me apresento, digo que sempre o vejo ali, e noto que ele traz um banquinho de pano, dobrável, que o faz mais alto no quadrado do viaduto. Quando se levanta, é um homem comum, provavelmente de sessenta, sessenta e cinco anos. Seus olhos mostram um cansaço comovente.

Trouxe uma coisa para o senhor – digo. “Que coisa?”, ele pergunta a seguir. Respondo, e ele me pergunta como eu sabia o tamanho. Digo que o observava do carro,

e que, a partir daquele dia, buzinará para cumprimentá-lo. Ele, intrigado com a camisa, abre um meio sorriso, fala que gosta de azul.

“Posso perguntar o seu nome?”, digo, já mergulhada no universo do outro, esquecida do carro piscando na avenida engarrafada, sem ouvir buzinas ou mais nada do gênero. “José”, me diz num sorriso, que revela uma boca sem dentes. Sorrisos não precisam de dentes...

Ele agradece o olhar e o cuidado, me diz que não tem fome agora, mas aceita o biscoito trazido. Conta que vem todos os dias de longe, e vem cedo para vir num ônibus mais vazio... daí senta-se ali, porque fica abrigado do vento (vento?), e espera dar oito horas para pegar outro ônibus e ir até a Cinelândia, onde vende balas e doces.

Foi um prazer Sr. José!... ganho um abraço de presente; e, confusa, penso em São José, no meu bisavô, em tantos Josés... ganhei um abraço! O carro pisca, o trânsito faz barulho, o mundo berra – e o encontro é maior que tudo isso. A cidade agora parece mais linda, assim, de verdade.



Aline Leal Mota, contadora de histórias desde sempre, professora Mestre de inglês e português há mais de 30 anos, sempre sonhou ser escritora. O mestrado em Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro foi o primeiro impulso; e, o curso Oficina de Contos do Instituto Estação das Letras, o estalo final. Apaixonada por livros e pessoas, vive sua história junto àquelas que conta.



Quando abro um
livro, também abro
minha mente.





ORIGINAL

POR IDICAMPOS

Terra à vista do colonizador! “Plante lá que tudo dará”. Naquele território, há homens nus, cuja Igreja jura não ter alma. Portanto, caberá à coroa portuguesa colonizar os novos domínios. Comporão a esquadra que vai atravessar o oceano em direção ao Brasil: os ladrões, os estelionatários, os falidos e os povos escravizados da África.

Na batuta do rei português, o escárnio ancorou no terreno silvícola à procura de lucro fácil. Os marinheiros dividiram a terra dos caciques, enganaram os pajés com os seus feitiços ditos civilizados. Assim, no século XVI, o continente europeu impunha sua cultura aos povos originários.

Construíram uma cidade pra chamar de Porto Seguro, depois transferiram a sede da colônia pro Rio de Janeiro. Daqui, com os mestiços, fizeram a independência da monarquia portuguesa a preço de ouro. Na sequência, fruto da ganância da farda, fundaram a república com um golpe militar. Desta resenha nasce a Baixada Fluminense pra temperar a vasta mistura antropológica brasileira.

Os primeiros habitantes da Baixada, enrolados no cipó, foram os Jacutingas, povo originário da região. Uma etnia enraizada na redondeza faz um tempão. Eles são os filhos do pântano, senhores do fogo, amigos da água, parceiros do ar. Em suma, povoaram a área abaixo do nível do mar.

Os Jacutingas sabiam da importância da luta contra a expansão europeia no passado. Revindicavam a propriedade do hoje conhecido município de Mesquita. Resistiram, no entanto, alguns ingressaram no catolicismo, outros no protestantismo. O Xamanismo sucumbiu. A posse da terra jamais aconteceu de novo, dançaram pros grileiros do pedaço.

Desta etnia Tupinambá, restou o tataraneto do pajé, batizado nas águas do Rio Sarapuí como Chapado da Jacutinga. De raiz ancestral, devoto de Tupã, mateiro de profissão, fitoterapeuta por vocação - contudo teimoso por natureza - continuava brigando pelas terras dos Jacutingas.

Labutou a causa com afinco, porém cansou do conflito sem solução. Incompreendido, tratado feito bicho do mato, excluído da comunidade local, tornou-se carente; pois as moças de Mesquita recusavam o amor de Chapado da Jacutinga.

O comentário, na boca miúda, versava sobre o jeito estranho do sujeito. Um homenzinho petulante que nunca levava desaforo pra casa. O cara politicamente correto: nunca jogou lixo no chão, incapaz de um gesto machista, atento aos velinhos, companheiro da criançada. Na verdade, um ser desclassificado, dessas pessoas que rejeitam as roupas de marca e negam as etiquetas sociais de consumo.

Um tipo controverso, modelava o corpo com os sinais dos ancestrais, desenhava na derme os símbolos herdados do mistério da cor vermelha. Cultuava estranhos rituais de harmonização com os deuses da mata. A atitude singular contribuía para afastá-lo do diálogo com os moradores da localidade.

Desencantado, comprou um celular, enveredou em um aplicativo de relacionamento, conheceu uma kaiapó linda; derreteu o coração, enrabichou no namoro. Arriado de paixão, copilou as trouxas, conseguiu a passagem na política assistencialista, partiu pra Belém do Pará.

Na bagagem, levava a retórica da ecologia, diferentes temperos, umas mudas de manga, mas também um caderno escrito em tupi-guarani. Nas linhas do papel, riscadas numa caligrafia torta, bailavam poesias de amor dedicadas à índia da Tribo Kaiapó.

Lua Cheia, a amada de Chapado, recebeu na escola o aparelho telefônico de presente por ter aprendido a ler e a escrever. O regalo aproximou os namorados, pois o pretendente era bilíngue, falava português e tupi-guarani.

O amor desabrochou no fundo dos olhos negros de Lua Cheia ao observar a singularidade do pretense esposo: retilíneo no caráter, bom de coração, um noivo repleto de personalidade.

O apaixonado saía de Mesquita disposto a chegar à casa dos pais da noiva para tratar dos preparativos do casório. Vendeu o barraco de madeira, reuniu as economias; já tinha o suficiente pra assumir o compromisso.

Chegou à Rodoviária Novo Rio em traje de gala, arrumado segundo as tradições dos antepassados, desejoso de agradar a amada no Pará. Vestia um cocar de penas de pardal, um colar de bicos de pombo e a cara pintada de lama. Assim concluía, de maneira bastante original, o vestuário em pura pele.

Ao passar na roleta, foi barrado por estar pelado. Reagiu ao insulto com uma dança de guerra, alguns pontapés e uma enxurrada de palavrões. No tumulto, sobrou a covardia da repressão: deram uma surra no verdadeiro brasileiro.

Na marra, terminou jogado porta fora do prédio, mas a confusão não parou aí... Chapado da Jacutinga, apoiado no poder da tradição, dominou a situação e atravessou o obstáculo com honra de guerreiro. Parou o trânsito, incorporou a entidade da floresta, queimou um carro, codificou com a fumaça uma mensagem de súplica.

A comunicação surtiu efeito, alertou os caciques fluminenses do ocorrido na roleta da plataforma. Antes da meia-noite, os originários da terra aglomeraram no entorno, tomaram conta da história, cercaram a rodoviária. Então, ninguém entrava nem saía.

O escândalo imediato mobilizou a massa. A mídia plantou o aparato da fofoca na entrada da Rodoviária Novo Rio. Num sopro de tempo, ocorreram as ordens de cima. O chefe da Polícia liberou a nudez na rodoviária.

O capital atacou, defendeu a compostura, enveredou no ataque mediático contra o nudismo, porque os estilistas perderiam o mercado bilionário da confecção de roupas. A moda de andar despido causaria um caos, os empresários do setor seriam capazes de tudo para impedir a proliferação daquela ideia absurda.

A senhora pudica fechou os olhos, a menina virgem abriu um sorriso, o gay cresceu o interesse, tais reações adversas viraram versos no caderno de poesia do poeta Chapado da Jacutinga. A estrutura metálica da Rodoviária Novo Rio, indiferente, assistia aos devaneios moralistas da sociedade contemporânea.

A situação quase saiu de controle com os passageiros roçando uns nos fofos dos outros nas filas de embarque. Logo, a normalidade da nudez caiu no lugar-comum. No fim, a celulite e a estria perderam a vergonha.



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

DIVULGUE PARA

MAIS DE

1 MILHÃO DE

SEGUIDORES

APENAS

R\$ 180,00

Entre em contato:

e-mail: ademir@divulgalivros.org

revistaconexaoliteratura.com.br



HOJE É 13 DE MAIO

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE



Patrícia acordou sonolenta. A preguiça a tomava por inteiro. Mas o despertador já havia tocado há dez minutos e precisava correr para não perder a primeira aula no colégio. Se tivesse mais faltas, teria que aguentar broncas dos pais que, divorciados, alongavam a discussão com acusações mútuas de responsabilidade exclusiva pelos deslizes da filha adolescente que, em verdade, era comportada demais e até compenetrada em excesso, ganhando no aspecto de ambos...

Após lavar o rosto, arrumou os cabelos entrelaçados em longas trancinhas à moda afro, pois era negra. Arrumou-se rapidamente, vestindo uma camiseta cor de vinho, calça e jaqueta jeans desbotada e calçando um par de tênis brancos. Brilho nos lábios, lápis sob os olhos, um gole de café, pegou a mochila e desceu correndo as escadas do prédio de três andares em que vivia com a mãe, Betina, que trabalhava numa clínica geriátrica como cuidadora de idosos e cumpria plantões, seguindo a uma escala previamente elaborada.

Paty, como todos chamavam, estava acostumada desde muito pequena a suprir suas próprias necessidades, desistindo de aguardar a proteção dos adultos. Eles no mais das vezes eram tão frustrantes, comportando-se como se fossem mais novos do que ela, frequentemente. A mãe era doce mais assoberbada, o casamento dos pais foi difícil e deserto de amor real e os cuidados que mais recebeu quando pequena foram prestados pela avó materna, a única que conheceu, mas que já havia falecido há seis anos.

Então, era independente. Sabia se virar bem e não tinha a ingenuidade das adolescentes acolhidas pela família, com sonhos mais rosáceos e leves. Sabia que tinha que se esforçar muito na vida para alcançar seus objetivos sem esperar que as soluções lhe fossem entregues por terceiros. Era ela, por ela. E precisava ser forte, enquanto mulher, jovem e negra, no mundo como se nos apresenta.

Chegou esbaforida, entrando na classe quando os colegas estavam acabando de se acomodar, sem chamar a atenção. Havia corrido bastante, mas foi preciso. Agora, podia respirar um pouco melhor, preparando-se para ouvir a primeira aula em meio ao burburinho dos alunos.

O professor Túlio, um homem calvo, com a superfície abdominal um pouco arredondada e um habitual ar de tédio, chegou e escreveu na lousa, com giz branco, a frase: “hoje é 13 de maio”.

O que ele queria dizer com isso? Não era costumeiro o professor colocar a data da aula na lousa desse jeito. Paty não sabia, mas tampouco se interessou, organizando sua mesa com canetinhas, caderno e sem celular, recolhido de todos os alunos por alguma regra inovadora. Não possuía tablet ou notebook como alguns alunos para acompanhar a aula, mas tampouco se importava com isso. Não se considerava tão tecnológica.

O professor começou a falar com aquela sua voz vagarosa e sem vida.

— Oi, galera, bom dia! Vocês sabem que dia é hoje?

Silêncio dos poucos que prestaram atenção no interlocutor.

Patrícia não entendia que força movia os professores para aguentarem as classes de alunos adolescentes. Desconectados, distraídos, entre letárgicos a acelerados, rindo alto, conversando sem parar. Eram raros aqueles que olhavam e ouviam o professor. Impressionante essa resiliência, ela tinha que admitir.

Vendo a apatia geral, o próprio professor respondeu à sua indagação, a contragosto, sob postura mecânica.

— Então, gente, dia 13 de maio de 1888 foi a data em que a Lei Áurea foi firmada pela princesa Isabel, abolindo a escravatura em território nacional! Isso casa muito bem com o tema de nossa aula, hoje abordaremos em literatura o grande Machado de Assis que escreveu um conto sobre o escravismo, retratando as mazelas da sociedade brasileira no século XIX. Não sei se vocês sabem, mas Machado era um homem negro!

Foi nesse momento que, de modo absolutamente surpreendente para Patrícia, um rapaz baixo, bastante magro, negro, que se sentava sempre na primeira cadeira da fila, chamado Francisco, manifestou-se com uma voz firme, sonora, em tom grave. Quem diria que aquele garoto mirrado seria dono de uma voz de trovão.

— Desculpe, professor, mas não concordo que essa data deva ser comemorada porque a Lei Áurea não trouxe a igualdade e liberdade para o povo negro, continuou aquilo que chamam de racismo estrutural! Li isso num blog e acho muito sério esse assunto para nós!

O professor pareceu aturdido e um pouco sem graça com a intervenção do silencioso aluno. Mas após alguns momentos de mutismo, voltou a ser dono da própria voz e se manifestou.

— Sim, Francisco, bem legal sua intervenção! Há a data comemorativa, o fato histórico e muitas nuances e reflexões sobre o tema do término da escravização no Brasil que durou um período absurdo, três séculos! Existem muitas consequências e ponderações. Mas a intenção do meu lembrete é outra, eu gostaria de comentar com vocês o conteúdo de um conto de Machado de Assis, o gigantesco escritor realista do século XIX, de uma genialidade ímpar, que escreveu o conto Pai contra Mãe.

O professor bem o sabia, se não lesse trecho de textos literários na aula e depois fizesse questionários para os alunos responderem em sala, em grupo, suas recomendações de leitura ficariam relegadas ao espaço sideral do esquecimento e, quando muito, por ocasião da prova bimestral, os alunos iriam decorar dados de chat GPT para assinalar as respostas ou, o que era comum e alguns extremamente talentosos no mister, procederiam à famosa “cola”...

— Então, gente, vou começar lendo o início do conto para vocês. Por favor, prestem atenção....

Por alguns minutos, o burburinho da sala pacientou-se.

— *“A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o*

ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.”

Túlio levantou os olhos do texto que lia e de súbito, espantou-se de modo intenso com olhos atentos voltados para si. Os alunos do colégio público com maioria preta e parda finalmente escutavam-no.

Tomou fôlego e retomou o uso do verbo.

— Gente, esse conto é maravilhoso ao passo que retrata com muita exatidão uma realidade social. Eu gostaria imensamente que vocês lessem. Não vai falar exatamente sobre o horror e a tortura que era a máscara-de-flandres. Esse foi um aparato muito utilizado por senhores de escravos... descreve uma sociedade desigual, estratificada, onde se instala a violência e ausência de empatia na luta pela sobrevivência e atendimento aos próprios interesses. E nela o negro é colocado como objeto, ser não passível do atributo da dignidade, salvo se alforriado. Sim...isso existiu. Infelizmente!

Patrícia, no auge de seus quinze anos, sozinha no mundo caótico dos questionamentos egocêntricos de todos ao seu redor, decidiu que iria ler esse texto com muita atenção. Porque a tristeza que sentia ao ser olhada com desconfiança ou menosprezo, num lugar público qualquer, não era imaginária. Aquilo tinha uma origem. Um nome. E como não queria ser refém da dor e do ressentimento, precisava entender as dinâmicas que conduziram a esse estado de coisas. Um escritor do século XIX poderia ajudá-la.

Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

@CONEXAONERD

Conheça o Canal

CONEXÃO
NERD



INSCREVA-SE

APRESENTADO
POR
ADEMIR PASCALE



MISTÉRIO

POR MÓNICA PALACIOS



Parece ficção e, por momentos, até realidade. Um clima enigmático e por momentos, até acolhedor.

Assim passaram os dias e se entendiam até nas diferenças que, posso lhes assegurar, eram muitas.

Um ardente, maléfico, visionário de chamas e dores. Compenetrado com as profundidades.

O outro, pacífico, lânguido, confiante e fervoroso. Seu olhar era ao céu, ao mistério, à luz.

Como podem nascer da mesma família seres tão opostos? Quem determina ou nos indica os limites dessas almas?

Não sei. Era um enigma para todos. Segredo familiar.

Só contarei uma anedota e vão entender a minha perplexidade por tantas e tantas situações extremas.

Um dia como tantos, só que festivo no povoado. Muitas visitas amigas dos amigos iam chegando e todos queriam aportar alegria no encontro.

A banda começou a tocar, as crianças corriam em volta do coreto e só alguns aposentados não paravam de jogar truco e outros jogos.

Mas ela, a mais graciosa e bela da cidade se apresentou no cenário e anunciou a abertura oficial da festa. A fanfarra, as bexigas, a maçã do amor, o pipoqueiro, não faltava ninguém.

Uma música parece ter sido o “disparador” do confronto. Ninguém sabia o porquê, mas, eles, começaram a questionar sobre a verdade e os mistérios que os envolviam. Das palavras a gestos impetuosos, parecia difícil ganhar a atenção das pessoas com algo tão inesperado e inexplicável, desconhecido.

Sim, o filho mais duro, severo, diabólico resolveu desafiar ao sereno e equilibrado. Este, sem saber o porquê de tantos golpes, uma zurra inumana, desnorteado, cambaleante, caiu no chão desmaiado sem explicações. Tudo parecia escapar à lógica, ao previsível e até ao bom senso.

Alguns poucos tentaram reanimá-lo. Reaccionou e até esboçou um sorriso. Parecia uma anedota bizarra, ilógica e irracional.

Começaram a entrar estandartes, bandeiras de diferentes agrupamentos religiosos e das outras. Tudo muito colorido, e até esperado pelos pacatos moradores da cidadezinha perdida entre as montanhas.

Discursos, poesias e outras manifestações agitavam o coreto até que subiu ele, o sombrio Jafé. Olhou, voltou a olhar e explicou.

“Faz muitos, muitos anos atrás, na maternidade, dentro do berço, uma maldição estremeceu a nossa família e fui eu o escolhido, por nossos pais, para sarar essa

pendencia. Por tanto, só agora, vingado o agravio, a vida continuará e se alguém quer saber quais seriam as consequências... caso não agisse, só se aproximar que as compartilharei ".

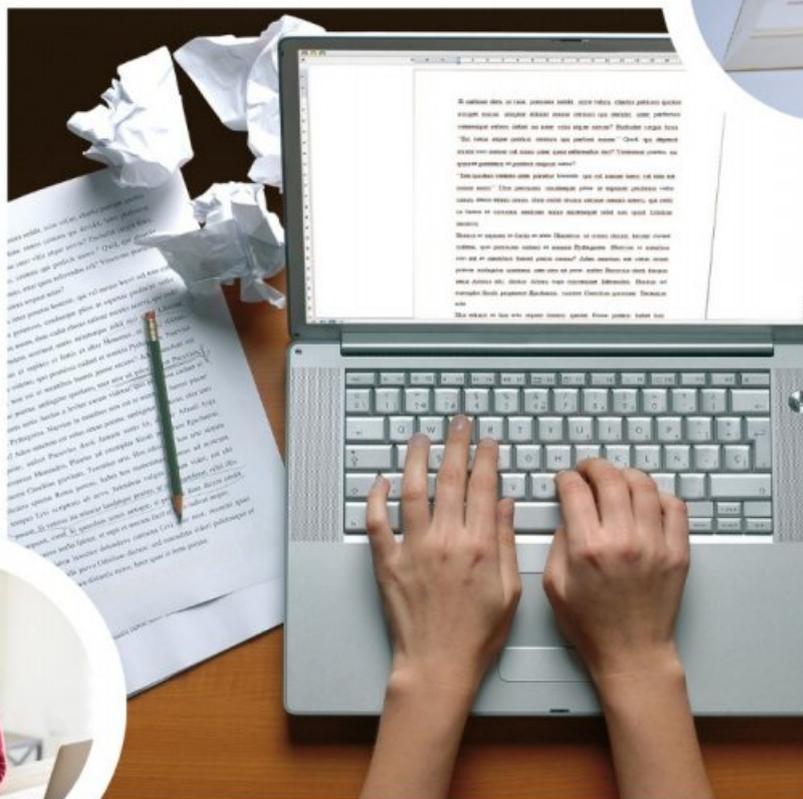


Mónica S Silva de Palacios é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. *Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro e Medos, nunca mais.* Livro de *Crônicas: Crônicas da presença.* Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de *Elos da Língua Portuguesa* dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: *Nossos contos* e *O vento nas esquinas.* Publicou, em coautoria a *Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol* pela Editora Scipione.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br



A VASSOURA DE SOMBRAS

POR NEY ALENCAR

“A vassoura da bruxa tem muitas serventias!
Ela pode voar, e
Ela pode varrer!
E está sempre à mão!”

— Ladainha da Bruxa

A bruxa tinha uma vassoura!

Uma vassoura de cabo preto grosso e ponta cogumeluda e roxa com cerdas brancas impecáveis, porque precisava para manter sua casinha limpa e em ordem e para outros assuntos mais sutis e conspícuos também!

Aquela não era uma vassoura qualquer, mas a bruxa também não era uma bruxa qualquer!

Era a Velha Cinzenta!

Cumprir dizer aqui que ela era má e sinistra e que ninguém que a encontrasse, fosse pelas ruas daquela cidade que ficava às margens da fabulosa Charneca de Guay, ou mesmo perambulando pelos caminhos de terra batida que se estendiam labirínticos pelo meio das lagoas de águas profundas e negras dentro das quais as coisas selvagens habitavam, ninguém saia incólume de um encontro destes.

Pois quem a conhecia fugia dela, como se fugisse do próprio Mestre das Trevas, que afinal também era o mestre dela, ou de alguma monstruosidade infame e blasfema retirada de dentro dos pesadelos mais horrendos e hediondos de coisas que sequer sabemos o que são.

Quem não a conhecia, e a encontrava pela primeira vez, por vezes não tinha a oportunidade de desconhecê-la, nem mesmo de se furtar ao fim perigosamente aterrorizante daquele encontro fugaz.

Estes não eram poucos!

Foi o que aconteceu certa vez com um mascate e vendedor de vassouras que tomou uma direção errada em um beco da grande capital.

Tentava chegar nos bairros da periferia, onde esperava granjear as boas vontades de suas moradoras e conseguir vender todo o estoque de vassouras piaçavas que trazia consigo amarradas cuidadosamente sobre o burrico preto.

Sem querer, nem entender como o fez, conseguiu atravessar destas terras que conhecemos para as terras que já não conhecemos mais e perdeu-se pelas bordas da fantástica charneca.

Errou pelos caminhos serpentinos que entravam e saíam de lá despropositadamente.

Não era um homem prático, gostava de sonhar e por vezes os outros mascates e vendedores de vassouras do mercado perto do cais o chamavam de “sonhador” e “poeta” e riam-se dele!

Não que o fosse realmente...

Fato é que gostava de ouvir e contar histórias e muitas vezes foram estas histórias que ouvia e que contava que o haviam colocado em maus lençóis, pois os olhos das donas-de-casa solitárias punham-se sobre ele, assim como seus braços, mãos e outras coisas e não raro foram as vezes que teve que fugir apressado de algum marido ciumento.

Aproximava-se já o fim de tarde e afinal parou diante de uma pequena lagoa no fim de uma das ramificações da estradinha.

O burrico pôs-se a pastar calmamente, estava cansado e com fome.

Ele próprio já sabia que não estavam mais no mundo dos homens, mas seu dono não era tão esperto, nem mesmo observador.

Mesmo não encontrando nenhuma casa pelas redondezas não ocorreu ao mascate que já não estava nas terras da cidade e sim em outro lugar bem mais distante e inacessível.

Somente descobriu o fato quando tirou o chapelão, para enxugar a testa, olhou para o céu anil e viu uma sombra não tão distante que o surpreendeu por demais.

Não era um pássaro, era maior do que isso.

Também não era uma águia ou um abutre, era bem maior do que isso.

As grandes asas pelancudas e avermelhadas batiam com força e um pescoço comprido e coberto de escamas vermelhas moveu-se e daquela boca larga cheia de dentes como facas brotou uma labareda enorme que coleou pelo céu e queimou algumas nuvens.

O homem assustou-se!

Tremeu dos pés à cabeça, como se fosse uma vara verde.

Nunca vira nenhum dragão verdadeiro! Na verdade nunca vira dragão algum!

Aquele era seu primeiro e quando pensou nisso acreditou piamente que fatalmente seria seu último também.

Jogou-se no chão e cobriu a cabeça com o chapéu, como se aquilo fosse fazer com que o dragão não o pudesse ver. Coisa de criança!

O burro apenas o olhou de lado e continuou pastando.

Havia uma certeza dentro de si de que aquele dragão específico não iria descer para caçá-lo, não era uma certeza completa, mas antes um remelexo esquisito dentro de suas entranhas.

Seu dono não possuía nenhum daqueles poderes maravilhosos, portanto estava aterrorizado!

Continuou com o rosto no chão durante algum tempo até se certificar que o dragão já voara embora.

Levantou-se, limpando a terra das roupas, e puxando o burrico retornou pelo caminho que viera, tentando sair daquela charneca, sem, no entanto, conseguir seu intento.

Seus caminhos tortuosos acabaram levando-o bem para a frente de uma casinha de tijolos velhos e telhado de palha e grama verde, cercada por uma cerca de madeira branca com um jardim cheio de pedras coloridas que se assemelhavam demais a pequenas pessoas.

Uma fumaça cinzenta saía pela chaminé e um cheio maravilhoso de bolo de fubá com alecrim e chá de hortelã e menta chegou até ele.

Como estava faminto, pois não comera nada deste o café da manhã daquele dia que tomara na pequena padaria de esquina da pensão onde estava hospedado, ele bateu palmas e esperou ansioso.

Como ninguém viesse atendê-lo, entrou sem cerimônias, pelo portão de madeira branca deixando o burro amarrado do lado de fora do jardim, para evitar que o mesmo comesse as flores.

Ora, o burrinho não iria fazer uma coisa daquelas, mesmo sem saber quem morava naquela casinha ele tinha certeza de que se o fizesse nada iria salvá-lo do mesmo destino que acometera todas as aquelas pessoas que agora eram apenas pedras coloridas naquele jardim.

O mascate deu a volta pelo lado da casinha e chegou na porta da cozinha.

Bateu na porta e esperou.

Cumprir explicitar que, como já dito em outros lados, a Velha Cinzenta não era afeita à vendedores de nenhum tipo, mas sempre que calhava de os pegar preferia sempre os cozidos aos assados, pois estes acabavam se mostrando sempre duros e fibrosos.

Ocorre que naquele fim de tarde ela estava de muito bom humor, o que era assaz raro, pois havia conseguido capturar um gnomo gordo e pretendia fazer uma deliciosa torta com ele.

Afinal gnomos eram uma iguaria rara naquelas paragens!

Assim que abriu a porta e viu o vendedor de vassouras seus dois olhos brilharam de prazer!

O mascate sorriu de forma cativante, mostrando bem os dentes brancos e pediu um pedaço da deliciosa torta, assim como uma xícara daquele chá tão cheiroso, e aproveitou também para pedir orientação nas direções por aquela região que lhe era desconhecida.

A Velha Cinzenta sorriu!

Mostrou-lhe a cadeira, ofereceu-lhe chá de hortelã e menta e um pedaço de torta de maçã e canela.

O mascate não se fez de rogado, entrou, sentou-se e comeu.

A Velha Cinzenta alegrou-se pela segunda vez naquele fim de tarde, pois ele elogiou a torta e o chá com palavras bonitas e deliciosas.

Quando terminou o chá e a torta ele levantou-se para ir embora e a Velha Cinzenta o acompanhou até portãozinho da frente da casa, as pedras coloridas haviam se escondido para evitar que ele pisasse nelas.

O mascate deu-lhe de presente uma bela vassoura piaçava, apesar da Velha Cinzenta lhe dizer que já possuía uma bela vassoura mágica extremamente útil, ainda que possuísse um gênio ciumento e beligerante.

Despediu-se e puxando o burrico tomou o caminho que a Velha Cinzenta havia lhe ensinado até que a casinha de tijolos sumiu em uma curva e ele deixou para trás a Charneca de Guay e as terras que não conhecia.

Atravessou o crepúsculo daquele dia de verão, apesar de ser outono nas terras de onde viera, e chegou aquele mesmo beco onde se perdera.

Um redemoinho de vento levantou seu chapéu e ele olhou ao redor, cuidando para não ver outro dragão pelo céu.

Mas não carecia de ter nenhum receio, pois estava já de volta às terras que tanto conhecia!

Ainda sentia uma estranha nostalgia, como se deixasse uma parte de sua infância para trás, um lugar quente e cheio de luz que lhe aquecia o coração, quando cruzou o batente da pensão, mas então os barulhos do mundo vieram ao seu redor e ele esqueceu tudo o que lhe acontecera como se fosse apenas um sonho bobo!

A vassoura piaçava que deixara como prenda para a Velha Cinzenta, porém, teve outras aventuras maravilhosas, mas que infelizmente não entram nesta história!

E houve até mesmo uma época na qual ela foi chamada de “A Tenebrosa Vassoura de Sombras”!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.

DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES



POR UM FARDO MAIS LEVE

POR ROBERTO SCHIMA

A neve caía incessante, a crepitar sobre o guarda-chuva azul, ora transformado em guarda-neve. Na verdade, era de pouca ajuda, pois o vento — matreiro em suas rajadas e volteios —, fazia os flocos desafiar a gravidade e virem de todas as direções. E, se antes era silencioso, agora sibilava cheio de promessas de mau agouro. Como resultado, a paisagem estava tomada por um nevoeiro branco e tumultuoso, constituído não por vapor condensado, mas por cristais de gelo. Ele absorvia todos os contornos e pontos de referência, reduzindo a visão a poucos metros. Os galhos das coníferas curvavam-se sob o peso da neve. E, a partir do chão, a alva camada crescera, atingindo a altura dos joelhos da adolescente. Seria um espetáculo bonito, digno de cartão postal, não fosse as circunstâncias transformarem um trajeto normal em uma situação de desespero.

— Bo-bo-boba! — disse a jovem num bater de dentes. — Bo-boba!

Recriminar-se trazia um alívio ilusório, de curta duração e não resolvia o problema.

— Bobona!

Era uma região erma, dominada por bosques temperados e rochedos escarpados. O outono findara e o inverno chegara evocando memórias glaciais, quando a humanidade vestia-se de peles, e enormes criaturas lanudas perambulavam pela Terra. A carícia gelada fizera brotar uma coloração avermelhada às bochechas da adolescente cujo nome era Kayla.

Foi em meio a uma rara trégua da ventania — e quando tudo o que mais ansiava era encontrar o caminho de volta para casa —, que ela avistou. Houve uma inesperada brecha na bruma gelada. Assim, ao longe no alto da montanha, lá estava a silhueta ameaçadora:

— O castelo!

Não passava de um vulto soturno e imponente. Impressionante em seus contornos vagos, confundia-se com o nevoeiro e céu de um cinza claro, ora surgindo, ora sendo borrado e apagado pela brancura sem fim. Assentava-se no alto da montanha e a beira de um penhasco, conforme diziam os rumores na vila. Sua antiguidade era alardeada pelo estado de decrepitude no qual se encontrava. Segundo constava, em tempos idos, além do fosso de águas cristalinas que o rodeava na primavera devido ao degelo, havia uma floresta luxuriante no sopé da montanha até um terço dela, habitada por cervos, cabras, coelhos, corujas, raposas, águias e ursos. Obviamente, tal cenário não se encontrava visível para a adolescente, mas somente nas visões da imaginação, semeadas pelas narrativas da avó, D. Mirttes, junto à lareira, durante a infância de Kayla.

— No entanto — dissera certa vez a idosa com sua voz rouca —, um dia as águas tornaram-se turvas, de aspecto doentio, a exalar um fedor de embrulhar os estômagos mais fortes. Quanto à floresta, as árvores morreram, secaram, só sobraram galhos parecidos com mãos de bruxa com os dedos apontados para o alto. Amedrontados, todos os animais fugiram, abandonando ninhos e tocas. Até o sol deixou de brilhar na região. O céu se tornou perpetuamente nublado, cinzento e ameaçador como acontece antes do temporal.

— Que medo, vó! — gemera a menina.

— Ah, eu também fiquei assustada quando minha vó me falou.

— Já teve vó, vó? Por que aconteceu? Foi doença? Um monstro? Que coisa ruim, né, vovó!

A velha sorriu ante a surpresa da neta sobre sua própria avó. Sim, para as crianças, os idosos sempre foram idosos. Jamais bebês, crianças, adolescentes ou jovens adultos. Sequer tiveram pais ou avós. Sempre velhos, encarquilhados, de fala arrastada, cabelos grisalhos, membros fracos, memória fraca, cheios de flatulência, andar desajeitado e infinitas rugas pelo rosto. Não passavam de uma versão grotesca de bebês à espera de um berço debaixo da terra.

— Não Kay, não foi doença nem monstro. Foi uma maldição!

— Ma-ma-marudissom?

— Maldição... É um tipo de castigo. Sabe o que é castigo?

Infelizmente, a pequena Kayla sabia, pois sofrera um após quebrar o vaso favorito da mãe. Acenara um sim com a cabeça, acabrunhada. Além das palmadas, tivera de encarar a parede do quarto por meia hora. Não fora uma boa recordação.

A avó prosseguira:

— Por dois ou três séculos, o lugar foi evitado por viajantes, exploradores, peregrinos e caçadores. Lendas diziam ter a maldição se abatido sobre o castelo e arredores devido a um terrível soberano que lá viveu.

— Sobe... sober... anu?

— Soberano. Um nobre. É quase como um rei, alguém que manda nos outros.

— Como o papai?

A velha torceu o nariz ante a menção do genro.

— Seu pai... Nobre? Rei? Esse estouvado tá mais pra bobo da corte!

— Estouva...

— Ah, deixa pra lá, Kay! Esqueça disso. Quer ouvir a história ou não quer?

— Quero!

— Então, só escuta.

— Tá bom!

— Ouve sem falar!

— Tá... Hum...

Kayla comprimiu os lábios e acenou um "sim" com a cabeça.

— Ótimo! Em boca fechada não entra mosquito ou coisa pior — resmungou D. Mirttes sem rancor. — Então, onde eu tava? Ah! Uma maldição... Um castigo medonho caíra sobre o lugar e o senhor do castelo. Por quê? Porque, para evitar o namoro da filha com um pretendente indesejado, o soberano trancou-a em uma das torres para nunca mais deixá-la sair. Pode imaginar tal coisa? Ficar presa sem poder mais brincar, passear pelo campo, ver as amigas ou colher flores? Pois é. Agoniada, a mocinha não suportou. Em seu tormento, rogou uma praga: após morrer por suas próprias mãos, a ruína haveria de se abater sobre o pai. Sabe o que quer dizer praga? E ruína? Ah, agora pode falar, bobinha!

Sob a nevasca, as lembranças trouxeram nostalgia com uma pincelada amarga de tragédia, a *sua* atual tragédia. O frio não dava trégua e, ao findar da tarde, seu destino estaria selado. Ouvira a respeito de pessoas encontradas congeladas a poucos metros de casa. Que dizer, então, daquelas sem rumo? Oh, sim, Kayla sabia das histórias sobre o castelo, o soberano, a filha, a floresta e a maldição. Longe dela pretender ignorar os avisos sobre manter distância da região lazarenta. No entanto, perdera-se e, quando dera por si, lá estava a divisar os picos do castelo a emergirem da bruma conforme dito pelos antigos contos de fantasma. Contudo, assombrações eram o menor de seus problemas. Podia sentir isso nas infinitas farpas de gelos a cutucar suas pernas e roubar o calor de seu corpo.

— Boba!

O desespero se insinuou em sua mente a medida que minguava a perspectiva de encontrar o caminho de volta. O vento gemia entre as árvores numa sinfonia toldada por maus presságios. O ar frio magoava os pulmões, e o cheiro da neve fazia-se pungente. Apenas quando as sombras principiaram a se sobrepor sobre a alvura da neve foi que o horror aflorou. Morreria ali. A temperatura glacial que fizera suas extremidades doerem, tornar-la-iam roxas e, depois, negras. O toque gelado subiria por braços e pernas até atingirem seu tronco e congelar o coração, fazendo cessar os batimentos como um relógio cuja corda cessara de trabalhar. Com sorte, pereceria antes de ser consumida pela gangrena. Só seria encontrada — caso o fosse — na primavera, meses depois, caso ursos, lobos e corvos não dessem fim de sua carcaça antes disso. Estremeceu. Pensamentos lúgubres demais para alguém tão jovem. Frio e pavor. Pavor e frio. Lágrimas aqueceram por breve momento as faces rosadas antes de congelarem. Seria apenas mais uma desaparecida, outra vítima da imprudência a ser lamentada, enumerada e esquecida.

De súbito, viu-se presa na neve. De tão espessa, quase atingia a cintura. Segurava-lhe as pernas. Cada passada queimava e queimava as reservas de energia e a vontade de viver.

Por que resistir perante o inevitável?

A neve era tão fofa, paciente e convidativa.

Bastaria se deitar, aguardar o torpor e adormecer.

O sono sem sonhos chegaria suave como o cair da neve.

Término da aflição.

Esquecimento.

Sem dor.

Paz.

Paz? Não, não haveria paz diante da imagem que, teimosamente, formou-se diante de si. A tristeza dos pais. O pesar das amigas. Os sonhos que não seriam concretizados. A vida precocemente interrompida.

— Nããooo! — balbuciou.

O vendaval lamuriou em resposta.

Neve...

Desde pequenina, Kayla amava a neve. No aconchego da sala ou do quarto, apreciava observar o cair dos flocos, ora sereno, ora buliçoso, a paisagem cobrir-se de branco como se fosse um cobertor de glacê ou açúcar de confeitiro sobre uma guloseima infinita. Não tardara a descobrir que não era doce, apesar de possuir sua peculiar doçura. Havia algo mais naquilo, um encanto mágico, o modo como o clima gelado tornava as ruas desertas, tingidas de melancolia, e a neblina diluía as luzes em torno das lâmpadas da iluminação pública. Tal impressão se acentuava com o término dos dias cada vez mais curtos e o avançar da penumbra, das sombras e da escuridão. O vento uivava. A neve batia na janela. Ruas vazias. A solidão. A quietude. O mundo em hibernação. Era o encanto de uma aura que, em vez de quebrar, acentuava-se e meio que se alojava no espírito da criança de uma maneira tão profunda que ela se via incapaz de traduzir em palavras. Tal sentimento, aliás, fora reforçado por D. Mirttes, a quem o inverno transmitira igual fascínio. Certa vez, ela lera para a neta um texto que escrevera na juventude — uma folha de papel dobrada e amarelada, guardada numa pequena caixa de madeira —, coisa que surpreendera a pequena Kay. Menos pelo fato da avó ter criado aquilo, mas por ter sido moça um dia:

"Manhã de Segunda-Feira.

"Depois de uma madrugada cortante e flocos de neve caindo teimosamente sobre as casas, começa a amanhecer.

"A neve diminui e se transforma numa poeira alva a cair do céu sobre os mesmos telhados agora cobertos por uma manta fofa e gélida.

"O sol abre caminho por entre as nuvens, lançando raios dourados como se fossem braços enormes, forçando o resquício da noite a recuar e tinge sem cerimônia o firmamento com várias matizes de amarelo e laranja, transformando-o em uma linda tela impressionista.

"Abro a janela e respiro o ar frio, deixando os floquinhos pousarem como se fossem pequeninos beijos em meu rosto.

"O silêncio me envolve e abraça carinhosamente.

"O vento suave sussurra intimamente ao meu ouvido.

"É difícil descrever a paz que me cerca.

"Fecho os olhos imaginando ser a única criatura acordada a essa hora e numa prece silenciosa reivindico esse momento só para mim como se fosse um presente do Universo apenas para tornar o meu dia melhor."

— *Beijos no rosto... Paz... Presente do Universo...*

A adolescente Kayla soluçou ante a recordação. Houvera ternura na voz rouca. Lembrou-se da bela caligrafia, grande e redonda, escrita a bico de pena. Onde fora parar aquela folha? Não sabia. Saudade, pesar e medo misturaram-se. Quão irônico era que, agora, a neve, fonte de tanto prazer e admiração, viria a se tornar a razão de seu fim.

Quando a esperança se mostrou por um fio, e a lassidão entorpeceu a consciência para um sono do qual não acordaria, através das pálpebras geladas e da brancura do nevoeiro, Kayla viu uma coisa se materializar. De um cinza claro e indefinível no início, a figura imune à força do vento ganhou consistência, tornando-se mais densa, cada vez mais escura, maior e ameaçadora.

O frio se tornou mais frio.

A penumbra se transformou em sombra.

E o medo, como um *iceberg*, cresceu e rolou em torno dela.

A Morte, a grande ceifadora da vida! Seria por acaso ela quem ali se materializava?

A adolescente tentou se mexer, porém, seu corpo não mais correspondia à razão.

Até o temor se mostrou amortecido, embora não completamente ausente. Alucinações à parte, o que seria aquilo? Um lobo? Um urso? Quando a coisa encontrou-se próxima o bastante, a palavra brotou tão naturalmente quanto o bramir da nevasca a sua volta: FANTASMA!

Devia ter ficado apavorada, porém, não ficou.

Devia ter gritado, todavia, não conseguiu.

Devia ter corrido, entretanto, como?

De seu canto, apenas esperou.

Aquilo era um espectro que pouco trazia de humano além dos contornos vagos, embora borrados. Mais miragem do que matéria sólida, contudo, mais denso do que a irreabilidade. Avançou indiferente às rajadas de neve.

O fraco campo de visão da jovem viu-se tomado pela escuridão crescente e, quando ela tomou conta de tudo, de seu interior, surgiu um enorme par de olhos. O choque atingiu o ápice. A consciência, enfim, entregou os pontos, e Kayla desmaiou.

Apagou o frio.

Apagou a neve.

Apagou o vento.

Apagou o horror.

Apagou o escuro.

Mais tarde — Quanto tempo? —, quando as cortinas de seus olhos tornaram a se erguer, o palco assim revelado a surpreendeu consideravelmente mais do que o fato de não haver perecido.

Não mais se encontrava à mercê do relento. Viu-se cercada por paredes de pedra e uma mobília pesada e escura de madeira. De castiçais requintados, mas tomados pela poeira, velas do diâmetro de seu punho queimavam, fazendo as sombras tremularem. Jazia sobre uma cama de madeira maciça e um colchão macio. Um cobertor grosso recheado de algodão protegia o corpo da friagem. O vento assobiava irrequieto através das frestas da janela como se procurasse por ela, como se a chamasse. Sem que ninguém lhe dissesse, adivinhou onde se encontrava:

— O castelo!

Ao que uma voz gutural emergiu do silêncio e respondeu dentro de sua cabeça:

"*Sim!*"

A adolescente se sobressaltou, sentando-se na cama. O móvel rangeu. Ela trouxe a coberta mais para perto do rosto num escudo inútil.

Num canto ao lado de um armário, uma sombra mais escura que as demais se mexeu.

"Não tema!"

Ato contínuo, imagens de um pesadelo recente brotaram na mente de Kayla. As trevas. Um toque gelado. Murmúrios. A impressão de flutuar. O farfalhar das coníferas. A ira do vendaval. E, sobretudo, um sentimento de tristeza e solidão, algo tão profundo que a fizera chorar. Não havia indignação ou raiva, mas uma angústia sem fim.

Sem saber como reagir, fez algo que a criança que um dia fora fizera inúmeras vezes: falou.

— Co-co-como?

"Eu a trouxe até aqui."

— Se-se-seu toque em meus braços...

"Eu sei. Tão gelado quanto o sopro de uma nevasca."

A adolescente pensou em outra comparação: tão frio quanto a Morte. Porém, não se fez externar.

A escuridão esperou.

Então, a jovem estava a salvo. A salvo? Recordação da avó e do que contara sobre o nobre do castelo retornaram. Dele e da filha aprisionada... Presa! Estaria Kayla fadada a um destino tão cruel e mais apavorante do que a moça da história? Assustou-se perante aquilo que estaria por vir.

Como se adivinhasse os pensamentos da jovem, a voz cavernosa ecoou no cérebro dela. Era como se originasse do fundo de um poço:

"Durma. Ao raiar do dia, deixá-la-ei na fronteira de sua vila."

— Sabe onde fica?

"Como eu não saberia? Em outro tempo, os ancestrais de todos os residentes me serviram."

— Fo-foi um soberano...

"Barão... Fui o Barão de Aramisse. Nunca ouviu falar?"

— Não... — confessou Kayla.

"Imagino que quiseram apagar meu nome, toda a minha memória."

— Nem toda...

E a adolescente contou sobre aquilo que sua avó um dia dissera. Depois que terminou, a atmosfera no interior do quarto pareceu se tornar mais fria a ponto dela procurar o calor sob a coberta. Algures, um soluço carregado de amargor pôde ser ouvido. Talvez tenha vindo dos corredores sombrios, do salão entregue ao mofo, das torres abandonadas, da adega coberta de teias de aranha ou do porão a exalar podridão e umidade. Ou, quem sabe, todo o castelo, acometido pelo isolamento e ciente da própria desgraça, tenha lastimado a própria sina.

Enquanto isso, do lado de fora, a mortalha da noite despejou-se sobre as montanhas, riachos e a floresta de árvores mortas. Frio e vazio foram realçados. A ventania ululou. A neve crepitava furiosa de encontro à janela. Assustadas, as chamas das velas tremeluziram sem, contudo, apagarem.

Por fim, o vozerio da entidade fez-se ouvir outra vez na mente da adolescente:

"O inferno tem muitas formas. Para Dante foi um oceano congelado tal qual o clima lá fora. Para mim, é passar a eternidade a confrontar os erros que cometi. Sim, numa época distante, eu tive uma filha parecida com você. Seu nome era Alba. Eu a adorava. No entanto, não fui um bom pai. Movido pelo ciúme, orgulho e arrogância,

arranquei dela toda a esperança de ter o amor, e, por extensão, de apreciar a vida em toda plenitude. Sim, eu tirei tudo dela, exceto uma coisa: a liberdade de Alba dar fim ao que de mais precioso possuía. Jamais pude imaginar que ela faria isso! Dessa maneira, a minha filha se livrou dos grilhões, e eu encontrei os meus. Por isso, fui amaldiçoado a vagar através desta terra morta até o fim dos tempos, como o sopro do vento, como as trevas da noite, como a bruma rente ao chão. Agora, não passo de um eco pálido e desgastado de um passado longínquo, de uma era que já morreu, mas cuja essência ainda vive em mim."

A tragédia fazia-se tão lancinante que, por um momento, a jovem se esqueceu de seu terror e do extraordinário da situação. Apiedou-se daquela alma torturada, destinada a vagar para sempre pelas ruínas do castelo, dos precipícios ou dos bosques gelados.

— Deve ter um modo do senhor se livrar do abismo e ir para a luz!

"Ah, criança de espírito gentil! Não há sequer um orifício de luz na escuridão na qual me encontro, nenhuma estrela polar a me orientar nas altas latitudes. Estou à deriva. Mas fiz por merecer e carrego o meu pesado fardo resignadamente. Não me sobrou mais nada. Às vezes, o abismo é tudo o que nos resta. Agora, dentro do possível, procure descansar. Amanhã, reencontrará a sua família e retornará à luz."

A escuridão no canto do quarto desapareceu como que absorvido pelas paredes. As velas se aquietaram, assim como as sombras. Até o vendaval moderou a sua passagem. E o quarto, outrora tão frio, tornou-se acolhedor.

Por mais inquietos que estivessem os pensamentos da adolescente, Kayla, tomada pela exaustão, deixou-se levar pelo rio do sono para os braços de Morfeu. Uma última dúvida a conduziu: iria despertar?

A neve caiu.

O vento uivou.

A friagem gelou.

O silêncio imperou.

A madrugada avançou.

Ao tornar a abrir os olhos, a jovem percebeu duas coisas. A primeira — e mais evidente —, era a de que continuava viva. A segunda, foi a de que o espectro do nobre senhor cumprira a palavra. Era de manhã, e o Sol despontava para um céu turquesa sem nuvens. A nevasca terminara, todavia, o branco predominava na paisagem temperada. Havia o familiar odor de início de inverno no ar. A vegetação era viva, provida de folhagem espinhosa e coberta de neve. Encontrava-se apoiada ao tronco de um pinheiro, em cima de um leito de palha seca, na borda da vila e, ao seu lado, o guarda-chuva azul. De seu ponto de vista, por entre os ramos e a névoa rasteira, podia admirar fumaça a sair das chaminés e até sentir o aroma de pão e bolo recém-saídos do forno. Pôs-se de pé, pronta a retornar para casa. Foi quando um calafrio inesperado indicou não estar sozinha. Virou o rosto de um lado a outro até se atentar ao tronco caído de uma árvore próxima. Seu interior era oco e, lá, uma escuridão maior do que a noite se alojara.

"Vá com cuidado", murmurou a coisa dentro de sua cabeça.

Kayla preparou-se para partir. No entanto, algo dentro dela a impediu. Parou por um instante, voltou-se para as trevas e falou:

— *Obrigada, Sr. Barão de Aramisse!*

E o abismo respondeu:

"Oh, sempre gentil! Salvá-la tornou meu castigo mais leve, e fez a eternidade valer a pena."

A seguir, a escuridão sumiu, cedendo lugar ao interior oco de um tronco absolutamente normal, mesclando-se à bruma, tornando a fazer parte dela.

A salvo, Kayla, a adolescente, correu para casa, receosa da bronca que iria levar, mas ansiosa pelo incrível relato que iria contar. Pensou:

"Pena ter vovó Mirttes morrido no ano passado. Agora, seria eu quem teria uma história de medo para lhe contar." Fez uma pausa, refletiu e se corrigiu. "Não, não medo, contudo traria um epílogo à história do castelo amaldiçoado no alto do penhasco."

Por várias noites seguidas, a jovem orou. Agradeceu a Deus e ao espírito do soberano. Pediu para que, algum dia, fosse-lhe permitido emergir das profundezas do abismo em direção à luz. Quiçá, a mesma luz a banhar a alma da filha Alba a quem a felicidade fora negada. Dar-lhe-ia o perdão? Quem sabe? Afinal, em um mundo impossível, até o impossível poderia ser alcançado.

NOTA DO AUTOR:

O texto da folha escrita por D. Mirttes quando jovem, na verdade é de autoria de minha prima em segundo grau, Mirttes Okabe e foi escrito no início de 2018. Ela descreveu para a mim a cena que vislumbrara de seu apartamento no Japão após tirar uma foto. Eu gostei tanto dele que o preservei e, mais recentemente, pedi a ela autorização para reproduzi-lo, caso surgisse uma oportunidade para encaixá-lo em uma história. Aqui está... Obrigado, Mirttes! (RS, 03/04/2025)

Sobre Roberto Schima: Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os *pockets* da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital

LiteraLivre, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Particpei de trezentas e sessenta e três antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclapp.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



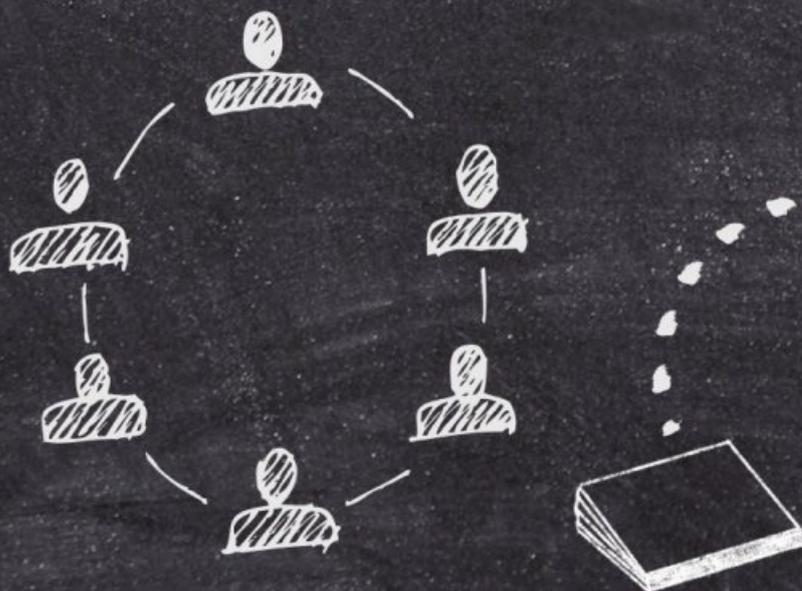


MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



APRENDA COM

CONEXÃO
GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica



www.instagram.com/conexaogramatica

POR SIMONE BASTOS PAIVA

PLANOS QUE MUDAM



Em uma linda cidade litorânea residiam duas jovens — Susan e Sara — com suas famílias. Conheceram-se na infância, na década de 1970, e tinham um padrão de vida mediano, de modo que usufruíam de certo conforto material, sem, todavia, excessos ou luxos. Eram amigas e compartilharam nas várias fases da vida, as brincadeiras, os amigos, os passeios, as festas, os estudos, as experiências, as alegrias e as tristezas.

Na infância, combinavam com euforia os planos de férias que incluíam: prática de esportes na praça do bairro, filmes nas matinês dos cinemas, lanches com os amigos e excursões a parques temáticos. Também programavam temporadas na casa de praia dos pais de Susan, que declarava: *Vamos convidar nossos amigos mais próximos para conhecer a Prainha. — Com certeza, nos divertiremos bastante caminhando na praia, olhando os barquinhos de pesca e tomando banho de mar ao entardecer*, respondia Sara.

Na adolescência, elaboravam planos de viagens. Escolhiam lugares turísticos para visitação com a família. Adoravam conhecer paisagens novas, culturas diferentes, sabores especiais... Nessa fase, tiveram a oportunidade de percorrer cidades históricas e modernas, rurais e urbanas; acumularam memórias inesquecíveis. — *Para onde será nossa próxima viagem? Acho que poderíamos ir a uma cidade que tivesse passeios na natureza e banhos de cachoeira, o que achas, Sara?* Sempre indagava Susan, no retorno. — *Sim, gosto bastante dessa ideia ou poderíamos visitar uma cidade serrana no inverno, para ver a neve caindo e tomar um chocolate quente* — dizia a amiga.

No início da vida adulta, elas começaram a se preocupar com o futuro e conversavam sobre os planos acadêmicos e profissionais. Estudaram juntas todos os ciclos do ensino, distanciando-se, apenas, ao ingressarem no nível superior, posto que tinham vocações e interesses diferentes. Susan direcionou a sua formação para a licenciatura em Matemática e Sara formou-se em Administração de Empresas.

Susan dedicou-se ao magistério e a sua rotina era tomada por planos de cursos e planos de aulas, preparados para os seus alunos do ensino médio. Preocupava-se com a incorporação de novos métodos e recursos tecnológicos no processo de aprendizagem. Por sua parte, Sara, que tinha um perfil gerencial, assumiu a gestão da empresa da sua família, no ramo de restaurante de comidas regionais. Ela atualizou o plano de negócio, incluindo inovações tecnológicas, o que aumentou o faturamento. Com o resultado alcançado, dedicou-se a elaborar um plano estratégico de marketing para melhorar a visibilidade digital e fortalecer a marca empresarial.

As amigas estavam bastante atarefadas nessa época, mas, apesar da escassez de tempo, vez por outra, encontravam-se para um *happy hour*. Conversavam, riam, brindavam e, claro, dividiam com a outra os novos planos de vida. Estavam na faixa dos 30 anos e surgiram, naturalmente, outras demandas. Debatiam sobre os planos de formar uma família, de comprar uma nova moradia, de realizar novos cursos... divagavam nos seus sonhos e idealizavam o momento de novas conquistas e responsabilidades, que se anunciava.

Susan preferia focar no crescimento profissional, construir uma carreira acadêmica, realizar uma pós-graduação no exterior, para depois explorar outras situações na vida. Por seu lado, Sara pensava em realizar o mais rápido possível os seus novos planos profissional, acadêmico e pessoal. — *Acho difícil e desgastante investir em várias coisas ao mesmo*

tempo... — alertava Susan. — Sei que não será fácil... mas tenho vontade e ânimo para executar vários projetos, em paralelo... pelo menos vou tentar, replicava a ansiosa Sara.

Enquanto conversavam, elas notavam que seus planos se diferenciavam. Ainda que existisse uma amizade autêntica que as unia, o novo ciclo de amigos, as novas experiências, os novos interesses, o tempo... distanciaram as amigas, que progrediram em seus planos de vida.

No âmbito profissional, além de professora, Susan tornou-se uma importante pesquisadora na sua área. Formou uma ampla rede de contatos e tem amigos em vários países. Passou a morar em uma metrópole, onde vivia com o seu parceiro, sem filhos. Em uma pacata cidade serrana, de médio porte, Sara abriu o seu próprio restaurante *gourmet*, após um curso de aperfeiçoamento. Divorciada, mora com os seus dois filhos adolescentes.

E, assim, devido às rotinas intensas, seus novos planos de vida ficaram estagnados no tempo. De modo que, por um longo período, os únicos planos de que se ocupavam eram os planos de saúde, visando ao bem-estar familiar, também, os planos para atender às emergentes necessidades tecnológicas de comunicação e lazer, tais como, planos de internet, planos de *streaming* e outros serviços.

O tempo passou, a aposentadoria chegou e, por coincidência, elas voltaram a residir na cidade onde nasceram e passaram a infância. Casualmente, as amigas, já grisalhas, reencontraram-se; quase não se reconheceram. Conversaram brevemente sobre as mudanças nas suas vidas. Susan estava um pouco abatida. — *Por que estás triste?* — Sara perguntou. *Minha genitora fez a travessia há alguns meses... ainda não me recuperei* — respondeu-lhe. *Entendo... sei bem o que estás passando. Há alguns anos, perdi o meu pai e ainda sinto quando penso nele. O tempo acalmará o seu coração...* — confortou-a, Sara.

A conversa foi interrompida pelo atendente. Estavam em uma empresa funerária contratando um plano assistencial fúnebre, preocupadas com o futuro, apesar da estrada que ainda pretendiam percorrer. Estavam em boa condição física, mental, espiritual... e dispostas a novos recomeços.

O reencontro reanimou as amigas e despertou-lhes um sentimento de urgência. Resolveram retomar os seus planos de viagens para algum destino especial. Quem sabe fazer o Caminho de Santiago de Compostela, praticar yoga em um ashram indiano, saborear um vinho do Porto ao som de um fado, em Lisboa, passear às margens do rio Sena em Paris, dançar um tango na Argentina...? Em breve, decidiriam. Só tinham uma certeza: nada mais deveria ser adiado!

Simone Bastos Paiva - natural da cidade de João Pessoa, Paraíba. Bacharel em Ciências Contábeis (UFPB) e Pós-Graduação em Administração (UFPB).

Atuou como professora universitária por quase 30 anos, na UFPB. Publicou contos, crônicas e poesia em Coletâneas e Revistas Nacionais.

Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES

ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br



**Gente
que ama
livros de
terror.**

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades

por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



FERNANDO

PESSOA

COLECIONE



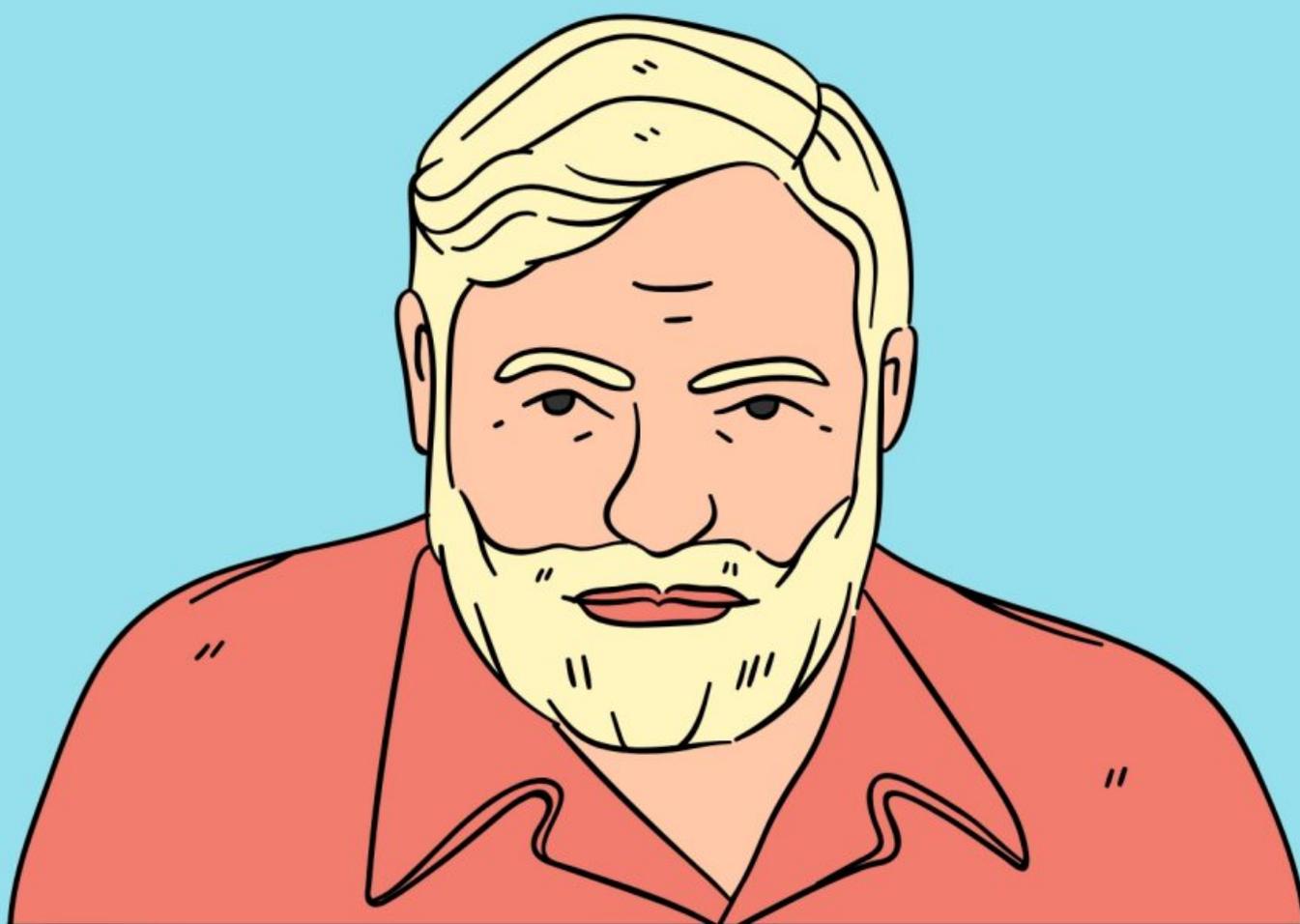
Fernando Pessoa, nascido em 1888, foi um poeta e escritor português. Era conhecido pelo seu estilo único e pela utilização de múltiplas personas literárias. Pessoa escreveu sob vários pseudônimos, cada um com a sua voz e perspectiva distintas. As suas obras exploravam temas como a identidade, os sonhos e as complexidades da existência humana. A poesia e a prosa de Pessoa eram profundamente introspectivas e instigantes. É considerado uma das grandes figuras literárias da língua portuguesa.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ERNEST

HEMINGWAY

COLECIONE



Ernest Hemingway, nascido em 1899, foi um escritor americano conhecido por seu estilo de escrita conciso e vida aventureira. Escreveu obras notáveis como "O Velho e o Mar" e "O Sol Também se Levanta". As histórias de Hemingway frequentemente retratavam temas como coragem, honra e o impacto da guerra. Ele se inspirava em suas experiências como jornalista e em seu amor por atividades ao ar livre, como pesca e caça. A prosa direta e os personagens fortes de Hemingway tornaram suas obras populares.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**AMOR
PELOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2025

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+790 MIL +248 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org

Aos cuidados de Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa Fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores. CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:
e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.07.2025



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 115 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ | CLIQUE AQUI |

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd